

JEAN LAUAND

ESTUDOS KEIRSEYANOS

[SÉRIE COLLECTANÆ - VOL. 4]

[SELEÇÃO DE ARTIGOS]



EDIÇÕES CEMOROC
(CENTRO DE ESTUDOS MEDIEVAIS
ORIENTE & OCIDENTE - FEUSP)
2024

Copyright © 2024 do autor
Todos os direitos reservados.

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue
University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, Jean ..
Estudos Keirseyanos - Série *Collectanea* vol. 4; São Paulo: Cemoroc, 2024
ISBN 978-65-01-11187-2 .
1. Psicologia 2. Filosofia 3. Educação I. Título

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

Apresentação – Sylvio R. G. Horta	005
“ <i>Vigencia</i> ” e educação – a ditadura da extroversão	011
A expressividade do brasileiro [o brasileiro como ESFP]	043
Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características I (os SP) – (em coaut.)	97
Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características II (os SJ) – (em coaut.)	119
Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características III (os NF) – (em coaut.)	143
Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características IV (os NT)	175
Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses – (em coaut.)	193
Pessoa, identidade, auto-realização e identificação - o reconhecimento de Jesus (...) – (em coaut.)	227

Reflexões sobre o teste de Keirsey: traduzir ou traduzir ou comentar? – (em coaut.)	249
Apêndice	
Nota metodológica: tipos não são conceitos	271
Anexo I – Brincando com os tipos de Keirsey	
Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?	279
Por que a galinha atravessou a rua?	282
Orações dos diversos tipos	283
Anexo II – Os 4 temperamentos e os 16 tipos segundo a forma do antigo original do site oficial de DK	
Os 4 temperamentos na forma original do site de DK	285
Os 16 tipos na forma original do site de DK	293

Apresentação – *Collectaneae*: organizando em livros seleções de artigos de Jean Lauand – 4

Sylvio R. G. Horta
Vice-Coord. área de Chinês (Dlo-Fflchusp)
Editor de Internet do Cemoroc

Jean Lauand é Professor Titular Sênior da Feusp, fundador e presidente do Cemoroc. Professor pesquisador da Universitat d'Alacant (Espanha) e da Universidade do Porto (IJ, de 2003 a 2019). É membro da Real Academia de Letras de Barcelona (correspondente). É também professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Algumas de suas especialidades serão enumeradas ao elencarmos os temas desta coleção.

Trata-se de um professor incomparável. Nos seus 29 anos de magistério na FEUSP (até aposentar-se em 2009 e, desde então, continuar como professor Sênior na Pós-Graduação), foi em mais de 20 ocasiões formalmente distinguido pelos seus alunos: como Patrono dos formandos (5 turmas levam seu nome), como Paraninfo (em 8 formaturas) e como Professor Homenageado (10 vezes)!

No *Dedalus*, sistema de bibliotecas da USP, na busca pelo autor Jean Lauand, encontramos mais de 800 publicações (mais da metade são artigos científicos). No currículo Lattes do autor, encontram-se referenciados 540 artigos (433 científicos e 107 em revistas, jornais etc.)

A imensa maioria desses estudos foram publicados nas diversas revistas (algumas hoje desativadas) que o Cemoroc fundou desde 1997 (<http://www.hottopos.com>) e encontram-se disponíveis na Internet: Revista Internacional d’Humanitats, Notandum, Conventit, International Studies on Law & Education, Mirandum, Collatio, Videtur etc.

Pareceu-nos bem aos Diretores do Cemoroc agrupar tematicamente em livros, seleções desses artigos para facilitar aos estudiosos da imensa produção de nosso Presidente a pesquisa sobre sua multifacética obra – os e-books facilitam imensamente a busca por palavras-chave. A coleção em geral mantém a forma original de cada artigo (alguns reedições de originais bem antigos), mesmo com a ocorrência de algumas inevitáveis repetições de uns quantos parágrafos e exemplos.

O plano da série *Collectaneae* – neste caso, uma “Lauandiana” – comporta grandes temas (que naturalmente não são estanques...) desse autor como os seguintes:

Estudos Tomasianos

Estudos Pieperianos

Estudos Árabes

Estudos Keirseyanos

Religião e Sociedade

Estudos sobre a Linguagem

Quem acompanha a obra do Prof. Jean Lauand sabe muito bem da originalidade e pioneirismo do autor em seus artigos e com esses agrupamentos poderá melhor aprofundar em suas contribuições.

Nota sobre este volume 4

O norte-americano David Keirsey foi um dos mais destacados psicólogos de nosso tempo (1921-2013). Na linha dos “Tipos Psicológicos” de Jung e das contribuições de Myers-Briggs, sua própria tipologia se enriqueceu com a contribuição específica dos Temperamentos.

A partir dos binômios estabelecidos pelos citados antecessores, DK inova, agrupando os 16 tipos psicológicos (estabelecidos por Myers-Briggs) em torno de 4 “famílias” de temperamentos: SP, SJ, NF e NT. DK recupera assim, de modo totalmente inovador, a milenar doutrina dos temperamentos (ainda hoje cultivada com a terminologia arcaica em certos setores...!).

Como o leitor verá nesta obra, esses 16 tipos (ISFJ, ENTP etc.) surgem da combinação de 4 pares de fatores, em torno das preferências de cada pessoa por um dos elementos dos pares: I/E (Introversão / Extroversão), S/N, F/T e J/P.

Embora DK dê nomes a cada um dos 4 temperamentos (SP–*Artisan*, SJ–*Guardian* etc.) e dos 16 tipos, Lauand prefere designá-los pelas siglas, pois considera que os rótulos podem mais desorientar do que ajudar (como por exemplo, usar *Artesão* para designar o temperamento SP!). Afinal, diz ele, convivemos muito bem com inúmeras siglas das quais não sabemos seu significado exato, como pode ser o caso de Conmebol, a “http” da Internet, Fifa etc.

A teoria de DK teve enorme impacto em seu país e em todo o mundo: seu livro fundacional, “Please Understand

Me”, vendeu mais de 4 milhões de cópias e, segundo o site oficial – www.keirsey.com/ – é utilizada em todos os ramos das Forças Armadas (além de inúmeras empresas – mais de 75% das 500 maiores corporações dos EUA –, escolas, igrejas etc.) e – sempre seguindo o site de DK – mais de 100 milhões de pessoas em mais de 170 países já a experimentaram.

Nos anos de 2013 e 2014, quando foi convidado para proferir “A expressividade do brasileiro – o brasileiro como ESFP” (recolhida neste volume) – conferência de abertura das semanas de “*Arrival orientation*” para os bolsistas americanos da Fulbright recém-chegados ao Brasil – Lauand pôde constatar a familiaridade que aqueles graduados tinham com os 16 tipos empregados por DK, que sabiam muito bem o que era um ISTJ, ENTP ou ESFP etc.

Lauand lidera o único grupo do CNPq que contém tematicamente uma linha de pesquisas sobre DK, à qual tenho o privilégio de pertencer, junto com outros de seus ex-orientados: Alexandre Medeiros, Chie Hirose e Nádia Vianna (Pós-doutorados Feusp) e Enio Starosky (doutorado Umesp). Não é de estranhar, portanto, que vários dos artigos deste volume sejam em coautoria (tive a honra de colaborar em dois deles). Esses – e outros membros do Cemoroc – têm publicado dezenas de estudos sobre a teoria de David Keirsey (cf. www.hottopos.com/convenit36/14KeirseyAle.pdf).

Nos artigos aqui selecionados – com o mérito adicional de serem voltados especificamente ao público brasileiro –, o leitor encontrará uma esclarecedora apresentação da teoria de DK, que oferece uma rara oportunidade de compreensão: a análise de muitas

pessoas/personagens representativas de diversos dos 16 tipos, com aquele incomparável senso do concreto (repleto de referências a canções, notícias do dia, anedotas, quadrinhos, etimologias e tiradas sobre a linguagem etc.) que torna leve a profunda erudição e a docência de nosso autor (tenha-se em conta que, sendo os estudos keirseyanos ainda incipientes entre nós, é especialmente inevitável a repetição de certas explicações de conceitos básicos e exemplos particularmente importantes).

Outra nota distintiva da didática desses artigos é um agudo senso de humor, como nos dois estudos que abrem esta edição de *Collectanea*: a “ditadura da introversão” e o já citado “Brasileiro como ESFP”, além das hilariantes apresentações – no Anexo I – relacionando os tipos com as clássicas piadas de “Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?”, “Por que a galinha atravessou a rua?” ou o modo como cada um faz suas orações.

O tom ameno e divertido dos artigos é acompanhado do mais cuidadoso rigor científico, sem o qual seria problemático falar por exemplo em “o brasileiro” (neste caso, Lauand sabiamente atém-se às *vigencias* de Ortega) ou até mesmo em tipos. Nesse sentido, o Apêndice “Nota metodológica: tipos não são conceitos” é uma criteriosa reflexão, legitimadora do procedimento tipológico em geral, para além mesmo do caso de DK.

Os 4 capítulos intitulados “Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características (I, II, III e IV)”, cada um dedicado a um dos tipos de temperamento (SJ, SP, NF e NT) trazem referências à classificação keirseyana de

inúmeras celebridades e algumas detalhadas análises de casos como os de Guga Kuerten, Neymar Jr., Geraldo Alckmin, Che Guevara etc. etc.

Claro que nesses capítulos emerge também o contraste entre os temperamentos e tipos, o que ajuda muito à compreensão de cada um deles, como no magistral confronto (ISTJ x STP) entre o “Velho do Restelo” x Vasco da Gama, de “Os Lusíadas” ou entre Bento XVI e o papa Francisco – que remete a São Bento x São Francisco de Assis.

Tudo isso está de acordo com o posicionamento de Lauand, que – científica e pedagogicamente – propende muito mais a um compreender (*Verstehen*) do que a aplicação de testes (o famoso *Sorter* de DK) de alternativas...

Um valioso “bônus” que este livro oferece é a apresentação de preciosos textos antigos do site oficial de DK (<https://www.keirsey.com>), hoje suprimidos: o Anexo II recolhe a caracterização de cada um dos 4 temperamentos e dos 16 tipos. E, no artigo “Reflexões sobre o teste de Keirsey”, recolhe-se a versão original (em inglês e espanhol) do *Sorter*, questionário para autoidentificação dos pares de fatores, temperamento e tipo.

O livro, privilegiando a aplicação à Educação, busca, para além do mero âmbito “acadêmico”, proporcionar uma contribuição humanista: dar as bases para uma maior compreensão do “outro” e de si mesmo.

São Paulo, 5 de agosto de 2024

[Este artigo, escrito há 20 anos, foi o primeiro do autor sobre DK. Focando no par keirseiano Introversão/Extroversão (abrev.: I /E), foi nele, provavelmente, que surgiu primeiramente a expressão “ditadura da extroversão”, que, a partir de então, passou a ser amplamente utilizada por muitos outros autores.]

“Vigência” e Educação – a Ditadura da Extroversão

Introdução

Dentre as minorias discriminadas, excluídas ou mesmo perseguidas, há uma que parece ser a mais indefesa: a dos introvertidos, a daqueles que - para além das diferentes cargas teórico-técnicas¹ e valorativas que impregnam a palavra “introversão” (para não falar em “timidez” etc.) - são literalmente *intro-versos*, isto é, dirigidos a seu próprio interior (e não ao exterior, à exposição social, ao *environment*, à multidão...).

Vale a pena, para os propósitos deste artigo, a descrição da introversão elaborada por David Keirse:

¹. A título de curiosidade, lembro que a palavra “introversão” é moderna e foi muito usada originalmente na linguagem religiosa-mística. Por exemplo, em Wesley (1788): “The attending to the voice of Christ within you is what the Mystics term Introversion” (cf. OED).

And so to make the Extraversion-Introversion distinction useful at all, we must define the two concepts, not in terms of mental focus or interest, but in terms of social address or social attitude. Thus when someone is observed to be talkative and sociable (the so-called “extravert”) he or she can be described as “expressive.” In contrast, people who are more quiet and private (the so-called “introverts”) can be described as “reserved.” Interestingly, because Reserved persons tend to hold their fire verbally, they tend to listen carefully to what others say, while Expressive persons tend not to listen very well, so eager are they to tell others of what they have on their minds. So in general, the Expressive are quick to speak and slow to listen, while the Reserved are quick to listen and slow to speak. Of course, everyone is expressive in some degree, but not in the same degree. Those who are more expressive appear more comfortable around groups of people than they are when alone. Thus they can also be thought of as socially gregarious or outgoing. On the other hand, those who are more reserved seem to be more comfortable when alone than when in a crowd. And thus they can be thought of as socially seclusive or retiring. Remember, however, that these distinctions are not clear cut: each individual surely varies from time to time in his or her desire to be expressive and in company or reserved and in seclusion. A

metaphor might shed light on this difference. Imagine that a person's energy is powered by batteries. Given this, then Expressive persons appear to be energized, charged up, by contact with other people. Owing to the surge they get when in company, they are quick to approach others, even strangers, and talk to them, finding this an easy and pleasant thing to do, and something they don't want to do without. Such interaction apparently charges their batteries and makes them feel alive. Thus, when they leave a lively party at two o'clock in the morning, they might well be ready to go on to another one. Their batteries are almost overcharged, having received so much stimulation from the social interaction. In fact, quiet and seclusion actually exhaust the Expressive, and they report feelings of loneliness (or power drain) when they are not in contact with others. For example, if an Expressive person goes to a library to do research in the stacks, he or she may, after fifteen minutes or so, feel bored and tired, and have to exercise strong will-power to keep from taking a short brain break and striking up a conversation with the librarian. On the other hand, Reserved persons can be said to draw energy from a different source. They prefer to pursue solitary activities, working quietly alone with their favored project or hobby, however simple or complicated it may be, and such

isolated activities are what seem to charge their batteries. Indeed, the Reserved can remain only so long in contact with others before their energies are depleted. If required by their job, family, or social responsibilities to be expressive or outgoing - to make a great interpersonal effort - they are soon exhausted and need alone time in quiet places to rest and to restore their depleted energy. Thus, if Reserved persons go to a noisy cocktail party, after a short period of time - say, half an hour - they are ready to go home. For them, the party is over, their batteries are drained. This is not to say that the Reserved do not like to be around people. They enjoy socializing with others, but at large social gatherings or professional meetings they tend to seek out a quiet corner where they can chat with one or two other persons. There is some social bias toward expressiveness in American social life, but Reserved persons have no reason to feel that there is anything wrong with them, and should be sure to provide adequately for their legitimate desire for quiet time to themselves. (<http://keirse.com/pumII/ei.html> Excerpted from *Please Understand Me II*, by David Keirse)

É fato evidente (pelo menos para os introvertidos que o sofrem na pele diariamente...) que nossa sociedade endossa

as atitudes de extroversão, de “sociabilidade”, e não aprecia os valores da introversão. A propósito dessas preferências, Keirsey recorda o caso daquela senhora que protestou: “*My daughter is **not** an introvert. She is a lovely girl!*”².

Certamente, não se trata de uma perseguição proativa ou planejada (e nem mesmo consciente...), mas de uma discriminação que vai se exercendo, de modo natural e espontâneo, por meio da institucionalização de critérios e formas de relacionamento pautadas quase que exclusivamente pelos padrões dos **E**, sem que os próprios atingidos tenham clara consciência da existência de quão injustas são as limitações que os afligem. Ao contrário das crescentes restrições impostas em todo o mundo à minoria dos fumantes, não se trata aqui, como é óbvio, de restrições legais: não está proibido ou taxado ser **I**, nem o ministério da saúde adverte contra os males da introversão.

A força das vigências

Para ir direto ao ponto: a ditadura da extroversão se exerce - para usar o fecundo conceito de Ortega y Gasset - por meio de *vigências*; e as vigências são as dos **E**.

Ninguém melhor do que Julián Marías para recordarmos o significado e o alcance das vigências em nossa vida:

². In Keirsey, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 16.

A sociedade exerce uma grande pressão. Em alguns sentidos trata-se de uma pressão difusa: é a pressão que exercem as vigências, os usos sociais, que de certo modo configuram nossa vida e tiram-lhe a espontaneidade, tiram-lhe uma certa autonomia, ao mesmo tempo que a regulam e lhe propiciam facilidades.

É evidente que a sociedade me dá já prontas muitas soluções para problemas como por exemplo o que se deve vestir. Se cada vez eu tivesse que inventar a roupa que vou usar, isso seria bastante complicado, daria muito trabalho..., mas há um uso social, as pessoas se vestem de certo modo: para os homens, por exemplo, a escolha é muito limitada (sei lá, alguém pode querer usar um paletó listrado, com botões na manga...; noutros casos, há mais margem de escolha..., mas, enfim, há um padrão geral).

Há, também, por exemplo, usos alimentícios, que são muito importantes: não inventamos o que vamos comer no café da manhã, cada país já tem o seu desjejum habitual, em cada sociedade existe um uso habitual que estabelece o que se come na refeição matinal. Eu me lembro, por exemplo, que nos Estados Unidos é muito frequente comer ovos no *breakfast* - eu os comia e me parecia ótimo. Mas era difícil conseguir ovos na hora do almoço ou do jantar, não era comum, porque não era costume: em geral as pessoas comiam os ovos de manhã, no

desjejum. Se em algum lugar qualquer da Espanha alguém pedir sardinhas para o café-da-manhã... terá certamente problemas; agora, se quiser um café com leite ou algo parecido, então será muito mais fácil...

Portanto, isso que por um lado automatiza a vida, por outro, a facilita. Trata-se de uma pressão, repito, ambiental, difusa, mas que condiciona os modos de vida.³

Se as vigências condicionam o que podemos vestir ou comer, condicionam ainda mais nosso modo de relacionar-nos com os outros. E numa sociedade em que as vigências são determinadas pelos **E** - a ditadura da extroversão - os **I** sofrem. Certamente, há diversidade de graus - a ditadura assume formas distintas, digamos, no Rio de Janeiro ou em Curitiba; na Espanha ou em Portugal -, mas as vigências sempre são dos **E**.

Vigências da extroversão: festas, reuniões...

Pense-se, por exemplo, na tortura que são para o **I** as vigências que regulam as festas e reuniões, em sua existência, faixa de duração, grau de exposição social etc.

Existência. O **I** se pergunta: onde é que está escrito que deva haver, por exemplo, (ao menos no formato vigente) festas de formatura?! (E as há não só para a conclusão de

³. Marías, J. "A Moralidade Coletiva", conferência proferida em Madrid em 15-04-98, em: http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm.

curso superior, mas também para ensino médio e fundamental e, mais recentemente, até de prezinho!!). Por mais que se esforce, o **I** não consegue encontrar um único argumento racional que justifique a existência dessas festas (em todo caso, que durassem no máximo meia hora), com os sacrifícios que ela costuma trazer consigo: não só a dificuldade de deslocar-se, estacionar, passar horas aguentando intermináveis discursos e as breguices dos mestres de cerimônia contratados, as brincadeiras tolas dos formandos... Tudo isto para depois entrar na fila da felicitação e no final da cerimônia, ir comer uma pizza⁴ com a família do novo graduado etc. Mas é a vigência. Vigência que vige e obriga a arrumar uma boa desculpa - se queremos preservar a amizade - caso se queira escapar.

Vigência que se fortalece e se estende impondo o comparecimento a celebrações de parentes não tão próximos e mesmo a meros conhecidos. Em vão o **I** tentará defender sua fobia diante da pressão da autoridade do cônjuge, ou dos pais (ou filhos...) etc.; autoridade avalizada pela vigência.

O quadro se mostra mais grave quando lembramos o dado de Keirsey: **I** costuma casar com **E**... E se o **I** for criança, é muito frequente que tenha pai e mãe **E**... É oportuno registrar, desde já, que o **I** não tem nada contra as festas ou reuniões em si, tomadas de modo puramente abstrato: se os **E** gostam dessas reuniões, que as organizem e façam bom proveito... Mas, nas formatações vigentes, pelo

⁴. Aliás, a própria pizza, já é algo que puxa para a extroversão. Uma pizza (pelo menos as paulistanas), em geral, requer ao menos três pessoas para consumi-la. Daí a expressão “acabar em pizza”, para designar a reconciliação de adversários em torno da comida comunitária.

amor de Deus: “me poupe”, “me risca” “me inclui fora dessa”, “deixem-me em paz!”.

Infelizmente, quanto mais o **I** tenta subtrair-se às exposições sociais, mais aumenta o empenho dos **E** que o amam (?) em enquadrá-lo nos padrões “normais”. É até mesmo um desafio: se levar um **E** numa reunião vale, digamos, de 1 a 5 pontos; conseguir a presença do **I** vale 100 pontos (daí a razão adicional para o hermetismo da introversão: ceder às pressões de um convite é abrir um perigoso precedente: “Você foi ao aniversário de Fulano e no meu você diz que vai ver se pode...!!”). Compreende-se, assim, também o interesse adicional da obsessão dos **E** pelos **I** e o nível radical das recusas dos **I**.

Para conseguir a presença dos **I**, autêntico troféu, os **E** valem-se de todos os tipos de pressão, sem excluir a chantagem emocional: “Você odeia os parentes”, “Você tem vergonha de aparecer comigo”, “Todo lugar em que eu vou, eu vou sozinha (/o), pareço viúva (/o; orfã /o)”, etc. Chega uma hora em que se vence pelo cansaço e as novas cobranças e queixas serão, num próximo momento, em relação ao fraco “desempenho social” (“Você parece um urso”, “Nem chegamos e você já quer ir embora”, “Só encontrar os parentes, você fica de cara fechada” etc.) e, finalmente, a tentativa de demonstrar exaustivamente para o **I** que a festa foi ótima e obter dele reconhecimento e até gratidão e... uma menor resistência para comparecer na(s) próxima(s)!

O mesmo sofrimento atormenta o **I** no fim do ano: a vigência de ter de externar desejos de boas festas para uma multidão de parentes, colegas, vizinhos e profissionais que

saem do anonimato nessa época. Em períodos normais, o **I** defende-se, ou tenta se defender por meio de todo um complexo sistema de “sensores” e “radares” pessoais, que o leva a esquivar-se de cruzar com as multidões (tenha-se em conta que, em alguns casos, duas ou três pessoas - ou até uma só - são, para ele, multidão): ele não se importa por exemplo de chegar ao trabalho antes da massa dos colegas ou de entrar por portas menos frequentadas, tomar o cafezinho mais frio, mas longe da multidão, etc. tudo para subtrair-se à “social”, que, para os outros, é fonte de prazer.

Assim, ante a proximidade de um ou mais **E** grudentos, os sensores do **I** indicam-lhe que faça estratégicas mudanças de percurso nos corredores, saídas pela varanda, simulação de conversas intensas com terceiros mais inofensivos (até que passe o perigo dos **E...**), ou mesmo entrar sem razão em uma sala, fingindo, por exemplo, procurar um objeto, só para evitar a rota de colisão com um **E**. Como os **E**, por sua parte, fazem o joguinho complementar (que a língua espanhola expressa por: “*hacerse el encontradizo*”), por vezes o **I** é apanhado e, literalmente encurralado, e aí chega a passar fisicamente mal ante a exposição à descarga de extroversão a que é submetido.

Não que o **I** não se importe com os colegas; talvez até nutra por eles uma solicitude e um afeto mais profundos do que o dos **E**; afeto cultivado no recolhimento de sua personalidade. Mas uma coisa é gostar das pessoas; e outra, muito diferente, é ter de ficar indagando (e sendo indagado...) por assuntos de caráter privado ou que não interessam (ou não deviam interessar) senão à esfera pessoal de cada um. Sua territorialidade. Claro que ele fica contente em saber,

digamos, que o colega descansou no carnaval e passou dias maravilhosos na pousada tal; e agradecerá sinceramente a dica de viagem etc. Mas daí a ter de ficar percorrendo todo o álbum de fotos ou respondendo a interrogatório sobre onde ele mesmo passou esses dias (e com quem, saiu fantasiado do quê etc.) há anos luz de distância.

Mas voltemos às festas de fim de ano. Quando chega o fim do ano, a vigência da forma da festa de Natal, obrigá-lo-á a aguentar toda a parentada (de primeiro, segundo e terceiro graus) além de ter de interagir com desconhecidos que passaram a integrar o clã (o marido da prima Fulana, o namorado de Sicrano etc.). Isso para não falar de clãs que se estendem para as colônias do país de origem dos avós, grupos de oração, a turma do jogo de bocha etc.

As vigências de duração. Quinze minutos ou meia hora de permanência numa festa seria o que o **I** naturalmente poderia suportar, mas ele pode se sujeitar a ficar mais tempo porque seria extremamente trabalhoso inventar desculpas e tentar sair antes das duas ou três horas “normais”, o mínimo permitido pela vigência... A tentativa de justificar a saída “precoce” poderia até causar penosos dissabores para o **I**: o **E** dono da festa poderia vingar-se denunciando em altas vozes a tentativa de fuga e expondo ainda mais o **I**.

Os exemplos podem multiplicar-se em inúmeras instâncias da vida social. A ditadura da extroversão invadiu a própria Igreja. Um conhecido meu, **I** de carteirinha, confidenciava-me que ele descobriu que o Código de Direito Canônico exige para o casamento religioso simplesmente duas testemunhas. Parece incrível, mas é verdade: para o

sacramento do matrimônio, a lei da Igreja exige apenas a presença de duas testemunhas. E, portanto, a figura do padrinho (/madrinha) de casamento não existe: é uma vigência inventada pelos **E** (para não falar de damas de honra e parafernálias matrimoniais que os sociólatras impõem...). Isso para não mencionar a absoluta prevalência (nesse e em outros eventos) da gravação das fitas de vídeo, que chega a extremos como o de fazer o sacerdote repetir tal rito prescrito pela liturgia, porque a gravação não saiu bem. E uma vez de posse do vídeo, o casal **E** impõe a amigos e parentes a tortura da obrigação de vê-lo e comentá-lo, e em diversas sessões... Por vezes, com requintes de crueldade, como a de dar *replay* em determinada cena ou dar um *pause* para identificar, um por um, os figurantes e relembrar seus distintos comentários...

Os bares e restaurantes são considerados tanto mais *in*, quanto mais multidões se acotovelarem nas mesas (e filas...), os clientes falando em voz altíssima para tentar se fazer ouvir em meio ao ruído ensurdecido das outras conversas e do barulho ritmado das músicas ou das TVs ligadas no estabelecimento. O **I** simplesmente não compreende que o restaurante possa estar cheio de pessoas contentes com tal aglomeração. Dia desses, não aguentando mais, um **I** encheu-se de coragem e foi ingenuamente perguntando, de mesa em mesa, se os outros frequentadores do restaurante estavam gostando da “música” ambiente: ante a unanimidade afirmativa das primeiras respostas, retirou-se para procurar um dos poucos bares em que ainda se pode verdadeiramente conversar, longe das barulhentas tribos de bárbaros extrovertidos que, por se acharem interessantes,

expõem-se, ostentam-se, exibem-se, rompendo tímpanos e limites legalmente permitidos de decibéis.

Talvez o dilema de alguns desses jovens **E** esteja precisamente nisto: a compulsiva necessidade de falar (um falar que não necessariamente deve ser classificado como comunicação), de “agito”, de chamar a atenção; junto com a ausência do dizer, a superficialidade da mais absoluta falta de assunto para manter uma conversa com algum conteúdo, que possa minimamente superar os “tipo assim”, “com certeza”, etc.

Ou como diria a impagável Tati, da Heloísa Perissé:

“Cara, fala sério. Tem horas que minha cabeça sequela. Tipo assim, a vida é feita de muitos obstáculos”.

Entre tantos outros testemunhos clássicos que se aproximam de nosso tema, advertindo contra os perigos da loquacidade excessiva, está o de um dos precursores da fundação da Europa, o papa S. Gregório Magno, falecido em 604. Gregório, com aguda psicologia inclui em sua *Regra Pastoral*, um capítulo sobre como orientar espiritualmente os excessivamente faladores (em contraposição aos caladões): *Aliter admonendi sunt nimis taciti atque aliter multiloquio uacantes*. Depois de advertir os caladões, volta-se para os muito faladores e para o perigo que esse vício representa para suas almas.

É preciso alertá-los para que estejam muito atentos para o quanto se afastam do reto caminho por ficarem falando demais. Pois a mente humana comporta-se como a água: quando está recolhida, concentra-se num nível superior; quando, porém, se solta perde-se, esparramando-se inutilmente pelos níveis mais baixos. Assim, o palavreado supérfluo dissipa a guarda do silêncio, como um rio que sai de seu leito⁵. E, assim, a alma é incapaz de voltar a seu interior e ao conhecimento de si, porque derramando-se em seu muito falar, impede-se de penetrar em sua própria intimidade. Fica assim exposta aos ferimentos dos ataques que a assediam, pois não está rodeada por defesas que a guardem. Pois, diz a Escritura (Pro 25, 28): “Cidade aberta e sem defesa é o homem que não consegue controlar seu afã de falar”. E como não conta com as muralhas do silêncio, é alvo para as setas do inimigo, e ao sair de si mesma pela loquacidade expõe-se ao adversário. Etc.” (Gregorius Magnus - *Regula pastoralis* III, 14; Cetedoc Library of Christian Latin Texts, Brepols 1994).

Vigências da extroversão: as formas “corretas”

A ditadura dessas vigências da extroversão baseia-se na pressuposição de que os outros são (devem ser...) pautados pelos mesmos padrões dos ditadores. Não se toleram muitas

⁵. Literalmente, que sai de si mesmo - *extra se ducitur*.

divergências nas formas sociais. Pense-se por exemplo nas formas “corretas” de luto... Morre um parente muito querido e tudo tem que seguir os padrões impostos: não é “correto”, por exemplo, que alguém prefira curtir sua dor sozinho (ou na intimidade de um pequeno círculo) e não ir a velórios, enterros, missas de sétimo dia etc. Já no Evangelho, é mencionada a “cobrança” dos sentimentos corretos. Cristo, queixando-se daquela geração, diz:

“Parecem meninos sentados na praça que dizem: ‘Tocamos flauta e não dançastes; tocamos lamentações e não chorastes’” (Lc 7, 32)⁶.

Se no Extremo Oriente encontramos um respeito ao modo de ser introvertido; no Oriente Médio as coisas se complicam: há, em geral, uma obrigação de manifestar externamente, materialmente, as atitudes: o apreço e a consideração têm que se traduzir de modo visível (o que constrange a minoria introvertida): numa homenagem, deve-se elogiar/presentear ostensivamente; num velório, é

⁶. O Evangelho de Marcos narra a curiosa cena dos participantes de um velório que passam instantaneamente de estridentes manifestações de dor à burla. Jairo, chefe da sinagoga, pede a Jesus que cure sua filha. Jesus se dirige à casa de Jairo, mas no meio do caminho vêm alguns dizer que já não é necessária a presença do Mestre, pois a menina acabou de expirar. Jesus, porém, prossegue em direção à casa do chefe da sinagoga e “Lá chegando, observa um grande alvoroço, alguns chorando e outros dando gritos com enorme alarido” (Mc 5, 38). E quando Jesus diz que a menina não morreu, mas está simplesmente dormida, “os que ali estavam burlavam-se dele”.

necessário chorar convulsivamente; numa recepção, comer. Daí o provérbio árabe:

É no [muito] comer que se mostra a afeição [pelo anfitrião]⁷.

Ainda nas formas semitas de convivência, o Alcorão prescreve, por exemplo, retribuir uma saudação com outra mais intensa (IV, 86) ou, pelo menos, não inferior (naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples “Bom dia” a um desconhecido pode durar uma eternidade). É nesse sentido que Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cfr. p. ex. Lc 7, 44 e ss.), tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10, 4). É um problema até de aproveitamento do tempo, em uma missão urgente!

Mas voltando ao luto em nosso meio. Os E estabelecem controle (informal, porém rigoroso) e acabam elaborando as listas completas de quem foi, quanto tempo ficou, que manifestações públicas de dor exibiu... E muitos dos que estão na fila para apresentar suas condolências (e talvez os próprios familiares do falecido) não se ajustam naturalmente a essas vigências.

Nesse sentido, a ditadura pode tornar-se terrorismo (terrorismo sutil, mas terrorismo), quando há uma

⁷. Freyha, Anis *A Dictionnary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974, #300.

intimidação pelo medo de ter que dar explicações - a quem, a rigor, não tem nada que ver com isso - sobre comportamentos supostamente atípicos ou não aceitos pela “turma”, “galera” ou por pessoas especialmente influentes. É o caso, por exemplo, de alguém que tenha ascendência, digamos uma mãe (ou pai, ou chefe etc.), que comenta com seus filhos jovens (/subordinados): “Nossa, que horror!, Vocês viram? Como é que o Zezinho, um rapaz tão bonito, pôde se casar com a Mariazinha, que é tão magra. Vocês viram como ela é seca e arreganhada?” (/ ou, digamos, no trânsito: “Pessoas que dirigem devagar são mentecaptas!”). Se os filhos não tiverem a coragem de assumir a defesa da liberdade (e defender a liberdade alheia é defender a própria), poderão vir a ter problemas com seus próprios futuros casamentos (será que o nível de magreza da amada será ou não “aprovado”? etc.). Esses comentários - mesmo que isso não passe pela cabeça de quem os faz - podem estar causando um enorme problema, sobretudo para os **I**.

Para não falar de pessoas que se sentem como que gravemente ofendidas quando os **I** se atrevem a tomar decisões (decisões pessoais, que, afinal, dizem respeito somente a eles mesmos) sem consultar sua opinião, ou mesmo sem comunicar a elas essas suas decisões. Vir a saber por terceiros, não ser dos primeiros a saber (ou não saber antes) é tido por desconsideração pelos **E**.

As vigências atuais suprimem muitas das antigas mediações (e a supressão de mediações é, lembrando Ortega, característica da barbárie). Abordar um desconhecido na rua era um ato extraordinário, precedido e acompanhado por formas mediadoras para preservar o respeito à privacidade; as

novas vigências ignoram essas reservas. Mesmo os mendigos, que ainda há poucos anos pediam discretamente, *à la dérobé*, com um fio de voz; atuam hoje, pela aberta e abrupta irrupção (alguns até já vão advertindo: “Não é um assalto!”...). Um deles, mesmo após receber generosa esmola, fez questão de continuar contando, nos mínimos detalhes, seu problema (real ou fictício, não me compete julgar).

Nessa mesma linha de ausência de limites, mediações e normas, para a extroversão invasiva está o caso vivenciado por um querido casal de **I**, que, nestas últimas férias iam jogar boliche num salão com oito pistas. Naturalmente (ambos são **I** em grau extremo), iam no primeiro horário (porque, em geral, nesses começos de tarde, não havia ninguém) e alugavam a pista 8 (a mais escondida). Um dia, estavam tranquilamente jogando, quando chegaram dois ruidosos jovens **E**, que - apesar de todas as outras pistas estarem livres - exigiram a pista 7, que inclusive obrigava ao incômodo de dividirem as bolas com a pista 8... Mas nada importava: os **E** precisavam de público, mesmo que fossem dois discretos **I** (afinal, a única plateia disponível...). Ao notarem a mal disfarçada perplexidade e incômodo dos **I**, comentaram ente si, como que para se justificarem: “É, a pista 7 é a única que não dá pau, é a melhor etc.”. O curioso é que, no dia seguinte, a pista 1 estando ocupada por um bando de **E**, nosso casal **I** foi para a sua pista 8. Poucos minutos depois, chegaram os mesmos dois ruidosos **E** da véspera, que, desta vez, foram para a pista 2 (embora todas as outras, inclusive a 7, estivessem livres)! A conclusão é óbvia: o importante não é o jogo nem a pista nem nada; a única coisa que importa é aparecer e ter público...

A mentalidade contemporânea de *reality show* tende a abolir a privacidade, a territorialidade, para sofrimento dos I. Invade-se o espaço psicológico e o espaço físico. Embora a Constituição Federal assegure:

São invioláveis a intimidade, a vida privada...

as novas vigências da mídia apontam para a legitimação da eliminação da privacidade e tendem a institucionalizar a bisbilhotice pública. E enquanto vigem essas vigências, não há nada a fazer, como explica Ortega:

As vigências operam seu mágico influxo sem polêmica nem agitação, quietas e jacentes no fundo das almas, às vezes sem que estas se apercebam de que estão dominadas por elas, e às vezes crendo inclusive que combatem contra elas.

O fenômeno é surpreendente, mas é inquestionável e constitui o fato fundamental da sociedade.

As vigências são o autêntico poder social, anônimo, impessoal, independente de todo grupo ou indivíduo determinado.⁸

⁸. Ortega y Gasset, *A rebelião das massas*, “Epílogo para ingleses”; Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, 1959, p. 267.

Precisamente por causa desse “*taking for granted*”, as vigências se apresentam como “o normal”, “o certo”. É nesse sentido que, na já citada conferência, adverte Julián Marías:

Considerem, então, que um homem de nossa época recebe diversas interpretações do real que têm muitas vezes um caráter moral.

Apresentam-se-lhe formas de vida, formas de relações humanas, de família, de moral política, de uma série de fenômenos e ele recebe, de certo modo, interpretações que se lhe são apresentadas sob uma certa luz, isto é, são apresentadas atitudes, de modo favorável ou desfavorável conforme os casos, e como normais, por serem frequentes.

Há uma identificação muito perigosa em nosso tempo que consiste em considerar o que é frequente como normal e o que é normal como lícito e o que é lícito legalmente como sendo moral.

Não! São identificações inaceitáveis. Pode haver coisas frequentes que não são normais, pode haver coisas que são normais, mas apesar de normais não são lícitas e podem ser lícitas legalmente, mas moralmente não.

Portanto, é preciso ver em cada caso do que se trata⁹.

⁹. Marías, J. “A Moralidade Coletiva”. http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm.

Nesse sentido, já Sêneca admiravelmente advertia contra os perigos de seguir a multidão em questões que tocam o centro da existência humana:

Enquanto vaguearmos de um lado para o outro tendo como guia os rumores e gritos discordantes dos companheiros, que nos chamam em direções contrárias, a nossa vida se consumirá brevemente, mesmo que trabalhemos dia e noite da melhor maneira. Desse modo, devemos discenir tanto aquilo para que tendemos quanto o meio de conseguir o desejado, não sem escolher um perito, conhecedor profundo do caminho em que nos metemos, porque as condições dessa viagem não são as mesmas que as dos demais itinerários. Nesses, o traçado da estrada e as informações dadas pelos habitantes não nos permitem errar; mas, em nosso caso, o caminho mais palmilhado e frequentado é o que mais costuma enganar. Por conseguinte, o que mais devemos ter presente é o cuidado de não seguir os que nos precedem, à maneira do gado, em que os de trás seguem os dianteiros, dirigindo-se não aonde devem ir, mas aonde vão os da vanguarda. Ora, nada nos enreda em maiores males do que o fato de agirmos conforme a voz comum. Julgamos ser melhor o que é aprovado pelo consenso geral e, assim, vivemos à imitação dos inúmeros exemplos que se nos

apresentam, e não conforme a razão. Daí provém esse amontoado de homens caindo uns sobre os outros. Em qualquer gênero de vida podes observar o que sucede numa grande aglomeração de pessoas que se apertam mutuamente: ninguém cai sem levar junto o outro, de sorte que os primeiros causam a ruína dos seguintes. Quem erra não o faz somente com prejuízo próprio, mas é causa e conselheiro do erro alheio. Com efeito, é prejudicial ligar-se aos que vão na frente, e, enquanto cada um prefere acreditar a julgar, o erro, transmitido de mão em mão, nos confunde e precipita no abismo. Perecemos ao seguir os exemplos alheios; seremos curados, contanto que nos afastemos da massa. Mas agora o povo, contra a razão, se levanta como defensor do seu próprio mal. Desse modo sucede como nas eleições: aqueles mesmos que elegeram os pretores admiram-se de os terem eleito quando sua inconstante popularidade decai. Aprovamos e censuramos as mesmas coisas, esse é o resultado de todo julgamento que é feito por muitos. Como trataremos da vida feliz, não me poderás responder estupidamente aquilo que costumam dizer: “É desse lado que parece estar a maioria.” Ora, por isso mesmo é pior. Nas coisas humanas não se procede com acerto tentando agradar à maioria, pois a multidão é a prova do que é pior. Busquemos, portanto, o que é melhor e não o que é mais comum, aquilo

que nos estabelece na posse de uma felicidade eterna e não o que é aprovado pela massa, o pior intérprete da verdade¹⁰.

A introversão indefesa

Não é de estranhar que os **I** encontrem-se muito pouco à vontade nesse quadro, pois não só a imensa maioria - cerca de 75% - das pessoas são **E**¹¹, como também as vigências e a mídia são dominadas por elas (é inimaginável, por exemplo, um programa de auditório que não seja apresentado por pessoa super-extrovertida, como Sílvia Santos, Hebe, Luciana Gimenez, Gugu, Faustão etc.).

Mas o mais grave é o diferencial que caracteriza essa minoria e que a torna indefesa, muito mais indefesa do que outras minorias discriminadas. A crescente conscientização dos direitos humanos, dos valores da diversidade e da tolerância em nosso tempo tem dado voz e vez aos discriminados e às minorias oprimidas: negros, mulheres, GLS etc. (há até mesmo alguns exageros, que por vezes convertem os até ontem discriminados em “minorias esmagadoras”). E vemos surgirem ações afirmativas como a política de quotas para negros na universidade ou de mulheres nas candidaturas dos partidos. Muitas minorias organizam-se, protestam e desfilam. No caso dos **I**, porém, a própria ideia de associação (para não falar de passeatas...) está praticamente descartada.

¹⁰. Sêneca, *Da vida feliz*, I e II; trad. J. C. Cabral Mendonça, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

¹¹. Cf. Keirse, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 16.

Como seriam as reuniões de uma (improvável) Associação Estadual de Introversos (ou mesmo de um grupo de auto-ajuda “Introversos Anônimos”)? É possível imaginar a Avenida Paulista tomada por manifestantes gritando palavras de ordem:

“Introverso unido jamais será vencido”?

ou:

“Introversos de todo o mundo, uni-vos”

ou ainda em estádios:

“Olê, olê, olê, olê, social pra quê?”

Como sempre, na luta contra o preconceito e a discriminação o primeiro passo é o da conscientização e este artigo espera poder contribuir nesse sentido. Pois, em si, a introversão não é pior nem melhor do que a extroversão; simplesmente em nossa sociedade as vigências dão um caráter de “normalidade” ao **E**.

Uma instância importante onde se exerce essa normalidade é a da educação. Para além da (o)pressão da educação informal (dominada pelos **E**), pense-se, por exemplo, na escola. Obviamente, a maioria dos professores e educadores são **E** e acabam impondo seus padrões de extroversão a todos os educandos e tentam “corrigir” os **I**, “socializando-os” de modo sutil (que vão desde a arquitetura

da escola e da própria disposição das carteiras em salas de aula à exigência de trabalhos e atividades em grupo etc.) ou à força. Porém, na feliz metáfora de Keirse, ao tirar os dentes do leão, o que se obtém não é um gatinho doméstico, mas um leão desdentado...

Seja como for, é importante que os I ganhem consciência de sua situação e lutem por seus valores: até que chegue o dia em que, por exemplo, aos avisos de legislação em elevador (lugar, aliás, propício para que a fobia introvertida dê lugar a surto):

Lei Municipal - Fica vedada qualquer forma de discriminação em virtude de raça, sexo, cor, origem, condição social, idade, porte ou presença de deficiência e doença não contagiosa por contato social no acesso aos elevadores de todos os edifícios públicos municipais ou particulares, comerciais, industriais e residenciais multi-familiares existentes no Município (“Diário Oficial do Município de São Paulo”, 17.01.96).

se ajunte:

Respeitem-se especialmente os inalienáveis direitos dos introvertidos, que, por mais que sejam afáveis, não estão obrigados a fazer bilu-bilu para crianças ou cachorros, podendo limitar-se a um cordial “- Bom-dia”.

A ditadura começa cedo. Os bebês são continuamente expostos a um indiscriminado festival de observações, festinhas e gracinhas e não podem sequer permanecer passivos: exige-se deles reações “adequadas” (sorrisinhos, beijinhos, grunhidos etc.). Como não questionam as vigências, nem sequer passa pela cabeça dos pais a ideia de que talvez seu bebê seja temperamentalmente **I** e que, portanto, não é o caso de encher a casa para festejar o aniversário de um aninho com uma multidão de estranhos. Precisamente nessa idade em que a criança começa a “estranhar” os estranhos:

Quando a criança faz um ano, surge o medo dos desconhecidos. O psicólogo francês Christophe André explica que “no momento em que a criança começa a deslocar-se sozinha, por volta de um ano de vida, a mãe relaxa a vigilância e surge o receio de pessoas estranhas ao seu círculo de conhecidos” (“Ser tímido tem vantagens” *Revista Quo - O Saber Actual*, Lisboa, Hachette Filipacchi, Outubro 2003, p. 97).

O **I** não quer – é muito trabalhoso – ter que dar explicações para o grande público sobre sua vida, preferências etc.. Há casos de **I** que não ligam a mínima para a opinião dominante (ele, por exemplo, simplesmente não aceita convites, doa a quem doer; ou simplesmente desaparece e deixa seus telefones todos na caixa postal etc.); enquanto outros, temem tanto a opinião alheia que procuram

adequar-se aos padrões vigentes só para não ter sua vida devassada por interrogatórios e pedidos de explicação por parte da tirania dos **E** - como dizíamos, há pessoas que chegam a considerar ofensa que os outros tomem suas decisões pessoais sem consultá-los ou ao menos informá-los...

São Paulo, falando das tribulações a que estão expostos os apóstolos, diz: “*spectaculum facti sumus mundo et angelis et hominibus*” (I Cor 4, 9), somos espetáculo para o mundo e para os anjos e para os homens. Um espetáculo no qual os homens têm de enfrentar as feras que são as línguas, a bisbilhotice, a fofoca, a pretensão de controlar a vida alheia; pretensão que constitui aspecto essencial da ditadura da extroversão.

Não por acaso a forma veemente de dizer em inglês “Não enche, deixe-me em paz!” é “*leave me alone*”.

Já o heterônimo Álvaro de Campos se rebelava em 1923:

Lisbon Revisited

Não me macem, por amor de Deus!
Queriam-me casado, fútil, quotidiano e
tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de
qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a
vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?
Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser
sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da
companhia!

Denise está chamando

Longe de nós sugerir a errônea impressão de que os **E** sejam solidários e os **I** sejam egoístas¹². Não, na verdade são fatores independentes.

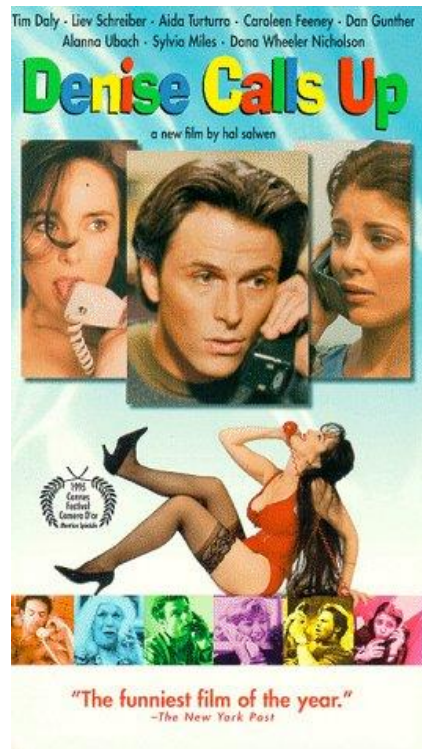
Um dos tantos méritos do filme “Denise está chamando”¹³ (obrigatório para este nosso tema) é

¹². Nunca é demais lembrar Jung: “Baseando-se a disposição introvertida numa condição que, de modo geral, existe, sumamente real e absolutamente imprescindível, as expressões do gênero de ‘filáutico’, ‘egocêntrico’ e outras são tanto mais impróprias e refutáveis quanto mais suscitam o preconceito de que se trata sempre, única e exclusivamente, do amor ao Eu. Nada mais errôneo que semelhante suposição, mas a verdade é que a encontramos a todo instante, quando se examinam os juízos que o extrovertido formula a respeito do introvertido. Eu não atribuiria, certamente, esse erro ao extrovertido isolado, como pessoa singular, mas ao ponto de vista extrovertido geral que atualmente domina e não se limita, apenas, ao tipo extrovertido, visto que, contra si próprio, é igualmente representado pelo outro tipo. A este pode-se inclusive censurar a infidelidade cometida contra o seu próprio caráter, ao passo que ao primeiro não se pode fazer, pelo menos, tal censura.” (*Tipos Psicológicos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1974, 2a. ed. p. 437).

¹³. *Denise Calls Up*, EUA, 1995. Direção: Hal Salwen. Com Alonna Ubach, Tim Daly, Ainda Turturro, Dana Wheeler Nicholson, Sylvia Miles.

precisamente o de mostrar profundos laços de solicitude e solidariedade em pessoas acentuadamente **I** (e, neste caso, diríamos, doentiamente **I**), refratárias à exposição social.

O filme começa com a mesa posta de uma festa na casa de Linda: é o dia seguinte ao da “festa” e a mesa está intacta: não apareceu ninguém! Gale, que telefona para desculpar-se por sua ausência e para saber como tinha sido a festa e quem tinha ido, aparentemente surpreende-se: “Como assim, não foi ninguém?”. E Linda: “*I mean nobody!*”.



O filme se desenrola explorando os contatos entre meia dúzia de introvertidos (generosos e solícitos) em torno

do fato de Gale estar tentando fazer com que Jerry conheça e namore sua amiga Barbara, valendo-se do ex-namorado, Frank, como intermediário. E também da relação de Martin com Denise, que está esperando um bebê, gerado pelo sêmen que Martin doou a um banco de espermas.

Mas o enredo é o que menos importa. A força do filme está no fato de que os personagens - **I** em grau extremo - não encontram forças para cultivar relacionamentos que não sejam por telefone ou computador. Eles nunca se encontram pessoalmente, todas as tomadas de câmera contêm apenas um personagem, em geral ao telefone. São **I** que passam a vida inventando desculpas (eles são “ocupadíssimos”) para não aparecer.

O filme termina com uma festa de ano novo marcada em casa de Frank em homenagem à amiga comum Gale, recém-falecida num acidente, e todos estão sinceramente decididos a participar. Na hora H, porém, a única que aparece é Denise - com a filha Afrodite no carrinho - e toca a campainha. Mas Frank, ao ouvir a campainha, não tem energias psíquicas para abrir a porta. Mais uma festa para ninguém. Barbara e Jerry até dirigem-se à casa de Frank, mas entrar numa festa é superior às suas forças e cada um segue reto, sem se atrever a parar para tocar a campainha: quando se cruzam em frente à porta de Frank é a única vez em que esses dois amantes se vêem, mas naturalmente não se reconhecem pois todo seu relacionamento tinha sido só por telefone (e por telefone começaram, mantiveram um tórrido caso e até esfriaram, caindo em desavenças e rotina sexual, mesmo sem nunca se terem visto).

O filme chega a ser caricaturesco, mas tem o mérito de trazer à tona toda a problemática das vigências da ditadura da extroversão e o de propor o tema das novas possibilidades de relacionamento social dos I a partir das novas tecnologias de comunicação. Paradoxalmente, se por um lado a tecnologia permite a invasão da privacidade, por outro, permite um isolamento inimaginável ainda há poucos anos. De seu personagem Martin diz o ator Dan Gunther:

In Los Angeles, where I live, you go out of your house and into a car, and then you move to a cubicle at work, yet another isolated environment. Later you can order in the groceries, order in Chinese food. You can now even pay your bills on line. You never have to leave the house. And some people don't¹⁴.

Autarkeia

Para concluir, sem pretender terminar uma discussão que apenas começou, recolho a sugestiva poesia do filósofo Paulo Ferreira da Cunha¹⁵:

AUTARKEIA

*Lá podes ser uma ilha
Numa pequena ínsula cristalizares*

¹⁴. <http://www.sonyclassics.com/denise/crew/gunther.html>

¹⁵. Cunha, P. F. *Escadas do Liceu*, São Paulo, CEMOrOc-FEUSP, 2004, p. 28.

*E receberes o correio
Uma vez por mês
Sem Internet, claro.*

*Lá podes ter a tua casa branca
Como uma colina na minúscula ilha
E crescer para dentro
Dentro dela*

*Lá podes cultivar
Tua solidão ao sol
E no teu exíguo jardim insular
Colher o vinho dos deuses
E a oliveira da paz*

*E na tua casinha branca
Branca e azul talvez
Podes receber-te principescamente a ti
E dar festas orgiásticas
Celebrando os mistérios
De seres apenas tu.*

A expressividade do brasileiro

[o brasileiro como ESFP]

Resumo: Conferência (27-02-13) para bolsistas norte-americanos da Fundação Fulbright recém chegados ao Brasil. Para além de generalizações e estereótipos, o artigo propõe uma abordagem centrada em fenômenos de linguagem e aberta a outras formas de comportamento: algumas constantes e *vigências* (Ortega) da comunicação do “brasileiro”. Já clássicos como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda indicam a linguagem como uma chave para a interpretação do Brasil. Na linguagem de David Keirse, destacam-se os fatores F e P como características do tipo “brasileiro”.

Palavras Chave: Brasil. Interpretação do “brasileiro”. Linguagem.

The Brazilian Communication Style

Abstract: Lecture on Brazilian communication style to Fulbright scholarship students just arrived in Brazil. Avoiding stereotyped images, the article proposes a language centered approach but includes other forms of behavior: some “types” and *vigências* (Ortega) of Brazilian way of communicating. Already classical scholars like Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Holanda have pointed out that language is an important key in the interpretation of Brazil. Speaking in David Keirse’s language, “Brazilian” type include preferences F and P.

Keywords: Brazil. Interpretation. Language. Brazilian style.

1. O “brasileiro” como tipo. A linguagem como chave

Primeiramente, quero agradecer a nossa coordenadora, Patrícia Grijó, pelo convite para este encontro, tão honroso para mim: também pelo fato de ser o primeiro evento de vocês em terras brasileiras. Agradeço também à Luana Smeets e à Nicole Paschoini pela competente assistência.

Naturalmente, falar de “o brasileiro”, assim sem mais, seria um *nonsense* metodológico: não existe uma uniformidade num país de dimensões continentais, de vocação multicultural etc. E cada indivíduo é o que é. Vamos

falar de “o brasileiro” – com as devidas ressalvas – do procedimento tipológico, válido em sociologia e antropologia, como o fazem clássicos como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda. Naturalmente, só alguns poucos aspectos, que é o que cabe em um encontro como este, sobre um tema tão vasto e com o qual vocês devem ter já muitas horas de estudo. Nossas observações, muitas vezes estarão ligadas à linguagem e, por vezes, serão meros indicadores para o espaço dedicado à discussão.

Assim, examinaremos certas “constantes”, sobretudo aquilo que o filósofo espanhol Ortega y Gasset chama de *vigencias*, atitudes e expectativas que são correntes e que, numa sociedade, “*se dan por supuesto*”, *taken for granted* (tendo sempre em conta que não são absolutas e admitem exceções, por vezes muito sutis, para as quais, em alguns casos, chamaremos a atenção). Um exemplo de *vigencia* é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a vigência alimentar impôs até o nome de “*café da manhã*” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis em qualquer padaria da esquina.

Esta exposição estará centrada na linguagem e, para isso, é oportuno recordar um princípio metodológico da antropologia, que remete a um grande pré-socrático.

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela vez em que um

ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “- E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas... A sentença de Heráclito esconde em si algumas surpresas. Aliás, é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder. A realidade que buscamos está escondida: daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até essa realidade que desceu e não está visível. A realidade do “brasileiro” nem sempre se deixa apanhar diretamente; ela “desce” e se “esconde”, transforma-se em... linguagem e instituições. E é examinando esses “sítios” que podemos “subir”, recuperar a realidade antropológica que nos interessa. É o método proposto pelo filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper, grande mestre da antropologia filosófica.

2. Ainda a metodologia: a tipologia de David Keirsey aplicada ao “brasileiro”

Vocês sabem que no passado mês de dezembro, disputou-se no Japão o campeonato mundial de clubes de futebol. Participou, como campeão da América do Sul, o Corinthians, um time imensamente popular de São Paulo, que conta com 30 milhões de torcedores, conhecidos por seu fanatismo (autodenominam-se “bando de loucos”) e por pertencerem, geralmente, às camadas mais pobres da população. Embora sempre muito vitorioso no Brasil, o Corinthians tem poucos títulos internacionais e a possibilidade de ganhar o mundial mobilizou seus torcedores.

Ciente da realidade do choque cultural e preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigiam ao Japão poderiam sofrer por conta das diferenças de cultura, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o “Guia do Torcedor” (<http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf>), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as vigências do país que os recebia. Apesar do que digam as torcidas adversárias, a cautela não se aplica propriamente ao Corinthians, mas aos brasileiros em geral.

Assim, é como se oficialmente o governo assumisse a validade dos tipos e vigências¹⁶. Contando com a benevolência do leitor, ainda aplicaremos aos tipos nacionais (ou às *vigências* nacionais), a tipologia de David Keirsey¹⁷, um instrumento de análise do destacado psicólogo americano, originalmente desenvolvido somente para classificação de temperamentos de indivíduos...

Advirta-se, desde já, que esses tipos (pessoais ou “nacionais”) são destituídos de qualquer carga de valor: não é melhor nem pior ser ESFP ou INTJ; ser NF ou SJ; etc. Em todos e cada um deles pode-se ser gênio ou tolo; santo ou pecador etc. E todos têm suas qualidades e disfunções “típicas”...

¹⁶. Essa cautela não é de modo algum dispensável. Ainda hoje estamos sob o impacto da morte do jovem boliviano, em 13/2/2013, vitimado por um artefato pirotécnico letal disparado por um torcedor durante o jogo Corinthians x San José em Ururo.

¹⁷. Keirsey, David *Please Understand me II*, Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

Keirsey, que modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, o brasileiro é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (preferência J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseiano, já se vê imediatamente que o famoso “jeitinho” brasileiro, a capacidade de improvisação que sempre encontra uma solução para situações insolúveis, tem um componente essencial no fator P: prevalecer a solução improvisada, à margem da norma ou da lei. Uma avenida com quatro pistas subitamente passa a ter três: os motoristas da quarta pista, com a maior naturalidade, se arranjam com os da quinta e tudo se resolve sem maiores dificuldades (o que em outros países seria um problema de proporções enormes). De passagem, note-se que um interessante indicador de nossa linguagem do jeito é o uso de “meio”, em expressões como: “É meio contra-mão, mas, nesta hora da noite, tudo bem”. O motorista nem sempre respeita a faixa; o pedestre nem sempre atravessa pela faixa (em todo caso, simula dar uma corridinha, como mostra de boa vontade...).

A abertura do Guia é já uma advertência de que o “japonês” é muito distinto do “brasileiro”:

“o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T (Feeling / Thinking), é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.

Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

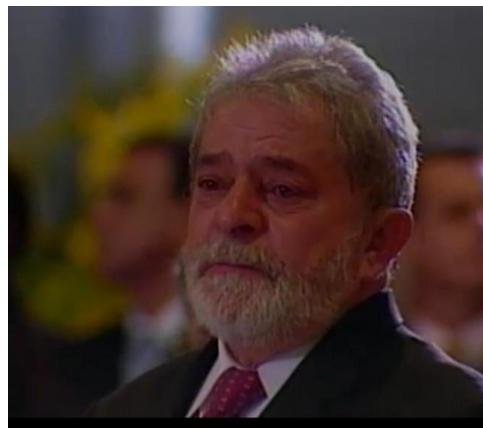
“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”

A diferença F x T aparece claramente nos estilos dos presidentes Lula e Dilma, respectivamente. Quando morreu o vice-presidente José de Alencar, ambos antecipam apressadamente a volta do exterior e chegam juntos ao velório do amigo, muito querido de ambos. No caso de Lula, emoção e sentimento a jorros; Dilma, permanece contida e discreta.

Cf:

https://www.youtube.com/watch?v=T_Ip1TjyZpw

Ambos gozam de altíssimos índices de popularidade: Lula identificando-se com a vigência F do brasileiro; Dilma, vista como a gerentona T que pode implacavelmente endireitar este país...



O fator F será a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com um sorriso, um “cair bem” para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc. Um conhecido nosso foi pilhado certa vez na contra mão (ou “meio” contra mão..) de um acesso à Av. Bandeirantes e sem cinto de segurança e a multa parecia inevitável. Nada a perder, ele pôs a melhor cara de transtornado: “Desculpe, seu guarda, mas é que estou indo ver minha sogra, que entrou na UTI, e estava um pouco desatento...”. Por sorte, o guarda (com polícia feminina, ele nem teria tentado, elas são inflexíveis) se comoveu e ficou só numa “áspera” repreensão verbal.

3. O brasileiro, ESFP: abordagem pessoal, espontaneidade e improvisação

Na verdade, na tipologia de Keirsey, o brasileiro corresponde ao temperamento SP¹⁸: vive no presente, para o aqui e agora, movido pela ação e por impulsos (e não pelo dever ou normas como os SJ), improvisador, brincalhão e... nas disfunções – todos os tipos as têm – imaturo, infantil e irresponsável. Junte-se a isso a extroversão (E) e teremos o tipo ESFP.

Estabelecidas as bases tipológicas, indicaremos a seguir diversas características do brasileiro, ESFP.

Uma das principais dificuldades que o estrangeiro pode encontrar no Brasil é a da interpretação de afirmações

¹⁸. S de *sensible*.

de seus interlocutores, aparentemente claras e inequívocas. E é que por conta dessa aversão ao planejamento, típica do SP, unida à amabilidade da sensibilidade do *approach* F, que não quer desagradar a pessoa com quem está conversando, o estrangeiro fica desorientado ao constatar que um “sim” seja, muitas vezes, na realidade, “não”.

Por não entender as razões F dessa atitude (e outras...) – cuja intenção, afinal, é a de agradar o interlocutor – muitos estrangeiros classificam apressadamente o brasileiro como não sério. Teve enorme sucesso na década de 60, a sentença, atribuída ao Gal. De Gaulle: “*le Brésil, ce n'est pas un pays sérieux*”. Note-se, de passagem, que um dos esportes nacionais é falar mal do próprio Brasil, dos fiascos tupiniquins (Mas, cuidado! Isto não é permitido para estrangeiros, sobretudo para os máximos rivais, os argentinos...).

Permitam-nos uma típica piada nesse sentido: a do inferno brasileiro, presente em milhares de sites da Internet!

O infeliz pecador morreu e foi parar na porta do Inferno. Lá um capetinha auxiliar lhe fez a seguinte pergunta:

– Você quer ir pro inferno brasileiro ou para o inferno americano?

E o infeliz, pergunta:

– Qual é a diferença?

– Bom. Existe um muro que separa os dois infernos. No inferno brasileiro, você terá que comer uma lata de 20kg de merda no café da

manhã, no almoço, e no jantar. Depois o diabo te espeta até o fogo infernal, e lá você irá dormir. No americano, é igual, só que ao invés de uma lata, você terá que comer somente um pires.

O infeliz não pensou duas vezes, e foi para o inferno americano.

Chegando lá, reparou que estavam todos cabisbaixos e tristes. Enquanto isso, no outro lado do muro, ouvia-se um som de pagode, muitas gargalhadas, enfim, uma festa muito animada. Não se contendo, o infeliz sobe no muro e chama alguém.

– Ei, como vocês conseguem festejar? Aqui o pessoal come um pires de merda e vive triste, enquanto vocês comem uma lata de 20kg e vivem dando risada!

– Bom, é que aqui é Brasil, né? Um dia falta lata! No outro falta merda! No outro, o diabo não vem! No outro é feriado! No outro, falta lenha pro fogo e assim vai. É só festa! (www.humortadela.com.br/piadas-texto/31103)

Mas, cuidado! Se queremos evitar o estereótipo e a generalização indevida, devemos lembrar também que este mesmo brasileiro é quem faz de um espetáculo de organização incomparável, de fazer inveja aos suíços: quatro ou cinco mil integrantes da escola de samba desfilam por mais de uma hora na avenida, sem o atraso de sequer um segundo em toda a evolução!

Ou o sério trabalho de anos de perseverante preparação, que levou o voleibol brasileiro ao topo do ranking mundial. Ou os quase 30 anos do perseverante trabalho da Dra. Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, que acompanhou quase 2 milhões de crianças e 1,5 milhão de famílias pobres em 4060 municípios brasileiros! Etc.



“Vila Isabel” – campeã 2013

A improvisação. A malandragem. No futebol, a ginga, o drible, são tão apreciados quanto o gol. Não é raro que o jovem Neymar arranque aplausos da torcida adversária pela genialidade e estilo lúdico de jogar. Mas foi Ronaldinho (sempre o diminutivo) Gaúcho que protagonizou, em 13/12/13, um lance antológico de “esperteza” (vídeo em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/02/lance-de-ronaldinho-gaucha-ajuda-o-atletico-mg-vencer-sao-paulo-na-libertadores.html>):

O jogo estava paralisado para atendimento médico a Junior Cesar. Neste instante, Ronaldinho pediu um pouco de água a Rogério Ceni, que cedeu sua garrafa ao adversário. Mas,

no recomeço da partida, o atleticano seguiu sozinho pela esquerda da área. Ao receber o arre-messo, Ronaldinho foi à linha de fundo e cruzou para Jô mandar para as redes. (<http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-02-14/ronaldinho-relata-sorte-em-lance-do-1-gol-e-rogerio-ceni-lamenta-desatencao.html>)



O jornal inglês *The Sun* deu destaque ao episódio:

Ronaldinho, the Brazil legend is best known for his skills and trickery but his assist for Atletico Mineiro’s opener against Sao Paulo was surely one of his cheekiest ever. (www.thesun.co.uk/sol/homepage/sport/football/4795208/Ronaldinhos-got-some-bottle-check-out-this-cheeky-assist.html#ixzz2L61tM3Bn)

O que impera na convivência é a suavidade e, assim, expressões de elevada afirmação como: “Com certeza!”, “Ôôôôpaa!” (que é um sim enfático), “pode deixar” “tamos aí” etc. podem significar, pura e simplesmente, um rotundo não, que o F quer evitar. Um convite descabido: “Você vai na

cerimônia de formatura da minha sobrinha neta, daqui a três meses?”, obterá como resposta um “Com certeza!”. Naturalmente, o convidado não irá nem telefonar para desculpar-se pela ausência; o que importa é que, no momento do convite, poupou o interlocutor do desgosto de ouvir um não.

Talvez todos no Brasil já tenham presenciado cena parecida com a que vi nas últimas eleições. No colégio em que se vota, é comum reencontrar conhecidos do bairro e ruidosos cumprimentos e abraços: “Você sumiu?” “Pois é, eu mudei para outro bairro, mas meu título de eleitor ainda é daqui. Mas faço questão que você apa-reça lá em casa para um café”. “Ôôôpaa! Vou sim. Um abraço e lembranças a todos.”

Ninguém se surpreende com o fato de que o novo endereço não foi informado nem pedido... Não está em jogo a realidade da visita, mas uma mera manifestação verbal de apreço pelo outro.

O lúdico e a atitude não agressiva (mesmo a agressividade pode ser disfarçada). Já se disse que a capoeira é a objetivação do escravo, proibido de praticar lutas (e os golpes de capoeira podem ser muito contundentes), “joga” ou “brinca” capoeira e que, de algum modo, é válida para o brasileiro em geral. Como diz mestre Veiga:

Naturalmente, há diversos níveis de “capoeirismo”, adaptados aos diversos graus de “encurralamento” social... Em qualquer caso, essa malícia para a luta, essa arte enquanto técnica, encontra uma representação simbólica

no jogo entre amigos, que brincam capoeira (agora transformada em arte mesmo), entre ritmos, danças e cantos:

“Água de beber. É Água de beber camarada...”

A estética substitui a violência e, também nesse sentido, pode-se falar de uma educação pela capoeira, independente de qualquer propósito de defesa ou ataque. Sobrevive a capoeira mesmo fora de um contexto de escravidão: ela, por assim dizer, ganha vida própria e emancipa-se das desumanas situações que lhe deram origem. (<http://www.hottopos.com.br/videtur9/capoei.htm>)



4. O brasileiro instala-se no neutro

Uma das claves de linguagem para compreender o brasileiro é o neutro¹⁹. Neutro aqui entendido não como um terceiro gênero, mas como uma tendência à indeterminação. Indeterminação que evita fechar compromisso e, por outro lado, pode preservar bater de frente no convívio social. Embora desprovido gramaticalmente do neutro; o brasileiro reinventa-o, com uma criatividade de causar inveja a um

¹⁹ Para um estudo mais completo sobre o neutro: <http://www.hottopos.com/notand14/laund.pdf>

Platão ou a um Tomás de Aquino, que possuíam o neutro como fato natural em suas línguas.

Gramaticalmente (ou não), o neutro ocorre quando nos remetemos a um plano mais amplo, no qual as diferenças, determinações e precisões não interessam. O exemplo é de Mariás: sete pessoas em um elevador, a porta está fechando para subir e chega correndo um oitavo passageiro, que ouve a delicada recusa: “Desculpe, não há mais lugar: já somos sete”. Este “sete” é o neutro: para efeitos de lotação não interessa se esse oitavo passageiro é homem ou mulher, democrata ou republicano; branco ou negro; humano ou *alien...*

Se nosso provérbio que exige rigorosa determinação é “pão, pão; queijo, queijo”, o brasileiro (sobretudo o de Minas Gerais) inventou o pão de queijo, um verdadeiro campeão de preferência nacional: é pão e é queijo; não é pão nem queijo; é ambos e nenhum, ou sei lá, que importa? *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*!

A indeterminação é mais segura, menos presunçosa, não comprometedora. Como na piada do mineiro, campeão nacional do neutro (“mineirice” significa indeterminação, “neutrice”):

Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...

Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!

Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...

Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro..e mais outro...

Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:

- É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora²⁰” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto”; o que no país de vocês é “*at the moment*”! O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do estrangeiro em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc.

Quantas brigas de casais, por exemplo, têm sua raiz última nas diferentes preferências de determinação dos cônjuges: a resposta de um deles ao celular: “calma, estou quase chegando!”, bem que poderia - queixa-se o outro - ser

²⁰ Daí que, na gíria, “da hora” signifique bom, excelente...

substituída por algo mais determinado, como “já estou na esquina da padaria” ou “no máximo em três minutos de relógio eu chego aí” etc. Eu gosto da forma “minutos de relógio” – calcada no inglês *o'clock* – para fugir do neutro, uma vez que “um minutinho”, “três minutinhos”, “dez minutinhos” etc. não significam nada nestes trópicos. O uso do neutro pode ser uma arte cruel: no carro, ele (ou ela) atende o celular e não deixa transparecer, em nenhum momento da conversa, com quem está falando, para desespero do cônjuge. Não custava nada em vez de “Ah, que bom falar com você (?)”, dizer: “Bom dia, Mendonça, que bom falar com você” etc.

Indeterminação do espaço, por formas carregadas de subjetividades: “é pertinho”, é “logo ali” etc.

Seja como for, a indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de “fazer média” (sugestiva gíria que indica querer agradar lados opostos), “ficar em cima do muro”: ninguém sabe o dia de amanhã, vai que num segundo turno se venha a necessitar de um apoio do partido inimigo... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Daí, para o estrangeiro, a perplexidade entre as incríveis alianças políticas de opostos, que ocorrem no Brasil...

Embora o brasileiro tenda a ser extrovertido, barroco, e mesmo bombástico na expressão religiosa, a padroeira nacional, Nossa Senhora Aparecida é discreta e quase neutra: não se distinguem as feições da minúscula imagem...

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições. Pensemos, por exemplo, nessa - incrível, para os estrangeiros! - instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso humorista Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?” - É feriado?- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!! Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Um exemplo particularmente interessante de indeterminação dá-se com o nosso “dever”, que o inglês diferencia em cerca de meia-dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a universidade amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “*devo*”, entre nós, muito indeterminado. Como traduzi-lo para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei “devo ir”, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O neutro, banido da gramática de nossa língua, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira.

Quando Buarque de Holanda cunhou a expressão “homem cordial” para caracterizar o brasileiro, não se referia somente ao lado positivo, mas é a mesma “cordialidade” que está por trás de formas tupiniquins de corrupção, conchavos etc. E mesmo de maledicência. Em vez de sair agressivamente insultando Fulano, emprega-se a – muito mais perigosa – e “inocente” forma neutra: “Fulano, qual é a dele, hein?”. “Qual é a dele?”, puro neutro, indeterminado que engloba todos os campos: qual é a atitude, a postura, a seriedade profissional, a preferência sexual, ambição, etc. Se houver no grupo algum sentimento latente contra Fulano, alguém – ainda no neutro – dirá “É, não sei não...” (que claramente significa: sabemos que há algo). E outro ajuntará: “Numa boa, eu gosto muito dele, adoro ele, mas a gente também não é cego...”. O neutro “numa boa” (numa – o quê? – boa) é uma espécie de licença para matar (eu falo porque só quero o bem dele), ainda mais seguido de “adoro ele” etc.

A gíria também prefere o neutro como vocativo: “chefia” (mais amplo que “chefe”), “amizade” (em vez de “amigo”), “malandragem” etc.

O “a gente” exerce várias funções: sendo ao mesmo tempo neutro e tendendo ao *approach pessoal*, em nossos usos de “gente”. Na Espanha, *la gente* indica a pluralidade genérica; no português esse uso²¹ dá lugar a outro, carregado

²¹ Como no Hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”.

de sentido pes-soal, como no vocativo que chama a atenção (também para o que evoca incredulidade), e sobretudo ante a falta de virtude humana: “Gente! Que maldade fizeram com a criança!”, no qual cabe o recurso ao transcendente para corroborar o espanto: “Gente do céu!”. Esses apelos a entranhas de humanidade são sucesso garantido no Brasil.

A pluralidade anônima de *la gente* é pessoalizada em “minha gente”; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: “eu” (como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente”); “nós outros” (“Por que não vem jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”). Por isso, quando na discussão sobre “qual é a de Fulano”, alguém diz “... a gente também não é cego”, este “a gente” não pode ser univocamente restrito ao falante, mas – neutramente – pode ser o grupo todo ou mesmo a humanidade inteira...

Neutro é o “jeito” - pode e não pode; dá e não dá; e se não der de jeito nenhum, talvez com um “jeitinho”. Neutra é a nossa “saudade”, mais complexa do que a elementar dor da ausência, facilmente apreensível por todas as línguas. Um bom tema para nossa discussão.

5. O lúdico brasileiro

O quadro se amplia quando unimos a perspectiva pessoal da linguagem a outro aspecto imperativo para o brasileiro: o lúdico. A piada, o trocadilho, a tirada são imensamente apreciados e têm livre trânsito em nosso convívio. Piada que quebra as barreiras da impessoalidade no

trato e – para o bem e para o mal – a seriedade das instituições. Lembro-me, por exemplo, que, na infância, todo colégio estadual ganhava um epíteto rimado da garotada: “Colégio Estadual Brasília Machado”, entra burro e sai tapado! “Colégio Estadual Vila Clementino”, entra burro e sai cretino! Etc.



Estamos tão acostumados ao lúdico que nem sequer notamos seus exageros, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresentasse oficialmente como leão?!!

Ou, como noticiou a imprensa a propósito dos problemas no aeroporto de Goiânia e sua pretensa solução: uma gambiarra pomposamente intitulada Módulo Operacional Provisório, que até sigla ganhou: MOP. Mas o povo e o próprio superintendente da Infraero referem-se a ele como “o puxadinho”:

“A solução para tantos problemas está em construção e tem um nome técnico: Módulo Operacional Provisório, mas ganhou o apelido de puxadinho entre passageiros e na própria Infraero, que administra o aeroporto de Goiânia. ‘Nós esperamos que no prazo máximo de 150 a 160 dias o **puxadinho** esteja ponto. Isso vai ampliar em quatro vezes a área de embarque, que hoje 400 metros quadrados. Vamos para 1,6 mil metros quadrados’, garante André Luiz Marques de Barros, superintendente regional do Centro-Oeste da Infraero”. (Programa “Bom dia Brasil”, da rede Globo, 18-04-2011, <http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/04/obras-atrasam-e-infraero-constroi-puxadinho-no-aeroporto-de-goiania.html>)

O lúdico mostra-se também em piadas prontas e fórmulas feitas, repetidas por vezes à exaustão: se se serve um pavê de sobremesa, inevitavelmente algum dos comensais dirá a surrada piada: “Mas é *pa vê* ou *pa comê*?”. Se se pergunta se vale a pena, evoca-se o pobre do Pessoa: tudo vale a pena, se a alma não é pequena... E por aí vai: “longo e tenebroso inverno...”, “resumo da ópera”, “muita calma nessa hora”, “com tudo a que tem direito”, “estamos junto e misturado” etc.

O lúdico atinge limites imprevisíveis. Até em casos de enchente, chegamos, por vezes, a encontrar na TV, entre as vítimas, um toque lúdico em meio à desgraça. Como diz o

certeiro e intrigante verso de Chico e Vinicius: “a alegria que não tem onde encostar”, da canção – toda ela uma reflexão sobre o Brasil – “Gente Humilde”.



Tem certos dias em que eu penso em minha gente
E sinto assim todo meu peito se apertar
Porque parece que acontece de repente
Como um desejo de eu viver sem me notar
Igual a como quando eu passo no subúrbio
Eu muito bem, vindo de trem de algum lugar
E aí me dá como uma inveja dessa gente
Que vai em frente sem nem ter com quem contar
São casas simples, com cadeiras na calçada
E na fachada escrito em cima que é um lar
Pela varanda flores tristes e baldias
Como a alegria que não tem onde encostar
E aí me dá uma tristeza no meu peito
Feito um despeito de eu não ter como lutar
E eu que não creio, peço a Deus por minha gente
É gente humilde, que vontade de chorar

Falando da Bahia e dos baianos (e do Nordeste e do Brasil em geral), Julián Marías fala da alegria como vocação (“no mercado de Olinda, que é um mercado pobre, há mais alegria que em toda a Suíça!”) e diz que até viu alguns baianos tristes: “Mas percebi que o estavam também porque *pretendiam* a alegria, porque sentiam que era algo que lhes pertencia e lhes tinha sido alienado. Isto é o que é decisivo e evidente: os baianos têm *vocação de alegria*, que lhes parece ao mesmo tempo seu direito e seu dever” (*Hispanoamérica*, Madrid: alianza, pp. 226-227).

Alegria brasileira que se expressa, transborda no indefectível sorriso de um Martinho da Vila, do recém falecido Emílio Santiago ou de um Nequinho da Beija Flor (mesmo na grave doença)...

O estrangeiro no Brasil deve prestar especial atenção a um outro esporte nacional difundidíssimo: as piadas de duplo sentido, de fundo sexual. Cuidado ao usar os verbos “dar” (segundo sentido: entregar-se sexualmente), “comer” (*to fuck*) etc.



Um par de exemplos entre milhares. Mônica Iozzi, repórter de um bem humorado programa semanal, entrevista – em um coquetel que premiava os políticos mais atuantes – o senador Eduardo Suplicy, tido como um dos mais íntegros

políticos brasileiros. Durante a entrevista, ele recebe um tipo de torta, chamado “escondidinho”.

M: “- Até na hora da comida, o político come escondidinho também” [com o duplo sentido: os políticos se saciam ocultamente...]

[O senador dá um pedaço à repórter e diz:]

S: “Eu quero lhe dar uma boa comida”

(Cf minuto 4 e ss. : http://arquivocqc.blogspot.com.br/2011/11/monica-iozzi-no-premio-congresso-em.html#.TsKrn_2yORU.facebook)

Certamente o pobre senador, conhecido também por sua ingenuidade, queria dizer: “Os senadores queremos oferecer a vocês da imprensa *good food*” e foi o único brasileiro que não reparou no desastrado outro sentido – Eu quero f* você intensamente.

Uma peça de publicidade da cerveja Skol em garrafa pequena, zomba de nossa tendência ao diminutivo, ao mesmo tempo que faz piada de duplo sentido:

“Skol 300 ml. Você traz a garrafinha vaziiinha, leva a cheiinha e só paga pelo liquidinho. Alguém tem alguma duvidinha?”

- E eu que sou barbeiro?

- Boa pergunta, seu barbeirinho...

- E eu que sou professora?

- Boa pergunta, professorinha...
- E eu que sou médico?
- Boa pergunta, seu *medicozinho* [cuzinho = *little ass*]; quer dizer..., senhor grande médico.
(<https://www.youtube.com/watch?v=7-k1aKhxqyI>)

Como sofria aquela ingênua professora, que desconhecendo a malícia da ambiguidade, ao servir às visitas uma famosa marca de vinho português, disse: “Hoje é um dia especial e quero oferecer para vocês *Periquita...*” ou ao distribuir doces às crianças, um para cada um, exortou o aluno que tinha retido duas: “Caio, você tem que dar a *rosquinha* para seu coleguinha...”.

A maior parte dos shows de humor na TV vivem dessas batidas piadas popularescas, repetidas semanalmente e, por vezes, ao longo dos anos. A regra é ocultar a ordinarice, não explicitar o chulo, como se ele não estivesse por demais evidente.

Essa hipocrisia se estende também às legendas dos filmes, nas quais há uma espécie de tabu para com os palavrões, de resto, tão usados como em qualquer outro país. Ou mais: até o dicionário Aurélio registra como segundo sentido de “filho da puta”, o paradoxalmente elogioso: “*O filho da puta é inteligente: estudou pouco e mesmo assim passou em primeiro lugar*”.

O lúdico e as piadas se estendem a tudo: naturalmente ao futebol (quando se consolidou o Nordeste, Copa do Nordeste, inspirado na Liga dos Campeões da Europa, já foi

imediatamente apelidada de *Lampion's League*), apelidos para as novas gripes (a “gripe Sarney”: pega um e leva a família inteira)”, para cheques sem fundo²² (no dia seguinte ao meteorito que caiu na Rússia, nos Urais, 15-02, José Simão já registrava o “cheque asteroide”: “passa voando e, quando cai, provoca um rombo!”) etc., até à imagem da pátria. O brasileiro é “patriota” no que se refere a futebol e a esportes, mas, em geral, tem bem menos envolvimento nacionalista... Não estão em nossa memória viva as (poucas) guerras e não reverenciamos heróis militares.

Da minha infância – isto foi antes da ditadura militar e relativamente perto da Segunda Guerra mundial – lembro-me que havia inúmeras piadas de “patriotismo” do brasileiro, em comparação com outros povos, como a seguinte:

O general brasileiro em visita à Alemanha, ouve o colega dirigir-se ao regimento:

- Quem quer morrer pelo pátrrrria?

- Imediatamente, um soldado dá um passo à frente, puxa da arma, põe o cano no ouvido, dispara enquanto diz: *Ja, mein Generrrall!*

O mesmo ocorre na França... e quando os colegas vêm ao Brasil, o general brasileiro dirige-se ao pelotão:

- Quem quer morrer pela pátria?

(Silêncio)

²² Quando há altos índices de inadimplência, surgem novos apelidos para os cheques: Cheque-capim: só burro aceita. Cheque-mendigo: tá sempre descoberto. Cheque-canja: só pode ser dado de noite. Cheque-peixe: chega no caixa... e nada. Etc.

- Um voluntário para morrer pela pátria, dê um passo à frente!

(Todos dão um passo para trás)

- Muito bem. Eu vou jogar esta pena de galinha para o alto, em cima de quem ela cair, esse vai se matar pela pátria...

(O regimento está soprando a peninha até agora...)

Aprendíamos melhor as paródias do que os hinos, como no Hino do Exército: “porém se a pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos sem temor”, que para a criançada era: “porém se a pátria amada precisar da macacada, puta merda que cagada!”. E ao visitar o Museu do Ipiranga, aprendíamos que o compositor do Hino da Independência, o próprio D. Pedro I, teve que mudar rapidamente o verso: “Já podeis filhos da Pátria...” para “Já podeis da Pátria filhos”, para prevenir o inevitável complemento de “filhos da...”.

Nem os hinos religiosos escapavam das paródias. O clássico católico da época: “O meu coração é só de Jesus / E a minha alegria é a Santa Cruz” virava: “O meu coração é só de Jesus / E o meu pulmão é da Souza Cruz” (fabricante de cigarros...).

Não se trata de desamor à Pátria (nem de blasfêmia): é o irresistível espírito lúdico, junto com um acolhimento e valorização do estrangeiro, especialmente do americano... Pais pobres, de muito pouco estudo, dão a seus filhos nomes “estrangeirados”, de preferência com a letra W: Maixwell, Wóxinton, Valdisnei (Walt Disney), Creito (Clayton) etc. Quando uma pessoa escolhe seu nome artísticos, a tendência

é duplicar Ls e Ts para afetar estrangeirice... E a padaria de Santana de Parnaíba é “Parnaíba’s Center”...

Exceção feita ao futebol, à novela da noite e aos sucessos musicais do momento, temos poucos referenciais comuns a todos os brasileiros, o que dificulta uma ligação mais profunda com “a Pátria” (a ligação com o futebol é tão intensa que ele fornece dezenas – ou talvez centenas... – de metáforas vivas para todos os aspectos da vida: amoroso, empresarial, político etc.) Ao contrário dos muçulmanos, não temos um livro sagrado que todos conheçam realmente; não temos clássicos de literatura que todos tenham lido; nem memória viva da história e de heróis... A isto se junta uma desconfiança ancestral em relação ao governo e o cidadão – massacrado por séculos pela pesada e invencível burocracia estatal – não se sente respeitado como tal. Se ele infringe alguma norma de trânsito é punido com severas multas e pontos na carteira. Mas o governo é o primeiro a não cumprir sua parte, por exemplo fazendo proliferar lombadas e quebra molas, proibidos pelo próprio Código de Trânsito Brasileiro:

Art. 94. Qualquer obstáculo à livre circulação e à segurança de veículos e pedestres, tanto na via quanto na calçada, caso não possa ser retirado, deve ser devida e imediatamente sinalizado.

Parágrafo único. É proibida a utilização das ondulações transversais e de sonorizadores como redutores de velocidade, salvo em casos especiais definidos pelo órgão ou entidade

competente, nos padrões e critérios estabelecidos pelo CONTRAN.

Via de regra, o brasileiro não gosta de enfrentar, não fará revoltas abertas. Um caso clamoroso de desrespeito, como o acima, é ignorado pela população (talvez dominada pelo sentimento de que é inútil resistir...). Não é de estranhar que haja um pouco desenvolvido sentido do bem público – nossos 500 anos de “estado patrimonialista”.

Todos se queixam das enchentes, mas não deixam de lançar o lixo à rua ou aos rios... Fato significativo nesse sentido é o significado adicional que adquiriu o verbo “alugar”: incomodar ou maltratar alguém.

6. Diminutivos e outras formas gramaticais (ou não) do ESFP

Como dizíamos, a linguagem revela a realidade antropológica. No clássico *Raízes do Brasil*²³, ao analisar o brasileiro como “homem cordial” e suas virtudes (e, claro, também as disfunções...), que “são antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (e não “boas maneiras” ou civilidade...), Sérgio Buarque de Holanda faz esta importante sugestão: “Um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas a esse respeito”. O próprio autor ilustra o caráter revelador da linguagem com:

²³ Citarei pela ed. eletr. <http://filosofiabrasileiracefib.blogspot.com.br/2013/01/sergio-buarque-de-holanda-cap.html>.

Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”. (ed. cit.)

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçõzinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc.

Por influência africana, o diminutivo para nós serve até de aumentativo: quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Já em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freyre exemplifica o lado doce do brasileiro com a colocação pronominal:

Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um — o ‘modo duro e imperativo’: *diga-me, faça-me, espera-me*. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga,*

me faça, me espere. Modo bom, doce, de
pedido.” (ed. eletr.:
www.ufrgs.br/proin/versao_1/textos/casa.doc)

Na linha de buscar a suavidade do brasileiro em formas de linguagem, uma das mais notáveis realizações foi a de criar também um segundo modo para o frio e duro verbo “ter”. A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas *light* correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva do latim *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem (e, infelizmente, não podemos contar com o particípio “tenente”, porque se especializou em linguagem militar), segura e não larga.

Provavelmente por influência africana (que coincide com a forma quimbundo *kukala ni*) o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”. Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o guia da cidade, o grampeador, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* - “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o guia da cidade?”.

A linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha): “Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria *tienes tiempo, fiebre...*). O brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

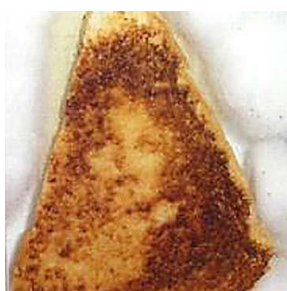
Também no caso da religião – e o brasileiro é exageradamente religioso –, prevalece o emotivo. Diz Sérgio Buarque de Holanda:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma Santa Teresa de Lisieux — Santa Teresinha — resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) Os que assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo. (ed. cit.)

Muitos – espíritas ou não – se orgulham de possuir dons de premonição, sonhos portadores de avisos etc., e a atitude dos que são advertidos por esses oráculos é no mínimo: “mesmo que eu não acredite, eu não abuso”.

Lembro-me, por exemplo, de como David Letterman se divertiu com a torrada que tinha “milagrosamente” estampada a imagem da Virgem Maria e que foi leiloada por U\$ 28000 no site e-Bay (<http://news.bbc.co.uk/2/hi/4034787.stm>). O católico sério anglo-saxão certamente terá apoiado a ridicularização dessa fraude. Mas é difícil imaginar algum apresentador brasileiro – seria considerado ímpio! – esculhambando um fraudulento “sinal” religioso, digamos, a “folha” de Nossa Senhora”. Se prestarem atenção aos adesivos nos automóveis, encontrarão frequentemente um terço com Nossa Senhora, que, segundo a lenda (surgida no início deste século), teria sido elaborada em uma folha de árvore por formigas.

Quando escrevi um artigo sobre a não existência do popular S. Expedito (fabricado por interesses financeiros) fui repreendido por católicos cultos por estar atentando contra a fé do povo. (www.hottopos.com/convenit10/19-26Jean.pdf)



Sonhos e sinais são frequentemente associados ao jogo do bicho (aliás, ilegal, mas ninguém se importa com isso) e há toda uma exegese para identificar o bicho que sairá vencedor: se se sonha com a sogra, deve-se jogar na cobra; se com lésbica, no jacaré etc. O jogo do bicho, autêntica paixão nacional, estabelece também a correspondência entre animais e sonhos, como no caso do veado (cujo segundo sentido é “gay”), que é o número 24 e esse número tornou-se sinônimo de gay. No meu tempo, era um terror o primeiro dia de aula para os meninos cujo primeiro nome começava com letras J, L, M ou N, porque o 24 na lista de chamada iria sofrer bullying ao longo de todo o ano. Por incrível que pareça as escolas nunca tiveram a iniciativa de excluir esse número das listas, pulando simplesmente do 23 para o 25. Jogadores de futebol usam camisas com todos os números, menos com o fatídico 24...

No oceano sentimental da religiosidade do Brasil (o Brasil é “franciscano”, segundo Freyre; espírita, segundo outros; e, em qualquer caso, tendente ao sincretismo) não é de estranhar que o *medium* Chico Xavier tenha sido eleito, em um longo concurso na TV, “o maior brasileiro de todos os tempos”, com mais de 70% de votos do público por Internet e SMS.

Religiosidade insaciável. Em um processo por homicídio, em 1985, um juiz de Campo Grande aceitou que a defesa apresentasse “cinco cartas psicografadas pelo médium Chico Xavier, nas quais a vítima dá a entender que a arma disparou acidentalmente. O júri o absolveu, mas a sentença foi anulada por recurso da promotoria, que quer condenação

por homicídio doloso” (“Marido das cartas psicografadas volta a júri”, *O Estado de S. Paulo*, 6-4-90, p. 16).



Chico Xavier psicografando

Em outro júri de homicídio, um juiz de Gurupi-GO, em 1987, convocou Chico Xavier como testemunha (não como testemunha ocular, mas mediúnica!!), pelo fato de o médium ter recebido mensagem do além da pretensa vítima (“Testemunha do crime: o médium”, *O Estado de S. Paulo*, 25-3-87, p. 17). E o “Jornal Espírita” comentou essa notícia em matéria de primeira página: “Haverá de chegar um tempo em que os espíritos poderão vir do ‘lado de lá’ - com o aval das autoridades - consertar tantas injustiças” (Ano XI, No. 143, Maio de 1987).

E, como base para nossa discussão, outro clássico sobre a religião do brasileiro: a fala de Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*:

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da

loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. (<http://stoa.usp.br/carloshgn/files/-1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>)

Religião (ou superstição, ou misto de ambos) é sempre prato cheio para o brasileiro, especialmente associada à paixão do futebol, no qual sempre é bem vindo o auxílio de Deus, santos ou entidades (o jocoso provérbio diz: “Se macumba resolvesse, campeonato baiano terminava empatado”). Durante muitos anos, um grande clube como o Vasco da Gama, manteve em seu quadro de funcionários Pai Santana, pai de santo (e massagista...), encarregado de trabalhos contra os rivais.



O pai de santo tinha vários rituais famosos, como acender velas no vestiário e estender uma bandeira do Vasco no gramado, se ajoelhar e beijá-la. Ele também costumava usar sempre roupas brancas. Uma história conhecida dá conta de que Pai Santana teria descido de helicóptero na Gávea e colocado um “trabalho” no campo do rival. Em seguida, o Vasco sagrou-se campeão carioca de 1977 na decisão por pênaltis. (<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2011/11/ex-massagista-do-vasco-pai-santana-morre-aos-77-anos.html>)

Embora seja um caso isolado, um feiticeiro chegou a processar o Internacional por não lhe pagar os “serviços” prestados na disputa contra o Grêmio:

O processo número 01598148052 deu entrada no Quarto Juizado Especial Cível de Porto Alegre no dia 23 de setembro de 1998, sendo autor Sérgio Ruggini, “que trabalha como feiticeiro especializado em trabalhos de feitiçaria para jogos de futebol” (processo p. 0001) e réu o Esporte Clube Internacional. Tratava-se de uma ação de cobrança, pois “no penúltimo campeonato gaúcho (1997) o autor foi contratado pelos réus para segurar o Grêmio na última partida do campeonato, saindo o Inter

campeão com o gol do Fabiano. Quando foi buscar o dinheiro acordado entre as partes recebeu informação dos réus que não pagariam” (idem). (<http://www.usp.br/revistausp/46/10-arioro.pdf>)

Cansada das exibições religiosas da seleção brasileira, como a comemoração da conquista da Copa das Confederações de 2009 a Fifa, finalmente, decidiu proibir “comemorações religiosas” nos jogos de futebol (Cf. www.estadao.com.br/noticias/impresso,fifa-punira-comemoracao-religiosa,559699,0.htm)



Para não falar da (não de todo surpreendente) recente notícia de que o mais perigoso criminoso do país, condenado a 200 anos de prisão, foi aprovado no vestibular e está cursando (“a distância”, naturalmente) faculdade de teologia. Danilo Gentili (não podia faltar piada) comentou: “até o Fernandinho Beira Mar se ligou que recolher o dízimo dá mais dinheiro do que vender drogas” (<http://tvuol.uol.com.br/assistir.htm?video=danilo-beiramar-viu-que-dizimo-da-mais-dinheiro-que-drogas-04024D1C3470C8994326&idtTagService=29315&tagIds=4893&orderBy=mais-recentes&edFilter=editorial&time=all¤tPage=1>).

7. Ainda o fator F

Sérgio Buarque de Holanda fala também da abordagem pessoal do brasileiro:

O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa um aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros chegam a penetrar com facilidade. E é tão característica, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se normalmente da concorrência. Um negociante da Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo. (ed. cit)

O aspecto F é tão acentuado entre nós, que em reportagem do “Jornal Nacional” sobre a “invasão” de trabalhadores estrangeiros no Brasil (e suas dificuldades de adaptação), um deles, funcionário de um banco, relatava a dificuldade que encontrava em expor sua vida pessoal aos colegas de trabalho:

Em um lugar como Nova York há uma clara divisão entre o que é sua vida profissional e sua vida pessoal: quanto mais rápido você se adaptar a isso, melhor será para sua vida profissional (<http://g1.globo.com/videos/jornal->

nacional/t/edicoes/v/numero-de-estrangeiros-trabalhando-no-brasil-cresce-quase-20-em-2011/1598559/)

Nessa mesma linha vai a aguda constatação de Gilberto Freyre em *O Brasileiro entre os Outros Hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão”. Essa afirmação é vista pelo filósofo espanhol Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua e exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

Não devemos estranhar, portanto, a falta de pontualidade, que tanto choca estrangeiros e torna a vida impossível para quem não conhece os códigos. Se um encanador disser, por exemplo, “amanhã eu dou uma passadinha aí” é inútil tentar arrancar dele uma hora exata: ante a insistência, ele acabará “aceitando” a hora imposta, mas simplesmente não comparecerá no horário agendado. É proverbial também a tendência a deixar tudo para a última hora: todos os anos repete-se a mesma correria e congestionamento do site da Receita Federal: cerca de 15%

dos contribuintes deixam para o último dia a entrega da declaração do Imposto de Renda...

8. O F: emoções, susceptibilidades, críticas

Por outro lado, dado esse lado F, tão vigente no Brasil, não é raro encontrarmos, no setor de serviços, profissionais de altíssimo nível no relacionamento humano: simpatia, atenção, carinho mesmo pelo cliente, que mais que um cliente, é um amigo. Isso já lhes vem dado de família e, se unem a esse lado humano a competência técnica, isso os situará entre os melhores do mundo.

Mas, cuidado! O brasileiro é muito susceptível: qualquer falta de atenção pessoal, uma crítica sem mil atenuantes, etc. podem gerar melindres irreparáveis (que dificilmente se externarão de modo verbal, mas que se manifestam precisamente pelo emudecimento ou pela ausência...).

É uma cultura da mágoa, tão arraigada, estendida e vigente, que, se alguém pela forma direta de falar fere o interlocutor, deve empenhar-se ao máximo para desfazer o agravo.

Esses sentimentos foram muito bem capturados na peça publicitária dos postos Ipiranga (abril – 2011), impensável em países como a Espanha, Alemanha ou Japão. Dois atendentes conversam sobre as vantagens das promoções da firma: um deles tem a (ridícula) ideia de oferecer aos clientes maçãs do amor; o colega o comenta de forma direta (com naturalidade e sem agressividade

propriamente): se a rede Ipiranga, oferece tais e tais vantagens e prêmios etc.: “Você acha que alguém vai querer isto aqui? [a maçã do amor]”.



O outro nada diz, toma a maçã da mão do colega, não responde e retira-se emburrado: como é usual no Brasil, uma crítica objetiva é tomada como ofensa pessoal. O colega dá-se conta do problema (“Xi, magoou”) e apressa-se a ir atrás do agravado, apressando-se a dizer que maçã do amor é uma ótima ideia, que ele mesmo quer comprar uma etc.



<https://www.youtube.com/watch?v=jd52jFLsWS0>

É preciso tomar imenso cuidado para apresentar qualquer crítica, interpelação, correção a um subordinado de condição humilde, uma empregada por exemplo. Em muitos casos (e sinceramente), ela evitará a discussão sobre a questão objetiva e invocará – talvez com choros – aspectos de sua situação de (real) sofrimento na vida: invertendo a culpa e transformando o patrão em carrasco.



É uma cena antológica de “Trair e coçar é só começar”, comédia que está há 27 anos ininterruptos em cartaz (cerca de dez mil apresentações e 6 milhões de espectadores)! A atrapalhada empregada Olímpia, com as melhores intenções, arma graves problemas para a família e, quando, o patrão a interpela, ela tenta desconversar e atalha a discussão chorando: “Ai, Dr. Eduardo, não faz isso comigo, não. Não me encosta na parede porque eu sofro dos nervos...”.(ver minuto 40 e ss. do vídeo do filme: <https://www.youtube.com/watch?v=gyq6rLVE2U>)

Essa atitude de medo é compreensível: afinal, são séculos de opressão de negros, indígenas e pobres e, ainda

hoje, infelizmente é comum o arrogante desprezo e agressividade com que muitos brasileiros ricos (sobretudo os novos ricos) e da classe média se comprazem em esbravejar e humilhar os pobres.

Outro fator desconcertante são os eufemismos, que tendem a se absolutizar e excluir o verdadeiro nome das coisas: dificilmente designaremos um homem gordo por gordo, e menos ainda uma mulher! Ela é “fortinha”. “Moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem: com quase 50 anos de carreira, ainda hoje só se fala em “as meninas” do Quarteto em Cy.



O maravilhoso Quarteto em Cy

Em alguns casos, a “bondosa” atitude de não dizer a verdade (não serei eu a dizer a verdade, não serei eu o portador de uma notícia ruim) chega às raias da crueldade: como o daquele nosso conhecido que passou anos tentando ingressar em um doutorado e ninguém se atrevia a dizer-lhe claramente que ele não tinha chances. Essa atitude de não dizer a verdade que fere está na base da campanha publicitária da Visa (“Posso te falar uma coisa?”) na qual alguém está tranquilamente cometendo uma gafe monumental – comprar um ferro de passar para dar de presente para a esposa no aniversário de casamento ou comprar na funerária flores para a namorada – e a vendedora

cria coragem para fazer a advertência, mas acaba é dizendo para não pagar em dinheiro: “Pagar com Visa é muito melhor!”



Nunca diga não. Se um mendigo pede esmola num semáforo e você não quer dar, a melhor maneira de dizer não é: “Ih..., hoje eu estou sem; amanhã sem falta!” ou algo parecido.

Por outro lado, a violência aflora mais facilmente no trânsito e em estádios, situações de anonimato, de impessoalidade.

A emoção. Emocionar-se é quase um valor absoluto. A mais emblemática canção do mais apreciado cantor brasileiro, o “rei” Roberto Carlos, é precisamente “Emoções”: “Quando eu estou aqui / Eu vivo esse momento lindo / Olhando pra você / E as mesmas emoções Sentindo... (..) / Se chorei ou se sorri / O importante / É que emoções eu vivi...” (<http://www.youtube.com/watch?v=fbUSACfeteg>)

O *approach* pessoal. O português conseguiu conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o

impessoal “sair”; é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos - como nos fez notar Sylvio Horta, professor de filosofia da FFLCH, da USP - como o da expressão: “Minha Nossa Senhora!”.

O brasileiro faz o próprio impessoal virar pessoal: se o francês diz *on* (“En Espagne on dine rarement avant 22 heures”), no falar daqui prevalece o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: “Na Espanha você não janta antes das dez”.

A aproximação pessoal dá-se no vocativo paulista “Ô meu”. O pronome oblíquo projeta pessoalização: “Não me bata nesse cachorro” (maltratar o cão é maltratar a mim). Ainda no âmbito do destaque da pessoa, enfatizamos a nossa forma de personalização com o artigo (“fala com a Fabiana ou com o Fernando”).

O (ab)uso brasileiro dos diminutivos e aumentativos (e apelidos etc.) unem a perspectiva lúdica com a apropriação pessoal não só de amigos e colegas, mas também de figuras públicas, edificações, instituições etc. Estamos naquela dupla chave a que se referia Gilberto Freyre: a protocolar, formal, dura; e a familiar, pessoal do brasileiro. No futebol, todos são (ou podem ser) chamados por apelidos, diminutivos, aumentativos, primeiras sílabas, gentílicos etc.; mas o árbitro (ou a ainda mais impessoal: “a arbitragem”) é designado por sobrenome e tratado de “senhor”: “tempo esgotado, estamos por conta do Sr. Sálvio Spinola”. E poucos conhecem o Estádio Olímpico João Havelange, mas somente o Engenhão; e menos ainda o Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão!

Os diminutivos e aumentativos são regidos por uma lógica oculta, dificilmente apreensível para o estrangeiro, mas conatural ao brasileiro. Se um marido ou um goleiro cumprem exemplarmente o que deles se espera, são potenciados por “maridão” e “goleirão”; já para o juiz de futebol, “juizão” indica abuso da autoridade, não agir de modo digno: “o atacante claramente se jogou, mas o juizão deu pênalti”. E, como dissemos, o diminutivo pode servir também de aumentativo, como quando se diz da moça apaixonada em grau superlativo por um rapaz, que “está caíndinha por ele”.

É bem conhecida a tendência brasileira – chocante para as *vigências* de muitos países – de contato físico ao cumprimentar um conhecido ou mesmo ao ser apresentado a um estranho: beijos, abraços etc.

Faz parte mesmo da educação das crianças. Lembrome do esforço de um casal conhecido para conseguir que seu filho de dois anos desse um beijo no “tio Jean”, que os visitava em casa. Após insistentes e inúteis exortações verbais (a situação já estava ficando constrangedora), e mesmo eu dizendo que não era necessário, que deixassem o menino (e o “tio”) em paz, os pais não desistiram: tratava-se de um valor essencial na educação e tiveram que apelar para a *ultima ratio*: subornar o menino com um “IV Centenário”, o famoso docinho de amendoim (a perversa cultura do açúcar, tão brasileira...).

E quanto á vigência da extroversão, já desde o ingresso na escola, quando as crianças, por exemplo, saem de excursão em ônibus, indefectivelmente passarão o trajeto

todo debruçadas nas janelas e (para desespero das professoras) ruidosamente conversando aos gritos com os motoristas e pedestres que estejam pelo caminho. Se alguma criança introvertida hesitar em participar, será vista como um E.T.

Nem tudo são afetividades; ha também um misto de curiosidade e *Schadenfreude*, a irresistível contemplação da desgraça alheia, quando ocorrem acidentes. Muitas vezes, mais do que pelo acidente em si, os engarrafamentos são causados pela paradinha que os motoristas dão quando chegam ao local do desastre (e o congestionamento se dá também nas pistas do sentido oposto: pura curiosidade mórbida). Quanto pior o acidente, maior é o tempo da conferidinha e se tem bombeiro no local, aí é prato cheio.... Um time brasileiro vai enfrentar um Tegucigalpa na Libertadores.

A torcida dos outros times compra quilos de rojões para o caso de sair um gol do Tegucigalpa. Mas, claro, não assume publicamente essa preferência e, em todo caso, dirá que sua bisavó paterna era hondurenha e que sente uma simpatia pelo Tegu desde criancinha...

O católico brasileiro ficou felicíssimo com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – “conforme a oportunidade”, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo” - “Let us offer to each other the sign of peace”.

Coeteris paribus, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá

“a paz de Cristo” e em questão de um minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom I, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado (em alguns casos, cheirado...), beijado etc. numa explosão de alegria, que, certamente, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor...



Embora a afetividade e o calor humano sejam virtudes muito brasileiras, nossas formas verbais nem sempre são adequadas. Os estrangeiros sempre se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós uma piada do Chaves:

Chaves: - Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: - Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”

Chaves: - O senhor também está brincando de esconder com o Quico?



9. Voltando ao Guia do brasileiro no Japão

Claro que há cativantes e inegáveis virtudes no ESFP (o tipo keirseyno do “brasileiro”): o proverbial calor

humano que permeia nossas relações, a alegria, a espontaneidade, a generosidade e, para o bem e para o mal, a informalidade e a irresistível vocação lúdica etc.

O problema é que há também disfunções típicas nesse perfil, a começar pelo pouco senso de privacidade: o brasileiro expõe suas preferências e até o nome dos filhos em adesivos do carro; fala no celular de seus problemas familiares em alto e bom som, sem se importar com o fato de estar rodeado de desconhecidos; e é capaz de abrir sua intimidade com o primeiro que senta a seu lado no metrô, como se mostra no recente livro “Entre o trem e a plataforma”, de Lucimar Mutarelli.

Já no Japão, não se fala ao celular em transportes coletivos, ninguém se expressa ruidosamente em público e o apreço pela privacidade leva os leitores a encaparem os livros que lêem no ônibus, trem ou metrô. É a oposição entre o “exibido” e o “reservado”.

Outra disfunção do ESFP, chocante, no caso, é a tendência a ser “folgado”, a resolver tudo com “esperteza”. Imaturidade, irresponsabilidade e impulsividade são outras disfunções que Keirseya aponta como próprias de nosso tipo SP. Dado nosso acentuado fator F, é muito mais fácil, por exemplo, “furar” uma fila no Brasil do que na América ou na Europa, onde o atrevido seria imediatamente repreendido e energicamente enquadrado. Por aqui, em geral, haverá alguns segundos de hesitação: quem – todos estão irritados com o fato – irá tomar a incômoda iniciativa de iniciar o “conflito”? Provavelmente, haverá antes um certo murmúrio – inicialmente em voz baixa (“Tem gente que não se toca, né?”


etc.) – que irá crescendo até que alguém, finalmente, interpele o atrevido. Não por acaso, há diversas formas verbais – “folgado”, “abusado”, “cara de pau”, “espertinho” etc. – para identificar e reprimir os que abusam do nosso lado F.


Se no Brasil, nossas vigências legitimam muito dessa expansividade brincalhona; no Japão, território T e F, não funciona. Daí que por via das dúvidas o Guia, advirta por exemplo: “Evite falar alto nos transportes públicos, batucar [sic] ou tocar qualquer tipo de instrumento. Você pode ser retirado do local.”

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, pressente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio).



Mas a crua clareza do Guia é necessária ante o temor de nossas autoridades diplomáticas:

 gorjeta e nao na 10% nas contas de restaurantes e bares.



O QUE O CONSULADO PODE E NÃO PODE FAZER PELO BRASILEIRO
A função do Consulado é atender os brasileiros no país zelando pela sua segurança e bem-estar, prestando assistência aos desvalidos e providenciando a impressão de passaportes perdidos ou danificados. O Consulado não pode assumir dívidas de brasileiros, emprestar dinheiro, pagar a contratação de advogados, retirar detidos das delegacias e prestar informações de natureza turística ou de serviços. Os telefones do plantão consular estão na página 21.

15

Muito obrigado.

Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características I (os SP)

Jean Lauand
Chie Hirose²⁴

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. Tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. Temperament types.

1. Um caso ISFP: Guga Kuerten

Começamos a apresentação de nossos exemplos com um particular caso de SP: o ISFP.

Se os SP são denominados por David Keirsey (abreviaremos por DK) *artisans*, que no caso do ISTP envolve a especial inclinação para lidar com ferramen-tas e fabricos (motores, armas etc.), por alguma razão o ISFP costuma voltar-se para as *fine arts*:

²⁴. Doutora e Pós doutora Feusp. Professora da rede municipal de ensino da PMSP

Quando encontramos um destacado compositor, pintor ou bailarino, frequentemente será um ISFP. Beethoven, Toscanini, Rembrandt e Nijinski, como se manifesta na pesquisa tipohistórica, eram ISFP chapados (Keirsey 1984, p. 204).

Seu acentuado senso S de realidade, de concreto, especialmente para a “especialidade” para a qual está particularmente dotado “keeps the ISFP more closely in touch with the very real” (Keirsey 1984, p. 205).

O ISFP sintoniza com a cor, a linha, a textura, a tonalidade – tato, movimento, ver e ouvir, em harmonia. Os sentidos do ISFP parecem mais agudamente sintonizados do que os dos outros. Rembrandt podia quase saborear as cores, devido à sua grande sensibilidade. Toscanini podia distinguir uma única nota desafinada em meio à mais complexa performance instrumental da orquestra. E as palavras de Hemingway tinham o gosto, cheiravam e sentiam as ondas” (Keirsey 1984, p. 205).

A sensibilidade do ISFP é como que um radar sempre ativo para o aspecto do mundo concreto que o toca em sua arte (no sentido amplo, que pode abarcar, por exemplo, esportes como o tênis). Meu amigo, o saudoso grande pintor Fulvio Pennacchi via (e vibrava com isso) espontânea e necessariamente composição e cromatismo em qualquer

situação do cotidiano, enquanto nós outros víamos apenas um cena rotineira a mais. Dorival Caimmy não compunha com o violão, mas extraía canções da simples prosódia do falar cotidiano...

Nesse sentido, nada supera a antológica cena do filme *Amadeus* de Milos Forman, na qual a sogra de Mozart, Frau Weber, enfurecida com o genro irresponsável, quer afastá-lo e vai proferindo uma série de insultos: “... Você é um monstro... egoísta ... para você só existe a sua música. Eu bem que avisei a minha filha: ‘case-se com um homem, não com um bebê’”. Etc. Mozart, indiferente à fúria da sogra, atenta somente para a prosódia dela, da qual extrai imediatamente a ária “A Rainha da Noite” e a câmera vai pontuando a transição da estridente megera para a soprano de “A Flauta Mágica”.



A cena encontra-se em <https://www.youtube.com/watch?v=5wfp8EB179g>

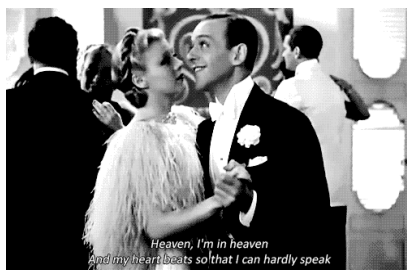


Ao caso do Mozart do filme de Forman, foi dedicada uma dissertação de mestrado, contrapondo (sem usar a terminologia de DK) a caricatura das disfunções dos SJ no personagem Salieri ao – também carregado –, Mozart, SP²⁵.

Mas a característica do ISFP que queremos destacar, a propósito de Guga, é aquela apontada por DK:

The ISFP has to be the kindest of all the types with no near competitors. The kindness is unconditional. Here is sympathy, of which we are all capable, carried to its most extreme form. The ISFP is especially sensitive to the pain and suffering of others and, like St. Francis of Assisi, with sympathetic impulsivity gives freely to the sufferer. (Keirse 1984, p. 205)

Fred Astaire (1899-1987), o maior dançarino da história do cinema, obrigava os roteiristas de seus filmes a contorcionismos: ele era incapaz, mesmo como personagem, de magoar alguém.



²⁵. Luciana do Amaral Brillhante. “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

Nosso Gustavo Kuerten, como bom I concede poucas entrevistas e sua mãe refere-se ao fato, dizendo jocosamente que o filho é “bicho do mato”. No caso extremo de outro ISFP, João Gilberto, ninguém conseguia furar o bloqueio e sua personalidade permanecia (outra marca registrada dos ISFPs) um tanto enigmática para os outros tipos. São legendários os intermináveis “ensaios” de João Gilberto que, como em geral nos ISFPs, não eram propriamente ensaios, mas o impulso incontido da ação artística, unido à exigência de nada menos do que a perfeição em sua arte. (Mas atenção: por mais que sejam extremamente gentis, os ISFP são, afinal, impulsivos como todos os SP e daí também os “destemperos” de João Gilberto diante de alguma falta de sintonia do público. Paulinho da Viola conta uma sua desestruturação no palco diante de uma simples desatenção de um espectador.)

Qual a grande dificuldade do tipo *kindest*, ISFP, Guga no início de sua carreira? A mais inesperada para quem não leu DK: a dificuldade de vencer para não magoar seu adversário, infligindo-lhe amarga derrota! É o que ele mesmo nos conta em uma de suas raras entrevistas. Aos 14 anos, conheceu Larri Passos, que ia ser seu técnico, por longos anos.

[O Larri me ajudou muito] Teve uma situação já com o Larri que foi determinante: eu saio da quadra, perdendo o jogo – isso acontecia, eu me emocionava muito... ficava triste, porque no tênis tem isso: um ganha e o outro tem que ser derrotado e eu... “Pô, mas que pena...”. Eu

tinha uma dificuldade de enfrentar isso. Para mim foi difícil e o Larri falava: “vai pra cima dele, cavalo! Passa por cima, vai, mata o cara!” (<https://www.youtube.com/watch?v=ZLgIh5iDmWA> 9:50m)

Assim, o (árduo) trabalho do técnico foi o de ajudar Guga a, no esporte, “superar” sua tendência mais arraigada, a de “ajudar as pessoas e fazer carinho”! E, refreado seu sensível fator F, liberar o estilo SP: revolucionário, agressivo, exuberante e alegre. Vencedor. A Revista Tênis o coloca entre os “10 tenistas que transformaram a forma como o tênis é jogado”:

A inesperada conquista de Guga em Roland Garros 1997, contudo, pavimentou a mudança que se solidificou hoje.

Diante de adversários que fundamentavam seus jogos no preparo físico e na regularidade de fundo, o brasileiro ousou acelerar bolas, arriscar paralelas de backhand, tentar curtinhas etc. De repente, aquele padrão extremamente defensivo do jogo de saibro deu lugar a um estilo muito mais agressivo, exuberante e alegre.

Mesmo jogando do fundo de quadra, Guga mostrou que era capaz de encurralar os oponentes, tirá-los do sério com seus imprevisíveis ataques com o backhand na paralela ou então com deixadinhas depois de tê-los jogado metros longe da linha de base.

(https://revistatenis.uol.com.br/artigo/nascidos-para-mudar-o-tenis_12455.html)



Guga, leva ao extremo o carisma do ISFP e aparece como a pessoa mais gentil, alegre e emotiva do mundo. Por suas aparições na olimpíada de 2016, suscitou nas redes sociais uma sacada genial, que bombou imediatamente: chamar Guga de “Labrador Humano”.

Ele, naturalmente se emocionou e agradeceu: “Tenham a certeza de que foi a minha medalha de ouro. Vai ficar guardada no coração como símbolo e a grande lembrança desses jogos aqui no Rio” ([http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia /2016/08/guga-](http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/guga-)

comenta-apelido-labrador-humano-e-conta-o-que-tira-seu-sorriso-do-rostro-video.html_)

Outro exemplo: uma das tantas delicadezas de Guga foi quando, emocionadíssimo, enviou uma mensagem para os familiares da tragédia da Chapecoense e teve o cuidado de dizer: “nós estaremos orando, estaremos rezando...”, para evitar ferir qualquer susceptibilidade entre evangélicos e católicos. (“www.youtube.com/watch?v=iRSyyZaiVJY”)

2. Um caso ESTP: Neymar Jr.

Muitos dos grandes esportistas são SP e ESTP. Com suas características, para o bem e para o mal: impulsividade, independência, liberdade, hedonismo, ludicidade etc. Na disfunção: indisciplina, farras, pavio curto, irresponsabilidade, infantilidades, fanfarronice etc.

Na vida comum é difícil (especialmente para os comedidos SJ) compreender como uma pessoa pode, por exemplo, cair nos juros, literalmente absurdos, do cheque especial ou do parcelamento do cartão: é óbvio que é um grave erro financeiro. Para a descontrolada impulsividade do SP (os SP são as principais vítimas da impulsividade-de...) essas opções podem afigurar-se viáveis: magnetizados pelo “aqui e agora” não medem as consequências, tudo que vêem é a necessidade de seguir o impulso e evitar a espera. São os mesmos impulsivos que, tendo perdido no cassino, dobram a aposta: é tudo ou nada, é agora ou nunca etc. São acentuados SP que tiram a camisa ao comemorar um gol, mesmo cansados de saber que esse ato custa um cartão amarelo...

E é que se há algo que os SP (todos eles) não conseguem suportar é a espera; a palavra que lhes é mortal é *wait*: “eles não esperam porque esperar é ver seu impulso definhando e morrer, eles querem e valorizam seus impulsos e os vêem como o centro de suas vidas” (Keirse 1984, p. 204).

O santo dos SPs é Santo Expedito (pouco importa se ele realmente existiu ou não); Expedito é o santo que não enrola, resolve na hora, “mete as cara”, como no lema SP da Nike: “*Just do it!*” O reflexo dos SP pode ser tamanho que, muitas vezes ele dá uma resposta tão rápida que o interlocutor de outros tipos pode considerar impensada, frívola ou irresponsável; quando, na realidade, é sua resposta ponderada definitiva: a prontidão lhe é conatural e ele, normalmente, não precisa ruminar o assunto por tempo prolongado.

Já a introdução do clássico dos clássicos, Casablanca (no qual o tempo é um dos temas...), descreve entre os horrores da guerra, o suplício dos SP, o purgatório da espera: alguns poucos conseguem o visto para Lisboa (que lhes permitirá ir para a América); os outros..., esperam em Casablanca “...and wait, and wait..., and wait...”. Nessa linha a (extremadamente SP) Tina Turner, gravou a canção que melhor exprime o impulso típico dos SP: *Paradise is here* (Paul Brady), nem sonhos nem planos: *right now!*

(...) But paradise is here
It's time to stop your crying
The future is this moment
And not some place out there
Tonight I need your love

Don't talk about tomorrow
Right now I need your loving
Right now give it to me
Right now I want your loving
Right now- now now now (...)

Com o acima exposto, não é difícil evocar a galeria dos extremados ESTP (incluiremos também alguns ISTP) de nosso futebol (ou de outros setores...):

Felipe Melo. Entre tantas outras, recém contratado, na entrevista de apresen-tação ao Palmeiras (jan. 2017), o meia foi logo avisando que iria reabrir antigas desa-venças: “Se tiver que dar porrada, eu vou dar. Se tiver que bater na cara de uruguaio, vai tomar tapa na cara”. Não deu outra: o Palmeiras x Peñarol em abril (2017) acabou em pancadaria; os uruguaiois tinham como alvo principal o próprio Felipe Melo. Meses depois, Felipe exhibe como troféu, um porta-retratos em sua casa, a foto do soco que deu no uruguaio. Se o ISFP é labrador, os STP podem ser pitbull, como no grito da torcida do Palmeiras: “O bagulho é doido! Felipe Melo, pitbull, cachorro louco!” (<https://www.lance.com.br/palmeiras/cachorro-louco-felipe-melo-ganha-musica-torcida-agradece.html>).



<http://esportes.r7.com/blogs/r7-so-esportes/e-ousado-demais-rapaz-felipe-melo-guarda-lembranca-de-briga-no-uruguai-na-sala-de-casa/2017/08/31/>

Nossa galeria se amplia com, digamos, **Maradona**, **Dudu** (outro “guerreiro” do Palmeiras), **Adriano Imperador**, **Romário** (que quando cobrado pelas farras em seu tempo de Barça, saiu-se com a antológica frase: “*Si no salgo a [sic] la noche, no meto goles*”), os comentaristas **Neto** e **Edmundo** (“animal”), o atualmente técnico **Renato Gaúcho** (Portaluppi), **Donald Trump**, **Kim Jong Un** (o ditador que adora a Disney e o Chicago Bulls), **Jair Bolsonaro**, **José Luiz Datena**, **Ratinho**, **Silas Malafaia**, o ISTP **Vladimir Putin**, etc.

Sérgio Cabral, com sua audácia, ostentações e farras como a do guardanapo, expõe algumas outros traços (disfuncionais) dos ESTP.

Não é de estranhar que, no caso das mulheres ESTP – como **Amy Winehouse**, **Madonna**, **Angelina Jolie** (e **Lara Croft**), **Camilla Parker Bowles** –, alguns aspectos de seu comportamento possam parecer, em alguns casos e alguma medida, associado a padrões estereotipadamente masculinos (independentemente de conotações homossexuais como no caso de Thammy Gretchen). Eu sou durona... diz uma conhecida sentença de Madonna: “I’m tough, I’m ambitious, and I know exactly what I want. If that makes me a bitch, okay.”²⁶; Amy Winehouse afirmou certa vez: “I’m more of a boy than a girl” e de Camilla Parker Bowles se diz que é uma **tomboy**, mulher com gostos e jeitão mais para masculino (sem conotações homossexuais). Disse ao ser apresentada ao Príncipe Charles: “My great-grandmother was the mistress of your great-grandfather - so how about it?”. Já Madonna diz

²⁶. Todas as citações desse parágrafo procedem de: <https://www.idrlabs.com/estp.php>

de si mesma: “I’m a man inside a woman’s body.” E a SP, em famosa entrevista, diz do idealismo dos NF: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

No caso feminino, o troféu ostentação vai para a ESTP Val Marchiori, com suas quinhentas e tantas bolsas Louis Vuitton, peles e o inseparável champagne...



<https://televizao.wordpress.com/tag/val-marchiori/page/16/>

Para que se entenda bem o que estamos afirmando, um exemplo, ilustrativo e esclarecedor: o popular programa do SBT, “Casos de Família” foi apresentado pela discreta Regina Volpato de 2004 a 2009; sendo, então substituída pela ESTP (com maiúsculas), Cristina Rocha.

Com Volpato, o programa era sério, sóbrio, de aconselhamento, sem gritaria nem barracos. Cristina Rocha, assumiu para agitar (promover barracos, como no programa original venezuelano) e aumentar a audiência e chegou mesmo a alfinetar sua antecessora:

Eu entrei [no Casos de Família] com o coração. Tudo que eu faço eu visto a camisa. Comigo não tem isso de estar em cima do muro. Quando fiz o teste, o Silvio queria um programa mais popular com uma apresentadora que se desse bem com a plateia. Que fosse mais participativa, coloquial e que desse opinião. A [antiga] apresentadora [Regina Volpato] ficava sentada o tempo todo e no final a psicóloga falava. Era uma coisa mais contida.

(<https://www.otvfoco.com.br/apresentadoras-casos-de-familia-christina-rocha-critica-regina-volpato-ficava-sentada-o-tempo-todo/>)

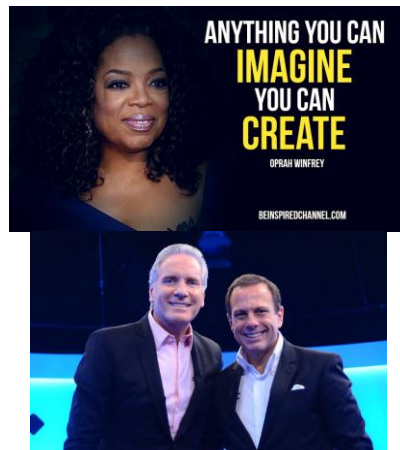


Outros estilos de apresentadoras:



Hebe **ESFP**
Fátima **ESTJ**

Eliana **ESFP**
Cátia **ESFJ**



Oprah e a sensibilidade NF A fria racionalidade NT Justus e Dória

Quem senão o ESTP (e mais ainda o ISTP) pode, na disfunção, ter a arrogância de um Carlos Marun, líder de várias tropas de choque, para celebrar na Câmara, com dancinha, cantando: “surramos a oposiçãoãã, que não consegue nem uma ganhar”... (<https://www.youtube.com/watch?v=WORSkpfdfGc>).

Apesar dos exemplos que demos anteriormente de ESTPs, a bem da verdade, o ESTP não é necessariamente truculento (como pode parecer em um Brasil e em um mundo rachado em maniqueísmos e radicalismos); pelo contrário, o ESTP pode ser, e frequentemente é, simpático, eletrizante e refinado (como o agente 007) e, devido a essa observação das motivações alheias, pode ser um grande negociador, como é o caso de um dos maiores campeões mundiais da paz de todos os tempos (e mártir da paz), o diplomata brasileiro: Sérgio Vieira de Mello. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmava que Vieira de Mello era “a pessoa certa para resolver qualquer problema”. Foi o primeiro brasileiro a atingir o alto escalão da ONU. Como negociador da ONU, atuou em alguns dos principais conflitos mundiais - Bangladesh, Camboja, Líbano, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Ruanda e Timor-Leste, entre 1999 e 2002.

Sua incomparável vocação para a negociação fez dele (na década de 90) o único diplomata capaz de abrir e manter conversações com o Khmer Vermelho. Em maio de 2003, foi enviado como representante oficial do Secretário-geral das Nações Unidas para o Iraque e fez parte da equipe que vistoriou a Prisão de Abu Ghraib. Em Bagdá acabou sendo morto em 2003 durante o ataque suicida ao Hotel Canal, com a explosão de um caminhão-bomba. Abu Musab Zarqawi, chefe da Al Qaeda, assumiu a responsabilidade pelo atentado: Mello foi assassinado pois ele era um “cruzado” (sic: *franç*) que extraiu uma parte (o Timor Leste) do país muçulmano da Indonésia.



O ESTP Sérgio Veira de Mello, considerado um misto de Bobby Kennedy e James Bond.

E é que:

Os ESTP têm um dom especial para observar o que motiva as pessoas; são hipersensíveis às mínimas indicações não verbais dos outros, o que passaria despercebido para muitos outros tipos. (Keirsey 1984, p. 196).

Mas não se trata de uma captação das motivações alheias como pela capacidade empática do NF, mas por um instinto de indícios (*Elementary, dear Watson...!*), muito úteis para um espião como James Bond.

Como no caso daquele nosso amigo inquilino, que foi negociar um gasto no apartamento com o proprietário (tipicamente ESTP). Só se conheciam dos breves encontros mensais no escritório deste para pagamento do aluguel e um cafezinho. A proposta era para dividirem os gastos de uma descupinização necessária, pois o apartamento estaria infestado de cupins. O proprietário, ato contínuo, desmontou a charada: “- Não me diga, o senhor se casou?...”. A pergunta era retórica, era mais uma afirmação e, de fato (!), o inquilino tinha acabado de se casar (sem que o outro soubesse). A sequência da fala foi antológica: “... Porque nesta época do ano [tinha havido revoada de verão de cupins no bairro alguns dias antes] eles aparecem por toda parte, até em estruturas metálicas ou de concreto... Agora, se a sua esposa quiser fazer um favor para a gente, diga para ela pegar uma seringa velha e injetar onde ela acha que eles [os supostos cupins] estão instalados... [e pare de nos aborrecer com sua neurose de problemas fictícios]”.

Machismos à parte, nosso ESTP decifrou em um relance a situação toda...

Se em algumas atitudes dos ESTP acima prevalece o aspecto “durão”, machão (muitos STP têm afinidade com armas, esportes radicais etc.), o tipo é em geral sociável e magnetiza o ambiente:

Se são utilizadas as capacidades promotoras e empreendedoras do ESTP, a instituição beneficiar-se-á muito de sua presença. Mas se seu desejo de *excitement* não encontra receptividade construtivamente, então sua energia pode se canalizar para o destrutivo, para atividades anti-sociais, para o estelionato, falsificação, contravenção etc. Um filme, do começo dos anos 70, que expressa bem esse uso dos talentos dos ESTP é “Golpe de mestre” (*The Sting*). (Keirse 1984, p. 197).

Em nosso Neymar destaca-se o lado lúdico dos SP: na melhor tradição da escola brasileira (avalizada pelo insuperável Garrincha) o futebol é antes e acima de tudo brincar: inventar gracinhas e dancinhas para comemorar, coreografias com os “parças”..., enfim: a molecagem. O drible pode ser mais importante do que o gol...

Dois episódios ilustram esses traços de sua personalidade (não por acaso ele é chamado de “menino” Neymar). Em plena Libertadores de 2011, contra o Colo Colo na Vila Belmiro, ao marcar o terceiro gol (o gol da vitória de virada 3x2) Neymar comemorou colocando uma das milhares de máscaras com seu rosto que foram distribuídas a torcedores na entrada do estádio. A regra é clara: não se pode comemorar tirando a camisa, lançando-se sobre o alambrado, usando máscaras etc. Ele usou a máscara e recebeu o segundo cartão amarelo, sendo expulso na sequência e desfalcando seu time no próximo jogo, decisivo.



<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/em-partida-tumultuada-santos-reage-e-vence-colo-colo-4c46wrcag6q5qmym8r1lazo7i>

Tal como o menino que é levado para a sala da diretora (as professoras são, no estereótipo, SJ; as diretoras, “essejotonas T, ISTJ”), Neymar comenta sua expulsão, fazendo uma brilhante epítome SP, um autêntico manifesto SP; afinal inútil, pois o mundo das regras é, por definição, o reino dos SJ...:

Tem a lei e tudo mais, e sempre tem aquela coisa chata [SJ] no futebol, infelizmente. Mas querendo ou não, o gol é o que todo mundo que vai ao estádio está esperando, e você quer comemorar com os torcedores, com a família. Naquela noite eu queria retribuir o carinho da torcida usando a máscara, mas infelizmente acabei tomando o cartão e ficando fora de um jogo muito importante

(<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2011/04/neymar-lamenta-queria-retribuir-o-carinho-da-torcida-usando-mascara.html>)

Os SJ, não perdoam a irresponsabilidade SP... Naturalmente, Neymar poderia responder como o Mozart do *Amadaeus*: “Perdão, Majestade. Sou um homem vulgar. Mas lhe garanto que a minha música não é!”



Na escola da coautora deste artigo (que leciona para o Fund. I da Prefeitura de São Paulo), uma das alunas de 1o. ano está uma menina vinda de Angola (a escola recebe muitos alunos estrangeiros e refugiados etc.), extremamente ESFP, pura sensibilidade e alegria de viver, e que se chama precisamente Alegria (sua irmã se chama Benção e sua coleguinha angolana Maravilha!). Um dia, a Professora Raimunda (já conhecida dos leitores de nossas revistas, pelos seus artigos), estava no pátio com as crianças e outras professoras mostrando o desenvolvimento das plantinhas que cultivam na escola e Alegria percebeu que havia surgido uma bela florzinha em uma delas. Não se contendo, começou a bater palmas, dançar e proclamar “Olha, que florzinha mais bonita!” Ato contínuo, uma SJ (disfuncional) de plantão atalhou: “Para com isso, menina! Aqui [escola] não é lugar de show!”

Naturalmente, depois, a professora explicou para a desconsolada Alegria que nem todos os adultos são assim...

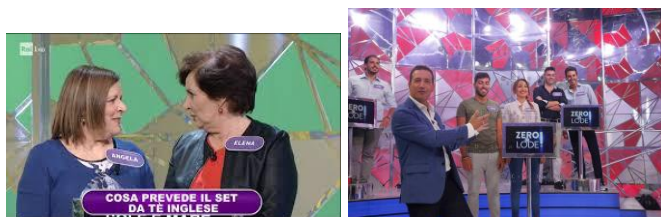
O outro episódio deu-se por ocasião da briga entre o Real Madrid e o Barcelona para ver qual dos dois contrataria o Neymar. Em meio a todas as intrigas de bastidores, o então Presidente do Santos, Luís Álvaro Ribeiro, convenceu Neymar a ficar no Santos (até que pudesse, nos bastidores, fechar com o Barça...), usando um argumento decisivo para lúdicos SP:

Um dos argumentos que usei para convencer o Neymar a ficar foi dizer a ele que lá (em Madri) o Mourinho poderia implicar com o seu cabelo e mandá-lo cortar, e aqui ele deixa o cabelo como quiser.

É a eterna oposição entre a disciplina, a “seriedade”, o comedimento, as regras do SJ x a ludicidade, o hedonismo, a impulsividade SP. Como costumamos fazer em nosso grupo de pesquisas sobre DK, estendemos a tipologia para países e grupos sociais (atendo-nos às *vigencias* de Ortega). Nesse sentido, a cidade de Nápoles é a capital mundial dos SFP, com seu sentido do lúdico, da arte, do ócio criativo, da gastronomia, da exuberante alegria de viver, do “aqui e agora” (o famoso “*carpe diem*” bem poderia ser o lema partenopeu), da “malandragem” etc.

Há um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal, meio palhaço e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que

(frequentemente) manifestam o contraste com o “antagonista”: a seriedade britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos.

Referências

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Brilhante, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características II (os SJ)

Jean Lauand
Enio Starosky²⁷

Resumo: O artigo – continuação de sua parte I (in International Studies on Law & Education 33, <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>) – apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento.

Abstract: This article – its part I is in International Studies on Law & Education 33, www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf –intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. temperament types.

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirsey é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

²⁷. Mestre em Educação e [desde 2020] Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas, deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitable), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>)

Já os SJ:

Tendem a ser: cômnicos do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirsey.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

No artigo anterior e neste, temos visto os estilos (e as possíveis disfunções...) de cada tipo e é muito sugestivo (e intrigante...!) pensar na riqueza da distribuição dessa variedade de modos humanos de se instalar no mundo. Seja como for, quando há grandeza pessoal, abertura e bondade, cada tipo é maravilhoso e traz uma enorme e específica contribuição para aqueles com quem se relaciona. Não há tipos melhores ou piores: grandes virtudes e grandes maldades podem ocorrer em todos os SPs, SJs, NFs e NTs.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, ao hedonismo, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse filme...”)²⁸; os SP à aventura; os SJ à rotina; os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

A oposição entre os SP e SJ (SFP x STJ) é tipificada na famosíssima cena de “Cantando na Chuva”, quando o apaixonado personagem de Gene Kelly tem sua dança intimidada (e abortada) pela simples presença da autoridade uniformizada do guarda, que não está para brincadeiras...



²⁸. Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marías: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).

A caricatura extrema do SP era o Chacrinha: no palco do velho guerreiro tudo era dionisíaco e improvisação; até para o tempo – sagrado na televisão – cantava o jingle: “...um programa que acaba quando termina”; alegria desenfreada etc. Uma imagem exponenciada do Brasil SP. Mais do que ausência de regras, nosso Mega Palhaço, nosso Chaplin investia contra os formalismos, as hierarquias e as regras, escalando para sua carnavalesca bancada de jurados o contraponto de algum tipo serião, sisudo, mal humorado e rígido, como o Doooooooooooooutorr Clécio Ribeiro (mais realista para o papel do que o folclórico Pedro de Lara) ou como quando, em seu gesto mais característico, levava a mão ao nariz e dizia: rrrrrreallllmente..., esculhambação para com as afetações dos locutores de rádio da época, empenhados em pronunciar “corretamente” os R e os L...



2. ESTP (/ISTP) x ISTJ: o realismo SP x o realismo SJ

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato

sentido no original latino “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis, talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirse 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirsey 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”²⁹

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apega à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

²⁹. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos *Lusíadas* um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirse 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêm na gíria ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais apocalípticos: “É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre* do palácio de Buckingam. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por

assente que o SJ, com sua vocação de cuidar, tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso

pode lhes causar. Isso é reproduzido em uma postagem do Facebook do ISTJ Geraldo Alckmin:



Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, Ciro Gomes (27-08) e Bolsonaro (28-08), e do ISTJ Alckmin (29-08); a propósito do estilo insosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (José Simão), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte: “Vou dar

garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...]

(<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/>)

3. Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,

Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d’aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,

C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo di[g]na de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana!
(IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: “Boa viagem”, logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

4. SJ e SP na religião

Como sabemos, a teoria keirsejana dos temperamentos também tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral, particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser analisados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. Um dos mais impressionantes nos vem do antigo Decálogo (Dt 6.5)³⁰, que é registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: *“Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente”* (Lucas 10.27).

³⁰ O texto veterotestamentário não inclui “*com toda mente*” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – para os cristãos – reunia perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro sem hesitar.

Podemos muito bem estabelecer um paralelo com os quatro temperamentos da teoria keirseiana: “*Com todo o teu coração*” – remete ao tipo SP; “*com toda a tua alma*”, ao NF; “*com todas as tuas forças*”, ao SJ; e “*com toda a tua mente*”, ao NT.

Neste tópico exploraremos apenas os tipos SP e SJ, apontando as correlações desses temperamentos keirseianos com a liderança religiosa. Os principais dados reunidos neste estudo estão fundamentados no livro “*Personality Type and Religious Leader*”, de Roy Oswald e Otto Kroeger.

O líder religioso SP é orientado para a ação. Sua atividade é realizada de maneira intensa, “*com todo o coração*”. Tem necessidade compulsiva de agir e fazer coisas e é naturalmente atraído a se engajar em alguma atividade. Assim como o líder SJ, está enraizado nos sentidos e deseja estar com contato direto com a realidade exatamente como experimentada pelos sentidos; é pé no chão e prático e tem pouca tolerância para a abstração. O fator P leva a procurar novas possibilidades e, no caso do SP, permanente ação. Por isso mesmo o líder SP é impaciente com discussões estáticas, longas teorias ou encontros que não “levam a lugar algum”. O SP é um dos temperamentos mais extraordinários (lembramos especialmente S. Francisco de Assis, entre outros). Os SPs sempre buscam inserir bom humor e algo prático nas situações estáticas. Porém, quando falham nisso, perdem rapidamente o interesse e passam a outro projeto.

De acordo com os estudos de Roy e Otto, menos de 8% dos líderes religiosos são SP, enquanto na população em geral são 38%. Isso mostra que as atividades religiosas, de

modo geral, atraem poucos SPs. De fato, se compararmos o número expressivo de outros profissionais de temperamento SP – atletas, artistas, comediantes, mecânicos, vendedores, soldados ou médicos – constataremos que esse tipo seja pouco atraído para atividades religiosas por achá-lo muito estático e teórico (dependendo, é claro, do grupo religioso ser mais “animado” ou não...). É importante considerar esse aspecto, sobretudo porque, enquanto os SJs querem organizá-las, os NFs tentam amá-las e os NTs teorizam sobre elas, os SPs querem se engajar nelas – de todas as formas sempre em atividades e assuntos práticos. Mas, é muito provável que este também seja o motivo porque tão poucos SPs estão presentes nas lideranças religiosas. SPs são encarados como hedonistas e hedonistas têm pouco espaço nas religiões de modo geral – especialmente nas mais tradicionais que prezam a ordem e a organização.

O aspecto paradoxal é que a enorme variedade das atividades práticas nas religiões estariam melhor supridas e mais bem executadas se tivesse um SP em postos de liderança. Isso é ainda mais significativo quando consideramos que particularmente o atendimento das necessidades práticas é muito valorizado nos grupos religiosos. Portanto, mais SPs na liderança poderia suprir uma importante lacuna nas atividades religiosas que deveriam estar mais disponíveis para o expressivo número de SPs na população em geral (38%).

Ainda que sejam em número muito reduzido, os SPs se destacam onde estiverem. Seu jeito espontâneo, atrevido e impulsivo se aplica também ao seu estilo de pregar. Os pregadores SP, especialmente os extrovertidos, levam as

pessoas às lágrimas com suas palavras comoventes e bem-humoradas. Muitas situações na vida do grupo religioso exigiriam a presença de um líder SP, pois muitas ocasiões estão voltadas mais para a ação e menos para a organização.

Outra característica cativante e deliciosa de alguns SPs é que eles são perpetuamente jovens – nunca crescem. Como seu foco é liberdade e espontaneidade, esperar (*wait*) por qualquer coisa é sua morte psicológica. O Evangelho SP é o de São Marcos.³¹ Jesus é retratado como um homem (Leão de Judá) de ação, sempre em movimento; ele é visto como aquele que tem uma missão urgente. No primeiro capítulo do Evangelho, Jesus já reuniu alguns discípulos em volta dele; fez milagres na Galileia e se envolveu em um problema político. No evangelho todo, Jesus trata uma crise depois da outra até ser crucificado.

Talvez as religiões seriam muito mais interessantes sem a grande escassez de líderes SPs e, a vida religiosa, mais interessante e animada. Especialmente porque SPs preservam fortemente a sua maior grandeza: um coração inteligente e uma inteligência cordial (no caso F)!

Disfunções:

Os outros três temperamentos (SJ, NF e NT), mas especialmente os SJs – que são a grande maioria nas comunidades religiosas em geral – tendem a ver os SPs como vagabundos. (O exemplo clássico é São Francisco, cuja

³¹ Não por acaso São Jerônimo ligou o Evangelho de Marcos à figura de um leão, representando a ação e a força.

história e tipo já foram analisados em outro artigo de nosso Grupo de Pesquisas). E os próprios SPs frequentemente se consideram loucos de alguma forma. A habilidade SP para permanecer aberto, flexível e espontâneo também pode deixá-lo com problemas quando sua comunidade religiosa clamar por maior conformidade com as regras e princípios regimentais. Por um lado os liderados querem exatamente um SP autêntico; querem familiaridade, boas e empolgantes pregações, mas, por outro, também querem estabilidade, organização e seriedade. Aí o líder SP pode ter dificuldade. E, por não gostar de rotina, pode se entediar e negligenciar os aspectos mais rotineiros do trabalho de administração. Como a maioria dos SPs não gosta de planejamentos, tendem a enfrentar tensão com a comunidade religiosa que gosta de viver na ordem e na estrutura bem ordenada.

O líder religioso SJ

Sua atividade é conservadora e é realizada “*com todas as forças*”. É um servo, procura pertencer ao grupo e servir aos outros. É um tipo que sabe se instalar perfeitamente nas comunidades religiosas. É um líder que já vem “pronto”. Oferece naturalmente maneiras concretas, práticas de assistir aqueles que estão em dor, necessidade ou angústia. Já na sua formação os SJs se preparam docilmente e suas perspectivas são ampliadas e aprofundadas e com natural facilidade também se tornam a norma pela qual seu trabalho será julgado. SJs são os mais dependentes de autoridade de todos os tipos. Eles podem ser criticados, já que possuem grande força resiliente, e seguem em frente porque entendem que é isso mesmo que a instituição requer deles. Submetem-se às

regras e aprendem com elas e as repetem com maestria. Seu estilo de liderança está focado na denominação e a ela mantém fidelidade e nela constroi o melhor que vem do passado. Enfatizará os fundamentos da religião, procurará transmitir a tradição às pessoas, a fé simples e as regras práticas, pé-no-chão, apontando para o modo de viver a vida religiosa.

O líder SJ tende a ser o mais tradicional de todos os temperamentos religiosos, trazendo estabilidade e continuidade em qualquer situação. Tenderá a ser leal aos ritos denominacionais e às doutrinas. Preocupar-se-á com uma rigorosa instrução dos fiéis. O líder SJ deseja ser um servo da sua religião e leal às autoridades. Só deixa de lado sua rígida fidelidade quando acredita que aqueles que têm autoridade “abandonaram a fé”. O líder SJ pode fazer mudanças, mas, de preferência, paulatinamente e só se reconhecer a mudança como necessária. O líder NT pode enxergar as mudanças necessárias, mas o líder SJ é o mais apto para implementá-las. É politicamente sagaz e enraizado na realidade; sempre está ciente dos passos necessários para a mudança e jamais permitirá uma mudança se a achar desnecessária. Para ele, o que é testado e validado pelo passado deve ser preservado. Adora a continuidade do passado e se vê como protetor e conservador da riqueza do passado. Se a mudança for necessária, ela é entendida como uma evolução, nunca como uma revolução. Como seu espírito é conservador e naturalmente servidor, anseia por associação e pertencimento; ele se destaca na construção e preservação de uma comunidade religiosa. Deseja que o grupo ao qual pertence e lidera seja saudável e útil. E que

aqueles que pertencem à sua comunidade religiosa sejam tão leais quanto ele e trabalhará para que todos adotem esse mesmo senso de lealdade e pertencimento.

Uma das frases preferidas do líder SJ é “*vocês devem e vocês não devem*”, procurando implantar o senso de obrigação social, moral e espiritual. Gosta de se sentir necessitado e trabalha melhor com pessoas que têm motivação similar. Procura maneiras tangíveis, concretas para se doar aos outros. Ser “salvo pela graça” é quase negar ao SJ seu temperamento, pois dever e obrigação são parte de sua personalidade. A admoestação de Jesus ao jovem rico: “faça isso e você terá vida eterna” é o caminho espiritual natural do líder SJ. Como líder, o SJ traz ordem e estabilidade às suas comunidades. Raramente comete erros e tende a ser excepcional no trabalho. Não descansa até que as coisas sejam estabelecidas e decididas. É superconfiável e geralmente trabalhará com uma agenda planejada, ordenada.

Como bem sabemos, o temperamento SJ é a coluna vertebral que sustenta a maioria das instituições da sociedade – a família, a comunidade religiosa, os clubes sociais, as escolas, governos, indústria. O líder religioso SJ verá a família nuclear como a unidade familiar mais básica da sociedade que precisa ser preservada. Para ele, uma sólida família é a melhor maneira de cuidar das crianças e pessoas mais velhas.

As pregações do líder SJ são discursos bem organizados e centrados nos textos da tradição religiosa. Sempre será pé-no-chão, realista e direto, refletindo as lições apontadas para o dia. E o fará que tal modo que os que estão

nos bancos facilmente se lembrarão do seu trabalho e obrigação.

O Evangelho do líder SJ é São Mateus, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Mateus se refere a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos. Mateus se deleita em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal líder. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs pelo seu tradicionalismo e sua inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Disfunções:

As potenciais dificuldades do temperamento SJ não são poucas. E, a bem da verdade, o líder religioso SJ não se desenvolve sem ao menos um pequeno desenvolvimento do fator N. A preferência para o tipo J implica menos tolerância para a natureza aberta e não-estruturada do tipo P.

Áreas em que pode necessitar atenção:

Literalismo: o líder SJ tende a ler literalmente tudo o que está escrito. Isso em geral resulta em uma abordagem mais conservadora da Escritura e da Doutrina. Torna-se nervoso quando as mensagens são interpretadas figurativa ou simbolicamente – acha que as fronteiras desaparecem e ninguém mais sabe esboçar novas diretrizes e em que base. Por isso mesmo acha que deve tomar as coisas escritas simplesmente como estão escritas.

Pessimismo: Um tipo de cinismo/pessimismo pode acompanhar o temperamento do SJ. Como David Keirseu pontua no seu livro, os realistas SJ em geral tendem a antecipar reveses e eventos desfavoráveis. Eles são simplesmente realistas sobre erros e faltas. A lei de Murphy também é completamente SJ: “Se algo pode dar errado, dará”.

Esgotamento: O fenômeno do esgotamento se aplica a todos os tipos; cada tipo se torna esgotado a sua maneira. Porém, o líder SJ parece ser particularmente vulnerável, pois adiciona mais e mais fardos para a sua já longa lista de “tu deves”. E este mesmo senso de dever pode ser constantemente martelado com suas regras, políticas e moralismos aos seus liderados. A habilidade do SJ em organizar e ordenar a vida paroquial é uma força que, quando usada desmedidamente, pode direcionar muitos ao completo aborrecimento da vida religiosa. O líder SJ precisa observar essa tendência. Se não a corrigir, pode tornar-se mesquinho e levar as pessoas a fazer o que supostamente devem fazer de maneira artificial. O líder SJ poderá se irritar quando seus

liderados não seguirem os seus procedimentos padrão, por violarem os prazos ou por não cumprirem o que foi estabelecido. Como tende ao pessimismo, o líder SJ pode arrastar seus liderados para o mesmo caminho.

Referências

Keirsey, David; Bates, M. **Please understand me.** Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Marías, Julián Hispanoamérica, Madrid: Alianza, 1986.

Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership.** An Alban Institute Publication, 1988.

Tipos de David Keirsey – identificando algumas características III (os NF)

Jean Lauand
Enio Starosky³²
João Sérgio Lauand³³

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. Tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. temperament types.

1. Algumas características dos NF: a busca do próprio *self*

Nos dois artigos anteriores desta série (www.hottopos.com/isle33/index.htm & www.hottopos.com/rih45/), discutimos algumas características dos tipos SP e SJ. Por mais que possam ser opostos, os dois tipos S não têm maiores dificuldades na captação das motivações e do modo de ser um do outro. Já o tipo NF, apresenta dificuldades quase intransponíveis de

³². Mestre em Educação e [desde 2020] Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

³³. Doutor em Educação Feusp.

compreensão para os demais tipos. Originalmente DK afirmava que os NF eram cerca de 10% da população geral; seu site hoje, afirma que são cerca de 15%. Em qualquer caso, clara minoria em relação aos 75% ou 80% de pessoas do tipo S.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento NF (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tend to be: giving, trusting, spiritual, and they are focused on personal journeys and human potentials.

Pride themselves: on being loving, kindhearted, and authentic.

They make: intense mates, nurturing parents, and inspirational leaders.

They are: enthusiastic, they trust their intuition, yearn for romance, seek their true self, prize meaningful relationships, and dream of attaining wisdom.

(<https://keirsey.com/temperament/idealist-overview/>)

Para introduzir o desafio de caracterizar o NF e seus objetivos na vida, algo extremamente problemático para os outros tipos (e até para os próprios NF), recorro ao texto de que DK se vale “que requer uma retórica tortuosa e enrolada”

(Keirsey 1984, p. 58), de um dos mais notáveis NF, Carl Rogers:

Tornar-se pessoa significa que o indivíduo se move em direção a *ser*, com conhecimento de causa e numa atitude de aceitação, o processo que ele é de fato em profundidade. Afasta-se do que não é, de ser uma fachada. Não procura ser mais do que é, com todos os sentimentos de insegurança e os mecanismos de defesa que isso implica. Não tenta ser menos do que é, com os sentimentos implícitos de culpabilidade ou depreciação de si. Está cada vez mais atento ao que se passa nas profundezas do seu ser fisiológico e emocional e descobre-se cada vez mais inclinado a ser, com uma precisão e uma profundidade maiores, aquilo que é da maneira mais verdadeira.

(Rogers 1997, pp. 200-201)

Após apresentar esse texto, DK comenta que para os demais tipos (SP, SJ e NT) trata-se de, na interpretação benévola, de um falar totalmente em enigmas; na interpretação crua, puro disparate (*sheer nonsense*). Já para o NF é a forma mais elegante de expressar seu modo de ser: a busca do eu (não no sentido narcisista nem, obviamente, com conotação egoísta). Enquanto a busca dos SP, SJ e NT pode ser feita direta e rapidamente, a do NF é circular e, portanto, permanente: como se pode atingir uma meta, quando a meta é ter uma meta? Seu fim é tornar-se (*becoming*).

O Eu mais verdadeiro do NF é o Eu em busca de si mesmo; seu propósito na vida é ter um propósito na vida. Constantemente fazendo-se a si mesmo, o NF nunca pode ser ele mesmo, já que o próprio ato de alcançar o Eu o poria imediatamente fora de seu alcance e é nesse sentido que DK interpreta a sentença final do famoso monólogo de Hamlet: “E desde que nos prendam tais cogitações, empresas de alto escopo e que bem alto planam, desviam-se de rumo e cessam até mesmo de se chamar ação”. Agir (*to become*) é destruir o seu ser; enquanto “*to be*” sem agir é uma impostura e, portanto *nonbeing*. O paradoxo do NF é que “*One becomes oneself if and only if one does not*”. É o eco do “Torna-te o que és” de Píndaro, o da identidade (a sua, autêntica e *unique*): Como posso tornar-me a pessoa que eu *realmente* sou? (Keirsey 1984, pp. 57-58).

O NF vai deambulando, às vezes espiritualmente, às vezes psicologicamente, ou até fisicamente, em busca de saciar essa sede de unidade e de individualidade para auto-realizar-se em um todo perfeito e uma identidade única, embora os caminhos nunca sejam claros. E Keirsey ajunta a citação do Siddartha de Herman Hesse:

Mas onde, onde se encontra este Eu, esta mais profunda interioridade? Não é carne e osso, não é pensamento ou consciência. É o que ensinavam os sábios. Onde, onde está então? Penetrar no Eu - existiria outro caminho digno do procurar? Mas, ai, ninguém lhe mostrava esse caminho, ninguém o conhecia, nem o pai

nem os professores e sábios, nem os cânticos sagrados... ! Eles conheciam um enorme número de coisas – mas valeria a pena saber tudo isso, se não conheciam a coisa importante, a única coisa importante? (Hesse, cit. por Keirsey 1984, p. 59)

Se para os SP e SJ os fatos são fatos e ponto; para os NF, eles são pistas para essa busca do self, do sentido humano (e, para alguns NF, também do divino...). O maravilhoso verso de Adélia Prado manifesta o NF ao extremo:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo (Prado 1991, p. 199)

Imagine-se o que pensariam os S, ou melhor ainda um acentuado ISTP ou um ISTJ, quando confrontados com esse verso (“O que essa mulher andou cheirando?”, “Pode internar!”, “Muita cachaça dá nisso”...). Quando muito, diriam “Muito de vez em quando, Deus me dá poesia e então eu olho pedra e até discuto comigo mesmo o significado metafísico- existencial...”.

Mas para os NF, mesmo a prosaica pedra (que o Sócrates platônico, uma e outra vez, usa para referir-se à realidade mais bruta), abre horizontes infinitos para a busca

do *self* e do sentido. É o que vemos em Drummond, Sartre, Fernando Pessoa etc.

NF é a pedra de Drummond:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

E o NF, de “A Tabacaria” de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), também vê mais do que chocolates, tabacaria e pedras (devo lealdade a elas? à “realidade plausível?”), em sua infatigável busca pelo *self*:

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo
que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),

Dais para o mistério de uma rua cruzada
constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os
pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa,
desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras
e dos seres, [...]
Estou hoje perplexo como quem pensou e achou
e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa
real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa
real por dentro. [...]
Que sei eu do que serei, eu que não sei o que
sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que
não pode haver tantos!
[Sob a janela, passa uma menina – SP? – a abrir
um bombom]
Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo
senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais
que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma
verdade com que comes!

Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é
de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a
vida.)
Mas ao menos fica da amargura do que nunca
serei
A caligrafia rápida destes versos, [...]
Como os que invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez
absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros
que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao
degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo. [...]
Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz. [...]
Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu
fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de
defronte,
Calcando aos pés a consciência de estar
existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não
valia nada.

Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou
à porta.
Olhou-o com o desconforto da cabeça mal
voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os
versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive
a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo
isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer
coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e
vivendo por baixo de coisas como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o
sono de mistério da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma
coisa nem outra.
Mas um homem entrou na Tabacaria (para
comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima
de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,

E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.
 Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
 Sigo o fumo como uma rota própria,
 E gozo, num momento sensitivo e competente,
 A libertação de todas as especulações
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto. [...]
 O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
 Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
 (O dono da Tabacaria chegou à porta.)
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
 Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria sorriu.

Recruta Zero Mort Walker



“Come chocolates, pequena...”. A busca de sentido do NF x o sargento ISTP

A mesma “complicação” NF, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso romance *A Náusea* de Sartre.

poema de Drummond. De repente, como no início do romance, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia atirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar (SARTRE, 2005)

O impacto causado pela pedra vai num *crescendo*, a partir daquela pedra, o personagem vai questionando a existência. Ao final, aquilo que começara com uma pedra no lago, acaba no parque, quando contempla as árvores, a fonte e, principalmente, a si mesmo. “Nós éramos todos um amontoado de existentes acabrunhados, não tínhamos a mínima razão para existir”, “todo existente nasce sem razão,

prolonga-se por fraqueza e morre por acaso”. “Tive medo, mas principalmente raiva: achava aquilo tudo tão idiota, tão deslocado”. “Quando se compreende isso, o estômago começa a dar voltas: é a náusea! É absurdo que tenhamos nascido, é absurdo que morramos”. “Tinha aprendido tudo que se pode saber sobre a existência. Voltei ao hotel e comecei a escrever”.

O que os NFs podem fazer a partir de uma “simples” pedra: do ateísmo de Sartre, passando pelo ceticismo de Drummond, à mística cristã de Adélia Prado! Ou a pedra de Intihuatana (“onde se amarra o Sol”), que em Machu Picchu recebeu interminável abraço daquela colega INFP, enquanto a família SJ, impaciente e perplexa, tinha que esperar a reflexão e “troca de energia” (!?) que aquela pedra – imantada por milhares de experiências humanas ao longo de séculos – (supostamente) propiciava à incorrigível INFP.



Concluimos esse tópico com o clássico ZEN:

Antes que eu penetrasse no Zen, as montanhas e os rios nada mais eram senão montanhas e rios. Quando aderi ao Zen, as montanhas não eram mais montanhas, nem os rios eram rios. Mas quando compreendi o Zen, as montanhas eram só montanhas e os rios, apenas rios.

Para as artes *Do* do Oriente, o ser e o agir (com o não agir) se interpenetram no complexo jogo da busca do ser: ao disparar a flecha, o arqueiro Zen atinge a si próprio, como o chá, da Cerimônia do Chá, o que propicia é a transformação interior...

2. Santo Agostinho e a busca do *self*

Um gigantesco campeão NF na história é Agostinho. É ele quem introduz uma revolucionária perspectiva para a humanidade: a da intimidade. Como explica Julián Marías em memorável conferência sobre o bispo de Hipona:

A grande descoberta, a maior, de Santo Agostinho é a **intimidade**. E quando ele se questiona, diz: *Deum et animam scire cupio* – quero conhecer a Deus e à alma. *Nihil aliud*, nada mais, absolutamente nada mais. É uma sentença que um grego jamais poderia empregar. A alma é, em última análise, a grande

descoberta de Agostinho, a alma entendida como intimidade. E fala justamente do espiritual. Espiritual não quer dizer não-material; há uma tendência muito frequente de entender o espiritual como aquilo que não é material; e não é disso que se trata, mas de algo muito importante: espiritual é aquela realidade que é capaz de entrar em si mesma, o poder entrar em si mesmo é o que dá a condição de espiritual, não a não-materialidade. [...]

Por isso Santo Agostinho dirá: não vá fora, entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade: *Noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas*. Essas palavras são de uma enorme relevância, são até de um extraordinário valor literário. É disso que se trata: do homem interior. A descoberta é a interioridade, a intimidade do homem. [...] Para Santo Agostinho é preciso levar a sério que o homem é *imago Dei*, imagem de Deus. É evidente que para encontrar a Deus, o primeiro passo, e o mais adequado, será buscar sua imagem, que é o homem como intimidade, o homem interior.

Isso é o principal. E toda sua obra terá esse caráter. Um dos livros capitais é *As confissões*, que num certo sentido é o mais importante. Então, o que são essas *Confissões*? É um livro que não existe no mundo antigo, não há nada equivalente. [...] Essa entrada na intimidade, no mais profundo de si mesmo, em confissão – a palavra é confissão – é uma autobiografia. Esse é precisamente o pensamento de Santo

Agostinho: consiste primariamente em mostrar, em descobrir sua própria intimidade. [...] Portanto, em Agostinho, a grande descoberta foi esta, de ver o mundo e ver a realidade na perspectiva da intimidade. Do ponto de vista portanto de quem eu sou: *nec ego ipse capio totum, quod sum*, nem eu mesmo compreendo tudo aquilo que sou. É uma realidade que não acaba de se manifestar, que é algo no qual sempre se pode aprofundar, que é preciso ir mais além, e por isso a forma de se descobrir é precisamente contá-lo, fazer uma autobiografia, uma confissão, pois é nela que aparecerão precisamente as visões da realidade, da realidade que se basicamente é dele, de Agostinho, é também, do homem em geral, e por meio dele dá acesso a Deus. (Marías, 2001)

A busca NF do *self* parece fadada ao insucesso, pelo fato, tão simples, que o genial João Guimarães Rosa registra em um de seus diários:

Escrever diário é como deixar de fumar, para guardar bem a cinza do cigarro que se gastou aceso sozinho... Falta a distância.
(cit. por Gama. p. 199 - onde há também outras formulações da mesma ideia por Rosa)

O drama do NF é essa rachadura agir/observar-se ou, como também genialmente se expressa já no título da canção de Milton (Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá), “Caçador de mim”, debater-se na luta de ser ao mesmo tempo presa e caçador, tentando se encontrar longe de seu lugar... Ser NF é estar em permanente busca para “descobrir o que me faz sentir eu caçador de mim”.

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta

Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Se, como mostramos em artigo anterior, a imensa maioria dos provérbios são dos tipos S (SJ e SP), o provérbio por excelência dos NF é o clássico de Terêncio:

“Sou homem e nada do humano (daquilo que é humano) considero alheio a mim” (*homo sum et nihil humani alienum me puto*)

Essa busca pelo *self* passa pela interação com o outro (*nihil humani alienum...*); é nesse encontro que se assoma “a presa”: o próprio caçador! Intensifica-se assim o drama NF: o eu é ampliado e envolve a abertura para o outro, segundo a célebre sentença de Ortega: “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo “, com a sutil observação de Juan Ramón Jiménez: ““Dime con quién andas, y te diré quién eres’. Ando solo. Dime quién soy”. (cit. por Laín Entralgo, p. 81)

Juntem-se a empatia, a integridade, a solicitude pelo humano e demais características do NF, e teremos grandes líderes (/mártires) de causas humanistas: Mandela, Martin Luther King, Gandhi etc. Por eles, Madonna, em seu

pragmatismo ESTP, se diz inspirada, mas: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

Nesse sentido, uma recordação da infância, a de um priminho NF, na época com 7 ou 8 anos. Naquele tempo, anos 50, estava enormemente difundida uma canção infantil, do palhaço Carequinha, cuja letra dizia: “Criança feliz / Que vive a cantar / Alegre a embalar / Seu sonho infantil / Oh meu bom Jesus / Que a todos conduz / Olhai as crianças / Do nosso Brasil”. Para o priminho NF, a coisa não era tão simples: “Jesus tem que olhar também para todas as crianças do mundo, não só as do Brasil. E mais ainda pelas crianças pobres e doentes!”

Experimentar o humano: em sua “caçada”, os NF podem ser excêntricos. Há muitos anos, costumava dar carona para um notável colega, professor de Humanas na USP. Em um desses dias, levei-o para recolher 30000 dólares em cash (a parte que lhe cabia na venda de um imóvel da família) e em seguida retomamos o caminho habitual. Fiquei surpreso quando me disse: “- Pare, vou saltar aqui” (a três quarteirões de sua casa). “ – Mas como? Logo hoje, com esse dinheiro todo?” “- Precisamente por isso: a possibilidade de ser assaltado, ajudar-me-á a saber como é meu apego e minha relação com o dinheiro!” Claro que o levei até dentro da garagem de seu prédio. Esse mesmo NF excêntrico, confidenciou-me, em outra ocasião, que, quando criança brincava de aviãozinho, simulando com o brinquedo, **em tempo real**, um vôo (imagino que de curta distância...) para vivenciar a sensação da demora que têm os viajantes...

O NF e as metáforas. Ninguém como o NF para quem a metáfora é conatural; os NF chegam a irritar os S com sua profusão de metáforas, que prefeririam falar direto do assunto (pedra é pedra). *O Carteiro e o poeta (Il postino)*, filme de 1995, dirigido por Michael Radford, gira em torno da metáfora. Nele o poeta Pablo Neruda, exilado em uma ilha italiana, faz amizade com o rústico carteiro Mario em quem desperta o talento para a metáfora e para a poesia. Um dia, na praia, após declamar um vigoroso poema sobre o mar, começa o diálogo:

Neruda - Então? Que te parece?

Mario responde - É estranho.

Neruda questiona - Como assim, estranho? É um crítico severo.

Mario diz - Não, não o seu poema. Estranho... É como me senti enquanto estava a recitar.

Neruda - E como foi isso?

Mario - Não sei. As palavras iam para frente e para trás.

Neruda - Como o mar?

Mario - Exatamente.

Neruda - Esse é o ritmo.

Mario - Na verdade, senti-me mareado.

Neruda - Mareado...

Mario - Mareado. Não sei explicar. Senti-me como um barco balançando na volta dessas palavras.

Neruda sorri e pergunta - Como um barco balançando nas minhas palavras?

Mario responde - Sim.

Neruda - Sabes o que acaba de fazer, Mario?

Mario - Não, o quê?

Neruda - Uma metáfora.

Mario se espanta, não acredita que foi capaz de fazer algo que seu amigo e poeta faz, e diz - Mas não vale, não tive intenção.

Neruda - A intenção não é importante. As imagens nascem espontaneamente. Mario, confuso, pergunta - Quer dizer, então, que... Por exemplo, não sei se consigo explicar... O mundo inteiro... O mundo inteiro, com o mar, o céu, com a chuva, as nuvens..

Neruda - Agora pode dizer etc, etc.

Mario - Etc, etc. O mundo inteiro é a metáfora para outra coisa qualquer? Estou dizendo asneiras.

Neruda - Não, não está não. Mario, vamos fazer um pacto. Vou tomar um belo banho e refletir sobre a tua resposta. E amanhã respondo.

Mario - Sério?

Neruda - Sim. Sério.

(A cena encontra-se p. ex. em <https://www.youtube.com/watch?v=T2ggLTEDnzg>).

Os NFs são os inspiradores das grandes causas (o que não quer dizer que sempre sejam santos; podem ser cruéis em sua luta pelo ideal...), com muito carisma mas nem sempre com o senso prático para conduzi-las. A invocação de D.

Quixote chega quase a ser recorrente quando falamos dos NF, *Idealist*.

No ENFP Che Guevara essa referência (e autorreferência) ao Quixote era uma constante: sacrificaria tudo e sacrificou a si mesmo pela esperança: “*un nuevo hombre, nuevo mañana*”. Quando parte para a aventura do Congo, seguida da – ainda mais quixotesca - da Bolívia, escreve uma carta aos pais: “*Otra vez siento sobre mis talones el costillar de Rocinante, vuelvo al camino con mi adarga al brazo (...)*Muchos me dirán aventurero, y lo soy, sólo que de un tipo diferente y de los que ponen el pellejo para demostrar sus verdades.” E em outra carta, de 1956 “*decidí cumplir primero las funciones principales, arremeter contra el orden de cosas, con la adarga al brazo, todo fantasía, y después, si los molinos no me rompieron el coco, escribir*”.³⁴



by David Levine www.nybooks.com/articles/1997/07/17/goodbye-to-all-that/

³⁴. Encontram-se em <http://www.epoca2.lajiribilla.cu/articulo/10818/con-la-adarga-al-brazo-todo-fantasia>

Independentemente do mérito (e da discussão sobre a brutalidade de seus métodos, que tinha que ser amenizada pelo comandante ENFP Fidel!), Guevara, como ministro da Indústria, imaginava sinceramente que o povo cubano iria imitá-lo sacrificando seus fins de semana e suas horas livres trabalhando arduamente, sem nenhuma recompensa financeira para criar o *nuevo hombre socialista*! Como Luís Carlos Prestes imaginava que o povo brasileiro estava nas décadas de 20 e 30 pronto para segui-lo no levante comunista... E Che imaginava que os camponeses da Bolívia iriam dar seu sangue para acompanhá-lo na guerrilha!

3. O NF como líder religioso

Segundo um estudo dirigido por Oswald e Kroeger (1988), no qual apoiamos boa parte deste tópico, a liderança NF aparece predominantemente nas religiões protestantes. De acordo com esse estudo, metade dos religiosos (um em cada dois!), tem como preferência a abstração, a busca pela autenticidade e a autorrealização. Um índice extremamente alto, considerando que – como sabemos – apenas em torno de 12 a 15% da população em geral é NF. Naturalmente, como veremos, os NFs figuram em todos os grupos religiosos e, em todas as religiões pelo mundo afora, são grandes mestres espirituais naturalmente atraídos para papéis de ajuda e para lidar com o sofrimento humano. Como os NTs, orientam-se pelo futuro, mas perseguem uma “busca sem fim” de si mesmos (*self*). Porém, não pensam nas razões e nos princípios lógicos, como fazem os NTs.

NFs são os mais românticos e idealistas de todos os tipos e têm a esperança e o amor como as virtudes teológicas

preferidas. E de todos os tipos N, são os que têm a transcendência em grau mais elevado e os que melhor trabalham com o “lado misterioso da vida”. Estão sempre em busca do numinoso, querendo alcançar pelo menos um breve clarão do invisível. Estão menos preocupados com a verdade da fé (como os NTs), e mais em compreender a religião como comportamento humano. Para isso dispõem da intuição vital (*Einfühlung*). Como essa é sua habilidade mais desenvolvida, sempre vislumbram e sonham com um futuro perfeito e promissor. Também desenvolvem grande habilidade de falar (especialmente NFs extrovertidos), ao mesmo tempo que são capazes de ouvir empaticamente (sobretudo NFs introvertidos). Os NFs introvertidos são místicos naturais. Não é surpresa que muitos acabem tomando o caminho espiritual para encontrar seu eu mais profundo, como é o caso do apóstolo João, um autêntico INFP – idealista entre os idealistas – , já referido em outro artigo das nossas recentes pesquisas.³⁵

Como são profundamente altruístas, costumam ter problemas de consciência do tipo: “É um crime que eu seja pago para fazer aquilo que eu *quero* e *desejo* ser”! Percebem o mundo como pura possibilidade e querem traduzir essa possibilidade intra e interpessoalmente. De fato, não é por acaso que uma alta porcentagem de líderes religiosos sejam NFs. Desde a sua formação, NFs tendem a amar seus estudos. Ao contrário dos NTs, que gostam do ambiente intelectual como um lugar para ganhar competência, NFs veem seus estudos como um lugar para serem transformados em seres de

³⁵ Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>

profunda religiosidade e de preparação para o ideal de servir os outros. NFs contribuem muito para tornar os ambientes calorosos, amorosos onde o encontro real com autênticos seres humanos é possível.

Desse modo, sentir-se parte da comunidade, ou o sentimento de pertença e de segurança – tão apreciado por um SJ – tem significado diferente para os NFs. Eles veem o pertencimento apenas como meio para encontrar um eu mais autêntico. Se para um SJ o pertencimento é um fim em si mesmo – uma afirmação fundamental –, para os NFs pode ser mais transitório, por isso tendem a ser peregrinos que, de modo geral, não param numa comunidade por longo período de tempo. Ainda que, em geral, NFs sejam líderes fiéis, só são enquanto sentirem que estão crescendo em autorrealização. Mas podem ter problemas com autoridades, pois costumam respeitar somente as idealizadas internamente. Esse pode ser um conflito comum para um NF. Mesmo assim, é o tipo mais flexível e adaptável de todos os temperamentos na atividade religiosa. E também o mais capaz de atingir a máxima paulina do *“fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns”* (1Co 9.22).

O lado negativo é que os líderes religiosos do tipo NF necessitam agradar todo mundo. Uma pessoa racional – também os NTs, mas sobretudo os SPs e os SJs – diria que agradar a maioria das pessoas já é bom o suficiente. Mas o líder NF deseja todo mundo feliz ao seu redor, por isso gasta muita energia tentando ser o que idealizou que os outros querem. Frequentemente vive um paradoxo, querendo, ao

mesmo tempo, manter a autenticidade como seu mais alto ideal e abdicar dele constantemente buscando agradar os outros.

Quando ensinam, os NFs são convincentes porque acreditam firmemente no que ensinam ou pregam. Desejam inspirar seus alunos ou ouvintes para grandes atos de bondade e amor e buscam inteireza. Através de histórias reconfortantes, fina articulação e palavras inspiradoras, encorajam seus fiéis a entregar suas vidas completamente a Deus.

Como pregadores, apresentam uma visão profética, já que compartilham com os NTs uma orientação para o futuro. No entanto, suas profecias tenderão a seguir o padrão de um profeta como Oseias – *cuja mensagem tem por tema fundamental o amor de Javé desprezado por seu povo* – ao invés de outros profetas do Antigo Testamento. Esperam que seus fiéis respondam “*como isso fará diferença na maneira como me relaciono comigo mesmo e com os outros*”? A principal crítica aos NFs é que eles são muito idealistas e, por consequência, ingênuos – tendem a imaginar que um simples “sorria e mude o mundo” vai resolver todos os problemas do mundo. De alguma forma, isso pode ser motivo para acusar um líder religioso NF de não ser sincero e considerado como alguém que sempre vive no “mundo da lua”. No entanto, apesar disso, costumam ser professores e mestres excepcionais; são altamente articulados e hábeis em convencer, seduzir e tocar profundamente os corações dos seus alunos ou ouvintes.

Oswald e Kroeger fazem notar que um dos mais conhecidos líderes religiosos protestantes NF da história recente foi Billy Graham. E provavelmente também pertencem à categoria NF líderes como Jim Jones, Joana D'Arc, Martinho Lutero, o Papa João XXIII, Jürgen Moltmann – o maior expoente da chamada teologia da esperança (*Hoffnungstheologie*) –, Dietrich Bonhoeffer, entre outros. São exemplos de líderes religiosos que acreditaram no que estavam dizendo com cada parte do seu ser. Tal é o poder e a possibilidade de um líder NF que, quando plenamente desenvolvido, tem alta competência interpessoal podendo influenciar um exército de seguidores. Claro, tanto para o bem como para o mal!

O NF tem a capacidade de intuir o que outras pessoas estão passando. Essa alta capacidade de empatia e aguçada sensibilidade, o faz muito eficiente no cuidado religioso. Pode capturar a dor pessoal como um radar capta a presença de navios ou aviões. Mas esse extraordinário dom, também pode ser fonte de stress porque nunca sabe dizer “não” à dor dos que estão à sua volta. Sempre atento às dores e necessidades pessoais dos seus fiéis (também de sua família), dificilmente sabe estabelecer limites para si mesmo, podendo ir à exaustão e ficar fisicamente doente. Pode desanimar, especialmente quando sente que nem todo mundo compartilha da mesma intensidade de sua visão. Não por acaso, DK afirma que os NFs são os menos compreendidos de todos os tipos. Os outros três temperamentos realmente têm dificuldades de compreender por que NFs estão continuamente tentando “transformar o mundo”.

O estilo gerencial do líder religioso NF é marcado por carisma e comprometimento pessoal com quem lidera. Gosta e sente-se mais confortável em encontros não-estruturados que facilitam os processos de tomada de decisão em grupo. Tende a ser otimista sobre o futuro e esse otimismo é contagioso, por isso lida bem com os desapontados e desanimados e é excelente no aconselhamento. Envolve-se rapidamente e se torna empático. Como está em constante busca de autenticidade, é capaz de responder sobre situações abstratas, mas é menos competente quando alguém precisa de ajuda prática. E tentará desviar para questões mais profundas, pois será um conselheiro melhor quando tratar de valores, emoções e problemas intrapessoais. É tão naturalmente conselheiro que poderá ter dificuldade de ir para qualquer lugar, mesmo a uma festa, sem que as pessoas automaticamente lhe queiram contar seus problemas. E, embora seja bom nisso, muito de sua energia é consumida.

Potenciais dificuldades/disfunções

Toda força implica em uma fraqueza. Ser muito bom em certas funções geralmente implica em não ser bom em outras. As funções menos ou não desenvolvidas num líder NF são “*Sensing*” e “*Thinking*” (S e T). Os líderes NF terão menos motivação ou sentirão maior incapacidade de administrar detalhes, lidar com especificidades práticas, produzir textos lógicos, lineares. Até podem fazer isso, alguns melhor que outros, mas ser-lhes-á uma tarefa lenta, pesada e difícil.

Áreas em que os líderes religiosos NF podem necessitar de ajuda:

Em atividades administrativas/burocráticas – os líderes religiosos NF ficam irritados quando são tratados impessoalmente, meramente como parte de um sistema na comunidade religiosa ou se tiverem que ficar preenchendo papel o tempo todo; não gostam de estrutura, prazos ou detalhes. Tendem a irritar os outros por privilegiarem alguns, por tornar todas as situações muito emocionais, como uma simples saudação de chegada ou de despedida, ou então por considerar que os outros são “coração de pedra” e antipáticos.

Quando aparentarem ser insossos – como têm grande habilidade de empatia com todos, os NFs muitas vezes dão a impressão de que concordam com tudo quando isso não é verdade. Eles simplesmente seguem em frente, energizados pelo futuro “paz e amor” sonhado, para evitar conflito.

Quando não souberem dizer “não” – Sua maior dificuldade é estabelecer limites pessoais claros. NFs esperam que as pessoas captem sua linguagem corporal e lhes ajudem a estabelecer o “não”. Portanto, necessitarão de apoio para firmar padrões necessários para sua própria saúde pessoal, familiar e espiritual.

Quando tendem seguir as últimas novidades – Embora as últimas novidades possam ajudá-los a descobrir quem realmente são na sua “busca sem fim” pelo *self*, essa forte inclinação por coisas novas, pode ser fatal para o trabalho dos líderes religiosos NFs. Especialmente porque pode parecer infidelidade ou espírito aventureiro para a instituição a que pertence (que, pelo menos nos postos mais elevados, são administrados pelos tipos S). Como muitas

vezes seguem simplesmente a recomendação: “siga o seu coração”, os NFs podem necessitar de ajudar para não “pular de galho em galho”, toda vez que surgir um movimento espiritual novo. Porém, a facilidade de juntar-se ao último movimento ou o desejo de saber das novidades pode ter o lado bom de mantê-los sempre atualizados.

Quando necessitarem exageradamente de elogios e carinho – Dos quatro temperamentos, o NF é o que tem maior necessidade da aprovação dos outros. Poucos elogios tornam os líderes religiosos NFs desmoralizados, desencorajados e desanimados. Quando não são elogiados, facilmente mudam de comunidade, ou começam a privilegiar aqueles fiéis que são mais generosos e os que mais elogiam. Sentem necessidade de muito apoio nesse aspecto.

Quando não quiserem enfrentar conflitos - É absolutamente normal que líderes religiosos não gostem de enfrentar conflitos. E poucos temperamentos gostam de lidar com eles, mas alguns lidam melhor que outros. Os NFs não se dão nada bem com a diferença e a discordância. Eles têm dificuldade em ver o lado útil do conflito ou de compreender essa incontornável realidade na convivência humana. Sempre que aparece algum conflito um líder NF descobre uma maneira de evitá-la porque acha que diferenças podem destruir a maravilhosa e harmoniosa comunhão que foi construída com tanta dificuldade. Porém, um líder NF, com bom treinamento de gerenciamento de conflitos, pode desenvolver melhor as habilidades de lidar com conflitos do que a média dos outros temperamentos. Como é expert na relação interpessoal, o INFP, “curador” (*healer*), em geral consegue mais sucesso do que os outros temperamentos.

Quando estão muito dependentes dos relacionamentos – Naturalmente empáticos, cordiais e afetivos, NFs tendem a atrair os tipos carentes como um ímã. Apesar de saberem que isso pode ser um problema, líderes religiosos NFs muitas vezes estão mergulhados nisso. Tornam-se muito ligados às pessoas e podem ter enorme dificuldade de desapegar-se delas. Despedir-se é uma das tarefas mais difíceis para os líderes religiosos NF.

Na sua “busca sem fim” – A busca contínua por encontrar a si mesmo pode levar os líderes religiosos NFs à inquietante falta de paz e de alegria. Não conseguem ligar a enorme fenda construída por eles mesmos entre “quem sou agora” e “quem posso me tornar depois”. Por isso também nunca se rendem às intermináveis tarefas impossíveis que se impõem. Num constante devir, reconhecem esse espaço como uma questão espiritual que os acompanhará até que possam experimentar algum grau de paz. Como tão bem descreveu o mais famoso NF da história – já caracterizado acima neste artigo – Santo Agostinho: “*O nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti*”.

Todos os NFs, também líderes religiosos, podem entrar numa espécie de “montanha russa emocional” vacilando com frequência entre a euforia e a depressão. Sendo naturalmente idealistas, podem desanimar facilmente quando as pessoas não compram logo as suas ideias. Relacionar-se com alguém com esse tipo de montanha russa emocional pode se tornar chato para os outros temperamentos.

Por outro lado, NFs estão numa constante “caça ao tesouro” para encontrar o significado oculto em tudo. Como têm fome e sede naturais pelo espiritual, são os tipos que mais apreciam a transcendência (especialmente a autotranscendência – *Selbstüberschreitung*) e a espiritualidade. Mas também necessitam de cuidado espiritual, porque, sem crescimento e desenvolvimento espiritual, podem murchar como uma planta sem água. Não é a toa que a maior parte dos líderes religiosos é NF!

Como vimos, NFs dão grandes mestres espirituais, pois, tomando apenas o cristianismo como referência, durante séculos de sua história, é provável que a maioria dos santos canonizados sejam de temperamento NF. Possivelmente porque, como o mais incompreendido dos tipos, só recebe o devido reconhecimento muitas gerações depois.

Referências

Gama, Mônica Fernanda Rodrigues “**Plástico e contraditório rascunho**”: a autorrepresentação de João Guimarães Rosa. São Paulo: Tese de doutorado Fflchusp-Letras 2013

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Laín Entralgo, Pedro **El Problema de ser cristiano**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 1997

Marías, Julián ‘Agostinho’. **International Studies on Law and Education**. São Paulo: Feusp 2001, N.3. <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

Prado, Adélia **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991

Rogers, Carl **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership**. An Alban Institute Publication, 1988.

Sartre, J.-P., *A Náusea*: Lisboa, Europa-América, 2005

Tipos de David Keirsey – Identificando algumas características IV (os NT)³⁶

Jean Lauand

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. Temperament types.

1. Algumas características dos NT no site de Keirsey

Nos três artigos anteriores desta série, discutimos algumas características dos tipos SP, SJ e NF. Este é dedicado ao 4º. tipo, os NT a quem David Keirsey (abreviaremos por DK) chama de *Rationals* e que constituem cerca de 5 a 10% da população em geral.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento NF (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de DK indica:

³⁶. As partes I, II e III encontram-se respectivamente em www.hottopos.com/isle33/index.htm, www.hottopos.com/rih44/index.htm e www.hottopos.com/rih46/index.htm

Tendem a ser: pragmáticos, céticos, auto-suficientes, focados em solução de problemas e análise de sistemas.

Prezam em si mesmos: serem engenhosos, independentes e com força de vontade.

Eles dão: *reasonable* cônjuges, *individualizing* pais e líderes estratégicos.

Eles são: equilibrados, confiam na lógica, anseiam por realizações, buscam o conhecimento, prezam a tecnologia, e sonham em compreender como o mundo funciona.

(<https://keirse.com/temperament/idealist-overview/>)

E resume :

Os NT são o temperamento voltado para a solução de problemas, especialmente se o problema tiver relação com os muitos sistemas complexos que compõem o mundo que nos rodeia. Os NT podem resolver problemas em sistemas orgânicos como plantas e animais, ou em sistemas mecânicos como ferrovias ou computadores, ou em sistemas sociais como famílias, empresas ou governos. Qualquer sistema desperta a curiosidade deles. Os NT vão analisar o sistema para entender como funciona e atinar em como fazê-lo funcionar melhor.

(<https://keirse.com/temperament/rational-overview/>)

O site de DK oferece ainda uma síntese dos 4 “subtipos” NT:

ENTJ (*Fieldmarshals*) geralmente ascendem a posições de responsabilidade e sentem-se bem como executivos. São incansáveis em seu devotamento ao trabalho e podem facilmente sacrificar outras áreas da vida pelo trabalho. Grandes administradores em qualquer campo – medicina, direito, negócios, educação, governo e militar. Organizam suas unidades como sistemas que funcionam bem, planejando o futuro e tendo sempre em mente os objetivos de curto, médio e longo prazo.

Exemplos: Margaret Thatcher, Golda Meir e Douglas MacArthur.

INTJ (*Masterminds*) Sobressaem sobre todos os demais em planejamento de contingências. Operações complexas envolvem muitos passos e etapas, uma após outra em necessária progressão e os INTJ têm a capacidade natural para captar como um passo leva a outro e para preparar alternativas para eventuais dificuldades que possam surgir em qualquer ponto do caminho. Antecipando qualquer contingência nunca embarcam em um projeto sem um plano A firmemente estabelecido na mente, mas sempre estão preparados para derivar para um plano B, C ou D, se necessário.

Exemplos: Hillary Clinton, Bill Gates, Dwight D. Eisenhower, Alan Greenspan.

ENTP (*Inventors*) Desde crianças já construindo engenhocas e mecanismos e não param mais, embora quando adultos dirigem sua inventividade para muitos tipos de organização: sociais ou mecânicas, Não há muitos ENTP, digamos, 2% da população, mas causam muito impacto em nossas vidas cotidianas. Com seu espírito inovador e empreendedor na busca de fazer as coisas de modo melhor, sempre de olho em novos projetos, empreendimentos e processos.

Exemplos: Maria Montessori, Steve Jobs, Thomas Edison e Walt Disney.

INTP (*Architects*) não devem ser pensados só como interessados em elaborar projetos para edifícios, estradas ou pontes. São os grandes projetistas de todo tipo de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias de empresas e novas tecnologias. Para os INTP o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e re-projetado. A realidade externa em si não é importante, é pouco mais do que matéria prima para ser organizada em modelos estruturais.

Exemplos: Albert Einstein, Karl Marx e Charles Darwin.

2. Ainda os NT segundo DK

Para caracterizar melhor o(s) tipo(s) NT limitar-nos-emos a recolher resumidamente a apresentação teórica original do próprio DK (Keirsey 1984, p. 47 e ss.), intercalando-a com observações de nossa autoria.

É o tipo menos frequente: enquanto os SJ perfazem 45% da sociedade; os SP 30%; NF 15%; os NT são apenas 10%. Assim, geralmente, numa classe de 40 alunos, teremos cerca de 4 NTs, dos quais só um será I. Encontram-se assim rodeados por um ambiente social que lhes é estranho: enquanto os SJ e SP encontram-se rodeados de seus semelhantes.

O poder fascina os NT: não o poder de controlar as pessoas, mas a natureza: poder entender, controlar, prever e explicar as realidades. Em uma palavra, ciência: quem raspa um NT, acha um cientista. Essas formas de poder, no entanto, são simplesmente meios para o fim buscado pelo NT: **competência** (capacidades, habilidades, destreza e engenhosidade).

Quando cruzamos no Google (agosto de 2018) o nome do NT cabal (I/ENTJ), então candidato à presidência da República, Henrique Meirelles, com “competência” ou “competente” (o mantra dos NT) resultam nada menos de 100000 ocorrências de sites!!



Decididamente os sentimentos e as emoções (F) não são o terreno dos NT. Sua atitude nesse campo é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T, ENTJ.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”

Por isso, a candidatura de um NT no Brasil é problemática porque os NTs parecem frios demais para um país exponencialmente emocional e brincalhão (ESFP) como o Brasil. Nem bem Meirelles lançou-se candidato, os marqueteiros apressaram-se em lançar mão do velho truque: tentar vender um Meirelles pelo menos com alguma humanidade (pedir fofura, amor e ternurinha seria forçar demais o ENTJ), associando-o a pets:



Meirelles e sua cadela Trica

Ou quando outro ENTJ, João Dória, em campanha para a prefeitura de São Paulo, tentou mostrar sensibilidade e empatia com o povão e mostrar que “ele é gente como a gente”, comendo lanche de boteco, tudo que conseguiu foi viralizar na Internet:



Outro NT, o apresentador de TV Roberto Justus, que por deficiência no lado F, foi tachado de robô (entre outras críticas a disfunções do NT por parte dos desafetos: gelado, arrogante, cruel...) na mídia e nas redes sociais e saiu-se com esta: “Não sou um robô. Meu estilo é esse. Eu sou assim na vida real” (Cf <https://tvefamosos.uol.com.br/a-fazenda/a-fazenda-9/critica/mauricio-stycer/2017/12/01/justus-nega-ter-jeito-de-um-robzinho-na-fazenda-meu-estilo-e-esse.htm>)



Não se pense que o NT é necessariamente um ser maquinal e frio, alheio às necessidades dos outros. Um de meus antigos alunos, extremado INTP, profundamente cristão, via como sua missão para com o próximo ajudá-lo a desenvolver a racionalidade na fé e na vida e, assim, ter uma existência melhor. Ele morava, na época, em um cortiço pobre em São Paulo. Contou-me que uma das vizinhas de quarto, descobriu o dia de seu aniversário e veio com a

filhinha de 5 anos trazendo de presente um docinho barato, genérico do velho Dan Top. Ele, que conhecia muito de Química, agachou-se e começou a dar uma espécie de aula de divulgação científica para a atônita menininha sobre gorduras trans, hidrogenadas, aterôgenicas; edulcorantes etc. e, gentilmente, devolveu o docinho, indicando à garotinha e a mãe que o melhor era que se desfizessem dele. Contou-me o fato perplexo, pois não entendia que a menina tinha chorado e a mãe, desapontada, virou as costas e levou a filha embora. Encara, com ardor de missionário, projetar a arquitetura de um currículo de pensamento cristão, uma edificação intelectual sistemática, na qual cada peça ocupa seu lugar dentro de uma construção maior e foi pensado em função do lugar que deve ocupar no todo. Obviamente, de pouco apelo para outros tipos, como os NF ou para um franciscano ISFP etc. Claro que seu modelo intelectual é outro “arquiteto”, o INTP S. Tomás de Aquino, que logo no começo da *Suma Teológica*, equipara o trabalho do sábio ao do arquiteto, ou como se diz do INTP no site de DK: “captar princípios fundamentais e leis naturais, e que seus *designs* sejam elegantes, eficientes e coerentes”.

Racionais por excelência, os NTs desde muito jovens têm, como diz DK “uma rebeldia em aceitar autoridades. O fato de que alguém diga algo – por muitos títulos, reputação ou credenciais que tenha –, deixa o NT indiferente: o que se diz deve estabelecer-se por seus próprios méritos, passar pelo crivo da coerência, verificação e pragmatismo. ‘Entendo que foi Einstein quem disse, mas mesmo os melhores podem estar equivocados’ [...]. Essa resistência a admitir a autoridade dos outros, especialmente nos NT acentuados, tende a formar um

NT cuja atitude parece individualista e até arrogante”. Uma das mais conhecidas sentenças do NT Einstein (INTP) é aquela em que diz: “Para punir-me pelo meu desprezo pela autoridade, o destino fez de mim mesmo uma autoridade...”

Desde pequeno, o NT já pode mostrar uma tendência para a lógica, como aquele priminho diante da avó, que dividiu uma fatia de bolo para dois netinhos. Um deles reclamou: “- Ô vó, a metade dele é maior”. E o priminho N (NT) reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: “- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a *parte* dele é maior, mas metades são sempre iguais”. O embate com os NFs é provável: o NF voltado para a sensibilidade, a emotividade, o humano, esbarrará na frieza “científica” do NT.





Claro que um aluninho NT vai ter dificuldades em uma escola na qual o ensino se apoia na autoridade: “É assim porque a professora falou. E pronto!” E certamente só vão se sentir mais à vontade na medida em que o ensino progride, ao longo dos anos – até o ensino superior – para mostrar as razões e conexões lógicas e científicas das informações.

Desde pequenos, muitos NT já mostram preferências por jogos de raciocínio: são eles os nerds da lógica, divertindo-se com paradoxos que não despertam interesse em outros tipos (que, por vezes, sequer têm paciência para entendê-los):



Dotados de vívida imaginação (N), voltada para a ciência e a engenharia, também a engenharia social (T), genuinamente nerds são aqueles filmes de ficção científica (em italiano *fantascienza*), que os NT podem curtir, como: “O caçador de andróides”, “Jornada nas estrelas”, “Matrix”, ou mesmo a fábula do “Senhor dos anéis”; nerds de raiz e não meras brincadeiras de cosplay.

São NT as crianças que se recusam a jogar jogo da velha, porque se dedicaram a analisar e decifrar a estrutura dessa brincadeira e rapidamente chegaram à conclusão de que, do ponto de vista lógico, não se trata propriamente de um jogo: existe, em cada caso, um critério simples (para eles) para determinar o lance que não leva à derrota e o (pseudo)

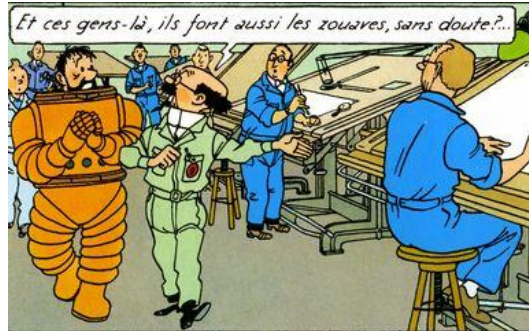
jogo sempre terminará empatado. Em vão tentam explicar isso aos coleguinhas, que vão continuar “jogando” o jogo da velha pela vida afora...

No jogo da velha, quem joga racionalmente, nunca perde. Para os interessados nessas razões e no algoritmo do empate/vitória, recomendo o artigo de David Pleacher: “The mathematics of playing Tic Tac Toe” (<http://www.pleacher.com/mp/puzzles/mgames/tictac.pdf>)

3. O NT em sociedade

Cada tipo tem o elogio (e a crítica) que o atinge em cheio: se você disser a um SP que ele é irresponsável, ele não se ofenderá (e talvez até considere isso um elogio...), mas se você disser a um SJ que ele é irresponsável, aí as coisas se complicam: o dever e a responsabilidade são tudo para um SJ. Assim, o sempre sereno e comedido Professor Girassol, de Tintin, só se irrita e fica transtornado (em cena longa de *Objectif Lune*) quando o capitão o chama de incompetente (e ainda na forma pejorativa “zouave”):





Desprovidos ou debilitados no fator F, para obter votos ou abrir portas em um país de *vigencias* predominantemente emotivas, alguns NT por vezes “aprendem”, tentam imitar atitudes calorosas que vêem nos F, mas seu âmbito natural mesmo é a frieza em fuzilar incompetentes em “O Aprendiz”:



Obcecados pela eficiência e competência (e na política isso tem que se traduzir em resultados), o forte deles não é a área social, que requer empatia e fator F acentuado (os chefes NT podem ter grandes realizações nessa área, mas só se estiverem bem assessorados). O embate entre Soninha Francine e João Dória (depois de 100 dias: “você está demitida!”) ilustra bem isso.

Segundo ela, o motivo de sua saída foi a pressa de Doria em apresentar resultados visíveis para o público, algo mais demorado para a área social. “O que me incomoda é a palavra ‘gestão’, é ele falar que ‘a Soninha é muito legal, é muito isso, é muito aquilo’, mas que gestão não é um ponto forte meu. Gestão é um forte meu sim, mas porra, eu precisava de tempo”, explicou.

Sobre a expressão triste que manteve durante o vídeo, a ex-secretária disse que a reação foi natural. “Não é que eu fiz uma cara, é que eu não desfiz a cara que eu estava. Eu tinha sido demitida, estava mal. E eu não sou mentirosa”, ressaltou, afirmando que foi pega de surpresa. “A gente vai gravar um vídeo? Eu vou aparecer com essa cara?. Eu até brinquei com ele: E se eu chorar?””, questionou na ocasião.

(<https://www.revistaforum.com.br/soninha-desabafa-apos-video-com-doria-estava-mal-e-eu-nao-sou-mentirosa/>)



DK faz um interessante paralelo entre o SP e o NT. O *must* para o NT é ser competente; para o SP, a ação. Mas enquanto o SP vê a habilidade como um meio para o agir; o NT vê o agir como meio para adquirir habilidades. Em um quadrinho genial, Tio Patinhas confia aos antepassados que ganhar dinheiro não é para ele o mais importante, mas sim um meio de afirmar sua inteligência, vencendo desafios para esse saber que é poder:



Os NT confidenciam (aos amigos íntimos) que se sentem perseguidos por uma sensação de estar à beira do fracasso: essa insegurança proveniente do perfeccionismo (a

perfeição inalcançável...) tem obstruído a progressão na carreira de muitos colegas NT, que embora sejam eruditos notáveis e pesquisadores exemplares, ficam longos anos como doutores, não se “atrevendo” a fazer concursos para Livre-Docência e Titular, para os quais estão, de há muito, mais do que habilitados. Esse absurdo grau de exigência pode, em alguns casos, ser transferido para os orientandos, com graves consequências acadêmicas e... psicológicas.

O NT quando joga desperta tristeza e até compaixão comparado com o relaxamento e a diversão de um SP. Como a recreação é necessária para a saúde, ele estabelecerá horários para essa atividade. E em jogos de baralho ou jogos de tabuleiro ou salão, tratará de aperfeiçoar sua “competência recreativa”: quando joga cartas não se permitirá nenhum erro; no bridge, os outros podem errar, mas ele evitará cuidadosamente qualquer lapso lógico ou falhas de estratégia. No tênis, cada set deve ser ocasião de aperfeiçoar certos movimentos e eliminar erros anteriores.

O NT pode enviar duas mensagens contraditórias àqueles que os rodeiam. Uma é a de que não espera muito dos outros que, afinal, não sabem muito e não podem fazer as coisas bem feitas. Uma maneira de enviar essa mensagem é expressar uma engenhosa surpresa quando se deparam com habilidade ou competência nos outros (afinal, não era de esperar que estivessem à altura de sua compreensão NT do assunto; os outros 3 tipos assumem que os outros podem, em boa medida, entender o que comunicam). Em Espanha, a fórmula jocosa para isto é: *“Parecía tonto cuando lo compramos...”*

A segunda mensagem é a de que espera que tentem atingir o mesmo grau de exatidão que ele exige de si mesmo. E como ninguém (nem o próprio NT...) pode viver nessas alturas, o NT aparece como (e é) extremamente exigente.

O resultado desagradável dessas duas mensagens é de que os que rodeiam o NT podem chegar a sentir-se intelectualmente inadequados. E com o tempo instalam-se em uma atitude defensiva, se afastam e hesitam em comunicar suas ideias (o que é trágico no caso já citado da relação orientador-orientado). E não raramente o NT pode acabar isolado, porque os demais se afastam pelo medo de ser rotulados como burros. E isso para o NT é uma confirmação a mais da incompetência dos outros...

Em sua comunicação, o NT evita redundâncias (exaspera-se, por exemplo, com as repetições de um Sílvio Santos para seu “auditório de imbecis...”) e seu discurso costuma ser seco, compacto e lógico (imaginando falsamente que todos já sabem aquilo que é óbvio...) e exige dos demais também uma linguagem precisa.

Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses

Jean Lauand³⁷
Enio Starosky³⁸
Sylvio Horta³⁹

Resumo: Este artigo dá continuidade a um anterior: “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas”, publicado nesta mesma revista (RIH 38, 2016). Os tipos psicológicos de Keirsey são aqui aplicados a Bento de Núrsia, a Francisco de Assis, ao apóstolo João e a seus estilos religiosos.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos de temperamento. São Bento. São Francisco de Assis. São João. Confúcio. Lao Tsé.

Abstract: This article continues the analysis of “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas” in this same journal (RIH 38, 2016). St. Benedict and St. Francis of Assisi are considered under the light of Kersey’s types.

Keywords: David Keirsey. temperament types. religion. St. Benedict. St. Francis of Assisi. St. John. Confucius. Lao Tsé.

1. Introdução – Tipos e a tipologia de Keirsey

Como se sabe, o psicólogo norteamericano David Keirsey (1921-2013, a partir de agora abreviado por DK) propôs – fundamentalmente em duas de suas obras: *Please Understand Me I e II*; Kersey (1984) e Keirsey (1988) – uma

³⁷. Autor das Partes 3 e 4.

³⁸. Mestre em Educação e [desde 2020] Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Autor da Parte 5.

³⁹. Coordenador da Área de Chinês da FFLCHUSP. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Autor da parte 6.

importante tipologia de temperamentos, fundamentada em preferências em torno de quatro pares de fatores: E/I; S/N; F/T; J/P (estabelecidos por Jung e complementados por Myers-Briggs) que DK agrupa em 4 tipos de temperamentos SP, SJ, NF e NT; daí decorrendo, a partir da combinatória dos complementos, 16 tipos mais concretos: ISTJ, ISFP, ENFJ etc. Uma boa apresentação em português dessa teoria (e dos significados das letras abreviadoras) está em LAUAND, J. Sérgio (2014)

Desnecessário dizer que o uso que faremos dessas preferências está sujeito às ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica: seu caráter caricato (no sentido de “carregado”); admitir a mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*); neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro); e sobretudo não confundir o tipo com conceitos e menos ainda com a realidade etc. Tendo em conta, sobretudo, que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 1500 ou 2000 reais”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um

salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

2. Fator S x fator N

A valiosa contribuição de DK não está em dar nomes para batizar os tipos, talvez uma tentativa de deixar sua marca nos estudos de tipos psicológicos: em nossas aulas, procuramos evitar esses nomes, pois podem antes, em alguma medida, desorientar os alunos: por exemplo o *Champion* (ENFP) nos remete mais ao futebol do que a um El Cid ou cavaleiro medieval; e seriam necessárias muitas explicações se assumíssemos *Teacher* como o ENFJ, quando o próprio DK insiste em que a maioria dos professores da Educação Básica são SJ...

A verdadeira contribuição de DK está em agrupar os 16 tipos em torno a 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. E na centralização do par S/N para a constituição dos temperamentos.

S (de *Sensible*) é a preferência de ater-se aos fatos, ao que se dá aí diante dos olhos, ao realismo do pássaro na mão, sem devaneios, sem “viajar” na imaginação...

Já o N (de *iNtuition*) vê os fatos como possibilidades futuras, de busca do sentido humano e do *self* (NF) ou das construções científicas / tecnológicas ou estruturas lógicas (NT). Para o N de um NF e sua sensibilidade para o humano parecem perfeitamente normais os versos de Adélia Prado (2016, p. 146):

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

Já para os S é difícil compreender que só “por exceção” a pedra seja pedra... Jean Anouilh joga com a oposição S x N na peça “A Cotovia”. Nela a jovem Joana D’Arc, que Keirsey apresenta como protótipo dos INFP – o idealista entre os idealistas (1990, p. 201), naturalmente o tipo mais apropriado para experiências místicas – ouve vozes que a convocam a salvar a França. Seu pai, na peça radicalmente S, reage espancando-a e proferindo a sentença que se tornou proverbial na oposição S x N:

Sauver la France? Sauver la France? Et qui
gardera mes vaches pendant ce temps-là?

Nessa mesma linha de confronto NF x S, recordo⁴⁰ um caso (uma piada ou talvez *una anécdota*, nunca esclareci se ocorreu realmente) que me foi contada, há mais de trinta anos, por um ilustre pesquisador, sábio beneditino, ISTJ, S ao extremo:

Uma vez “fui”⁴¹ celebrar missa para freiras
jovens, neuróticas, e fiquei para almoçar:
– Irmã, poderia passar o pão?

⁴⁰. Passagem de autoria de JL.

⁴¹. No ambiente piadista, a primeira pessoa faz parte do recurso lúdico de dar realismo: o narrador, Dom João Mehlmann, monge exemplar, seria incapaz de qualquer grosseria ou atitude minimamente indecorosa. Mas, como diz Keirsey, um ISTJ, se se encontra só com homens amigos pode permitir-se “expressar-se de modo distinto do que o que usa normalmente” (1990, p. 218).

- O pão... o trigo que se encontrava disperso pelo campo e que se deixou triturar, morrer para si mesmo, para transformar-se em pão que se dá em comunhão para os irmãos...!
- (dá de ombros em perplexidade) – Irmã, poderia passar o vinho?
- O vinho... que representa o sangue do Cordeiro (...)!
(O azeite... bálsamo da unção do Messias...)
- Aí eu aponte para uma berinjela e quase falei:
- Irmã, poderia me passar o saco do São Benedito?

É, tipicamente, a oposição entre o SJ, o beneditino da Regra e, digamos, o NF do jardim das almas, com suas rosas e florezinhas campestres de uma carmelita como Santa Teresinha. Aliás, quem procurar no Google “mística carmelita” ou “poesia carmelita” verá que os resultados superam em muito os inexpressivos “mística beneditina” / “poesia beneditina”. Já “beneditino” é, na linguagem popular, campeão em paciência (“paciência beneditina”), que Houaiss dicionariza: “aquele que se devota incansavelmente a trabalho metuculoso”.

3. O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Feitas todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os

fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me levaram a procurar o Dr. D. João Mehlmann, um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão

(Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP:

Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção

“Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnisais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a

Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “- Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para a cela, ele falou-me energicamente: “- Ô, camufla!”. “- !!?””. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente)

ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

São Bento de Núrsia

Queridos irmãos e irmãs!

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como “astro luminoso”, [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da “noite escura da história” (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política

criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos “Europa”. (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, económicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso

caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirsey diz que os ISTJ são “os guardiões das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

4. Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

[... trecho suprimido por repetição de capítulo anterior]

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições.

Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c’um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de

Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y confianza. En algunos casos, ese mismo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua com-paixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tônico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu
Com Chico Ferreira e Bento
A jangada voltou só

Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.



Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública, afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia...

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura, contanto que sejam todos

valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

5. O “jeito de ser” do Discípulo Amado na comunidade joanina – um tipo INFP

O “discípulo amado” (em grego: ὃν ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς - expressão utilizada cinco vezes no Evangelho de João) era o mais jovem membro da família do seu pai e também o mais jovem do grupo dos apóstolos.

Aproximou-se de Jesus com aproximadamente vinte e quatro anos. O traço mais forte de seu caráter era a confiabilidade; sempre disposto, era corajoso, fiel e devotado. Sua fraqueza era a vaidade. Homem de poucas palavras, exceto quando de ânimo exaltado. Esteve muito ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da igreja de Jerusalém.⁴²

O maior desejo de João era resolver os conflitos internos e externos das comunidades sob sua liderança. A comunidade joanina em geral era composta por pessoas com

⁴² “Os doze apóstolos”. Disponível em: <http://www.urantia.org/pt/o-livro-de-urantia/documento-139-os-doze-apostolos> Acesso em: 04.05.2017.

pensamentos de cunho gnóstico, antecipando o gnosticismo no segundo século, cuja influência marcou a história dos dois milênios do cristianismo. João tinha apreço por “retirar-se do mundo” com suas comunidades. Apoiava a visão de que a coisa boa é o conhecimento e a coisa ruim é o comer; o que se come é o conhecimento (Cap. 13.32-34...). Talvez por isso também trabalhou frequentemente com conceitos dualistas, como: baixo/alto, luz/trevas, dia/noite, o mundo do ser humano e o mundo de Deus, aquilo que se vê e aquilo que verdadeiramente existe etc.

Garcia afirma que, ao que tudo indica, o evangelho de João tem um forte elemento de “mortificação do corpo” e constante contraste entre materialidade e espiritualidade; que vários textos dificultam enxergar os ritos regulares da igreja primitiva.⁴³ De fato, a linguagem que João emprega, a constante linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes de seu evangelho. É o espírito que dá a vida. A carne não vale nada (6.63). João usa a palavra espírito, por oposição a carne e sua interpretação é figurada, por oposição a interpretação literal: “*As palavras que vos falei são espírito e vida*”, têm sentido figurado profundo e vital.⁴⁴

Parece seguro inferir, a partir do gênero literário do QE (Quarto Evangelho), que João sacrifica práticas como a comensalidade (ainda que a substitua pelo rito do lava-pés – que é uma prática de esvaziamento), para não perder a identidade de pertença. Abre mão daquilo que valoriza, e, para não se indispor com a comunidade, tolera. João deseja pertencer à comunidade e, mesmo que possivelmente não conhecesse as cartas paulinas, sua atitude revela ter adotado

⁴³ Citando o Dr. Paulo Roberto Garcia, em aula na Umesp.

⁴⁴ PRADO, José Luiz Gonzaga. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado. In: http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#_ftn5 Acesso em: 01/05/17.

um interessante princípio paulino: “*Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns*” (1 Co 9.22).

Por outro lado, também podemos questionar se não foi o próprio Discípulo Amado, pelo seu “jeito de ser” (seu perfil psicológico) e pela forma de escrever que tenha levado a comunidade joanina a supervalorizar os aspectos puramente espirituais! Nascimento lembra que “*por trás desse Evangelho está uma comunidade que nasceu de modo simples, foi crescendo e adquirindo um jeito próprio de ser e de agir, profundo na sua reflexão e criativo na sua forma literária*” (2010, p. 22). Como grupos sempre gravitam em torno de um líder e nunca são completamente impessoais e acéfalos, suspeitamos que o Discípulo Amado influenciou profundamente o “*modus vivendi*” das comunidades que liderou.

Para essa releitura é preciso abandonar convicções pré-estabelecidas, talvez presas à leituras fixadas por grupos e líderes cristãos da igreja oficial a partir do segundo século. Este, a nosso ver, é um importante aspecto a ser levantado, pois a comunidade joanina era a menos institucional e a mais desestruturada do Novo Testamento – seguindo exatamente o perfil psicológico do seu líder. E talvez, precisamente por essa razão, a comunidade joanina tenha sido absorvida pela igreja oficial, cuja liderança era inspirada por Pedro, certamente não um “desorganizado” NF.

Mas então, qual é, segundo DK, o perfil do temperamento INFP?

No INFP encontramos idealismo, empatia e amorosidade. Indivíduos com esse perfil são pessoas compreensivas, discretas e sensíveis, capazes de identificar facilmente as necessidades dos outros. Graças ao seu talento em ajudar e “curar” os demais em suas dores e problemas, o INFP é chamado por DK de “*healer*”. As heranças deixadas nos escritos de João e, mais tarde, os diversos registros

literários sobre João, permitem intuir que ele seria um tipo imaginativo nas suas comparações e simbolismos – recorde-se por exemplo o festival de símbolos do Apocalipse –, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falante como discípulo. Sua autoridade não era imposta, mas se firmou por ser admirado.

O INFP vive intensamente em um rico mundo interior. Presta atenção a essências e sua atração natural está longe do mundo, voltado para a abstração e o ideal. A realidade é simplesmente um ponto de apoio para a imaginação aflorar. Daí a ênfase ao “*bem-aventurados os que não viram e creram*” (Jo 20.29). E tudo o que recolhe no capítulo 9 do QE sobre ver e não ver, cegos que vêem e pessoas que vêem mas são cegas, a que Pieper (2000) dedicou a magistral conferência “A experiência com a cegueira”:

[No cap. 9 de João] se descreve uma experiência. Uma experiência que, aliás, não pode ser repetida por todo mundo. Mas, talvez, esse “todo mundo” reconheça que pode muito bem ocorrer uma repetição em qualquer época, de modo igual ou semelhante. Trata-se de uma experiência com a cegueira; um dos protagonistas é um homem cego. Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego.

Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

Os INFPs, super idealistas, estão sempre procurando o bem, mesmo nas piores pessoas e eventos, buscando caminhos para tornar tudo melhor. Porém, ainda que sejam introvertidos e aparentemente calmos, os INFPs vivem

paixão intensa. Somam cerca de 4% da população, por isso o risco de serem incompreendidos é alto, mas quando encontram pessoas parecidas, a harmonia que sentem será grande fonte de alegria e inspiração. INFPs têm a capacidade de ver o bem em quase qualquer um ou qualquer coisa, por isso também são conhecidos como “mediadores” ou diplomáticos.

Os INFPs podem se perder na busca do bem e negligenciar a rotina (e a organização) que a vida demanda. Muitas vezes se perdem em pensamentos, gostando de contemplar o hipotético e o filosófico, mais do que qualquer outro tipo psicológico. Tendem a perder o contato, retirando-se como eremitas e têm dificuldade de voltar para o mundo real. Sonham em resolver todos os problemas do mundo.

Quando necessitam tomar decisões, de modo geral, os INFPs olharão para a honra, a beleza, a moralidade e a virtude – são guiados pela pureza de suas intenções e não por gratificações e punições. É interessante lembrar que João se orgulha do fato de ser “*o discípulo amado*”. INFPs sentem orgulho dessa qualidade (da pureza de suas intenções), porém, de modo geral, as pessoas ao seu redor não compreendem o motivo por trás desses sentimentos, o que pode levar os INFPs ao isolamento. Com relação a João, neste aspecto, basta observar que tinha forte inclinações místicas e havia sido discípulo de João Batista – um essênio.

Sentimentos de extrema profundidade podem permanecer escondidos por longo tempo nos INFPs, até que as circunstâncias evoquem uma resposta apaixonada. Não foi por acaso que João, juntamente com o discípulo Thiago, quando viu comprometida a reputação do Mestre que não foi recebido pelos samaritanos, pergunte: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir*”? (Lc 9.54). Curiosamente esse episódio não é relatado no evangelho joanino.

Outra característica dos INFPs é que, embora também estejam inclinados a descrever o lado obscuro da vida, acreditam que o bem finalmente triunfa. Essas qualidades permitem que INFPs se comuniquem profundamente com os outros, falando com facilidade através de metáforas e parábolas, entendendo e criando símbolos para compartilhar suas ideias. A força dessa comunicação intuitiva é útil para trabalhos criativos, e não é surpresa que muitos INFPs sejam poetas, atores, escritores e mestres espirituais.

Vejamos alguns textos que evocam o perfil INFP no evangelho joanino.

É interessante notar que, embora na primeira divisão do livro (1.19 – 12.50) – que é dedicada ao que se convencionou chamar de “sinais” (semeïon) que descrevem situações concretas – João dê também a estes um sentido simbólico, revelando a forte perspectiva espiritual da obra inteira. A linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes do evangelho joanino, a ponto de Cullmann⁴⁵ tê-la como sua chave interpretativa.

Também é interessantíssimo perceber que, para deixar o leitor mais atento ao sentido figurado e espiritual das palavras de Jesus, o autor do QE usa um curioso artifício: Um personagem (ou um grupo) entende literalmente o que Jesus diz e faz uma pergunta tola, ridícula, interpretando suas palavras do modo mais grosseiro possível.

Três textos em particular chamam a atenção para isso:

⁴⁵ CULLMANN, Oscar – Cristologia do Novo Testamento. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxyZWdpc3Ryb2NpZW50aWZpY298Z3g6M2U4MDQ1ZGQ0MjM4MWNhNg> Acesso em: 05/05/2017.

1. No capítulo 3, Nicodemos pergunta se será preciso entrar outra vez no ventre da mãe para “nascer de novo”.
2. No capítulo 4, a mulher samaritana pede que Jesus lhe dê da água que vira fonte permanente para que ela não precise mais buscar água.
3. E no capítulo 6 são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer”?

Portanto, como dizíamos, também a primeira divisão do livro (conhecido como o “livro dos sinais” ou “dos milagres”) remete constantemente ao sentido simbólico e o estilo poético se encontra espalhado pelo livro inteiro. Vejamos:

1. As bodas de Caná (2.1-12) – a finalidade do cenário concreto tem o propósito figurado de “manifestar a glória de Jesus” (vs 11), ou, como no capítulo 4.23: “adorar em espírito e em verdade”.
2. A cura do filho de um oficial do rei (4.43-54) – João chama a atenção novamente para o que é mais importante: *o crer sem ver* – “se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis” (vs 48).
3. A cura do paralítico (5.1-47) – “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (vs. 17)
4. A multiplicação dos pães (6.1-15) – “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”.(vs 14)
5. O caminhar sobre as águas (6.16-70) – “Sou eu, não temais”! (vs 20) – chama a atenção para o que aquela figura andando sobre as águas representa para eles.

6. A cura do cego de nascença (9.1-41) – “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (vs. 5)
7. A ressurreição de Lázaro (11.1-54) – “Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus”? (vs. 40)

Na segunda divisão do livro, chamado de “o livro da glorificação”, a linguagem é total e explicitamente simbólica e enigmática o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a linguagem simbólica/metafórica é sua marca registrada, o espaço em que realmente se encontra à vontade. Alguns textos nos ajudam a perceber isso.

1. Jesus lava os pés dos discípulos (13) – “...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (vs. 1b); “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (vs.10); “Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém me seguirás” (vs. 37).
2. Jesus conforta os discípulos (14) – “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (vs. 6).
3. A videira e o ramos (15) – “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor... eu sou a videira, vós os ramos...” (vs.8);
4. A missão do Consolador (16) – “Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; “Vim do pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o pai” (vs. 28)
5. A oração sacerdotal (17) – “E a vida eterna é essa: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (vs.3); “...a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (vs. 21);

6. Jesus diante de Pilatos (18) – “Jesus respondeu: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (vs. 36)
7. A morte de Jesus (19) – “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (vs.21).
8. Jesus aparece novamente aos discípulos – (20) “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”! (vs. 29).

Parece que o *crer sem ver* era mesmo a grande ênfase na comunidade joanina. Para João – e, de modo geral, para a comunidade joanina – a ideia de um elemento superior a tudo o que era material e corpóreo, sempre esteve presente. Como sabemos, a comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também. Era composta de discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos. Isso suscitou muitas controvérsias e conflitos frequentes diante dos quais seu líder tinha que se posicionar. Como líder de perfil INFP, João consegue transitar bem nesse ambiente de grande diversidade cultural e religiosa. Sua psicologia pastoral reflete grande maleabilidade e tolerância. E, ainda que fosse seu desejo fazer a reunião/união dos diferentes pensamentos, é seu espírito conciliador e mediador que prevalece. A ausência da comensalidade na comunidade joanina pode ter esse pano de fundo, ou seja, que o seu líder, por ter um perfil psicológico conciliador, permitiu/tolerou que a comunidade se “alimentasse” apenas do conhecimento e estabelecesse o

lava-pés e outros elementos identitários como ritos de pertença em substituição ao ato eucarístico.

Concluimos reiterando a limitação própria das análises tipológicas; especialmente no caso de João, um gigante do espírito que transcende qualquer enquadramento. De qualquer modo, a aplicação da teoria keirsejana a um líder religioso como o Discípulo Amado, permite uma leitura – ao lado das demais apresentadas neste artigo – que ajuda a compreender (*verstehen*) o seu estilo pessoal.

6. Nota sobre dois grandes mestres da tradição chinesa

Se Bento é o “fundador” da Europa, o que dizer da incomensurável influência de Confúcio no Extremo Oriente?

Tal como Bento, Confúcio recebe também uma ordem do Céu, como ele mesmo diz na famosa passagem dos Analectos (II, 4). E vai em busca de resgatar a Tradição dos Antigos e codificá-la em suas edições. Confúcio marcará por milênios a educação oriental, pautada por ritos (tal como Bento com sua Regra). Ritos que, na mente do Mestre, longe de serem rituais vazios, são instâncias de *reverência* (Livro dos Ritos I, 1), da devida reverência. Na autorizada interpretação de Sproviero (1998):

A tradição extremo-oriental veiculada por Confúcio (551-479 a.C.) remonta a uma Antiguidade portadora de uma sabedoria divina, preservada e ao mesmo tempo corrompida nos tempos posteriores, e que a chamada escola confuciana cuidou, naqueles tempos de extremo caos político-social, de fixar e transmitir por sua vez à posteridade, e que por mais de dois

milênios tem se constituído na unidade cultural do povo chinês.

Também no caso de Confúcio, espírito grandioso, a sabedoria supera a mera codificação e introduz a necessária flexibilidade, ponto que gostaria de ressaltar nesta Nota. Como se lê nos *Analectos*:

7.14 The Master heard the shao music when he was in Qi. For the next three months, he did not notice the taste of meat. He said, “I never imagined that music could be this beautiful.”

7.19 The Governor of She asked Zilu about Confucius, and Zilu gave no answer. The Master later said to Zilu, “Why didn’t you simply say that he is the sort of person who forgets to eat when pursuing a question, who forgets to worry when suffused with joy, and who does not note that old age is coming?”

11.26. Zilu, Zeng Xi, Ran You [Ran Qiu], and Gongxi Hua were seated in the Master’s company. The Master said, “Just because I am a little older than you are, don’t let that stop you [from speaking your mind]. You have often said, ‘No one understands me.’ If someone did understand you [and appreciate you], what would you do then?” Zilu quickly offered a response: “If I were to govern a state of a thousand chariots, one that was squeezed

between two powerful states, worn out by unwanted warfare, and made even weaker by famine, I would be able, within three years, to give the people courage and let them know the right way to put their lives in order.” Confucius smiled at him.

“And Qiu [Ran Qiu], what about you?” “If I were put in charge of a place measuring sixty or seventy li square, or even fifty to sixty li square, I would be able, within three years, to meet the people’s needs. As for the practice of rites and music, I will have to leave them to the gentlemen.” “What about you, Chi [Gongxi Hua]?” “I am not sure if I can do this well, but I am willing to learn. I would like to be a minor official, assuming the role of either an assistant in ritual affairs at the ancestral temple or a junior diplomat, dressed in a black robe and ceremonial cap, at a conference of the regional rulers.” “And you, Dian [Zeng Xi]?” Zeng Xi had been playing the zither. Now his playing was coming to the end. With the last note still vibrating in the wind, he put down his instrument, stood up, and said, “What I would like to do is different from what we have just heard from these three.” *Confucius said, “There is no harm in that. We are all telling each other what’s on our mind.” Zeng Xi replied, “In late spring, when the spring clothes have just been made, with five or six young men or six or seven young boys, I would like to go bathing in the*

River Yi and enjoy the breeze at the rain prayer altar, and then come home singing.” Confucius sighed and said, “I am for Dian.”

14.32 Weisheng Mu said to Confucius, “Qiu, why are you always hopping around? Could it be that you are practicing the glibness [of a persuader]?” Confucius said, “I would not dare to be glib [ning]. It is just that I worry about getting stuck in one place and with just a single point of view [gu].”

E no Records of the Grand Historian de Sima Qian:

Confucius got separated from his disciples. So he stood alone by the east gate of the city wall. A man of Zheng, who had seen him there, later remarked to Zigong, “There is a man by the east gate. He has the forehead of the sage ruler Yao, the neck of the supreme arbiter Gao Yao, the shoulders of the prime minister Zichan, and is just three inches shorter than the great emperor Yu from the waist down. Yet he looks confused and miserable, like a dog that has lost his way home.” Later, when Zigong found Confucius, he repeated exactly what this man had told him. Confucius smiled and said, “I can’t really accept what this man suggested about my shape and build. But what he said about me looking like a stray dog is true. I can’t argue with that.”

Se podemos aproximar Confúcio de Bento de Núrsia; outro grande sábio antigo chinês, Laozi, em alguns aspectos, coincide com Francisco de Assis; sua proposta de radical volta à vida em simplicidade da natureza, anti-intelectualismo “não ao estudo” (p. ex. Livro XX do Tao), e até a celebração de, no dizer de Francisco, “nossa casta irmã”, a água (Livro VIII do Tao):

VIII

o bem supremo é como água

água... apura as dez-mil-coisas sem disputa
habita onde os homens abominam

por isso abeira-se ao curso

morar	bom é onde
coração	bom é profundidade
doar	bom é amor
falar	bom é sinceridade
governo	bom é ordem
serviço	bom é capacidade
movimento	bom é quando

eis que só sem disputa não há oposição

XX

não ao estudo e foi-se a inquietação
“sim” e “pois não” quanto se distinguem?
bem e mal como se distinguem?
o que os homens temem não se pode não temer?
estéril! esse nem sim nem não

(http://www.hottopos.com/tao/dao_de_jing01.htm)

Referências

ALTMANN, Walter (ed.) *Rudolfo Bultmann: crer e compreender*. São Leopoldo: Editora Sinodal: 1986, Série Teologia Sistemática a-9, pp.223-229.

BENTO XVI “São Bento de Núrsia” . Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil 2 ed Barueri SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, 1993.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo, Edições Paulinas. 2004.

CULLMANN, O., *Der Johaneische Gebrauch doppeldeutiger Ausdrücke als Schlüssel zum Verständnis des viertes Evangeliums*: TZ 4 (1948) 360-372

FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

GARCIA, Paulo Roberto. “Isto é meu corpo - Rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo”. **Revista Caminhando**. Universidade Metodista de São Paulo, 2007, v.12, n. 20.

GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.

LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

NASCIMENTO, Carlos Josué Costa. *Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8,31-59*. Tese Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2010.

PIEPER, Josef “A experiência com a cegueira”. **Videtur** N. 12, 2000. <http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>

PRADO, Adélia *Poesia Reunida*. 2ª. ed. , Rio de Janeiro: Record, 2016.

SPROVIERO, Mario Bruno “Confúcio e a Revelação Primitiva”. **Mirandum** n. 5, mai-ago 1998
<http://www.hottopos.com/mirand5/mario.htm>

Pessoa, identidade, auto-realização e identificação – o reconhecimento de Jesus e sua personalidade humana

Jean Lauand
Sylvio R. G. Horta⁴⁶
Enio Starosky⁴⁷

Resumo: Notas de três conferências articuladas do “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação (Keirsey)” (2021). Este estudo apresenta alguns aspectos fundamentais da identidade da pessoa e do problema do reconhecimento de Jesus Cristo e de sua identidade humana.

Palavras Chave: Jesus Cristo. identidade. reconhecimento. lúdico. Shakespeare. Keirsey. Julián Marías.

Abstract: Notes of three lectures of the “XXII Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação – David Keirsey”. The article shows some basic aspects of personal identity and the problems of recognizing Jesus Christ and His human identity.

Keywords: Jesus Christ. identity. recognizing. ludic. Shakespeare. David Keirsey. Julián Marías.

“Quem dizem os homens que eu sou”? “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8; 27. 29)

“Shakespeare era nada em si mesmo; mas era tudo que os outros eram, ou o que podiam se tornar.” William Hazlitt⁴⁸

⁴⁶. Doutor em Filosofia da Educação pela FEUSP. Professor da FFLCHUSP - Departamento de Letras Orientais.

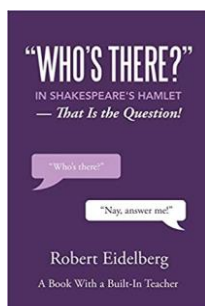
⁴⁷. Diretor do Colégio Luterano São Paulo. Mestre em Educação e Doutor em Ciências da Religião pela Umesp.

⁴⁸. Citado por Thomas Armstrong, *Sete tipos de inteligência*, RJ, Record, 2003, pág. 139.

A pergunta fundamental de Shakespeare

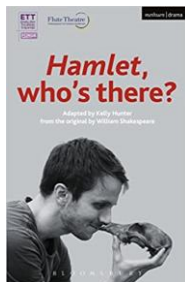
Alguns estudiosos consideram a pergunta fundamental do *Hamlet* não o “*to be or not to be...*”, mas uma sentença aparentemente sem a menor importância, que é, no fundo, a mais essencial. Trata-se da primeiríssima fala da peça: é de noite e, ao aproximar-se para a troca de turno de sentinelas, um dos guardas faz a decisiva pergunta: - *Who's there?*

De fato, para Edward Yastion, um notável diretor de *Hamlet*, “Quem está aí?” é que é *a questão* e a peça inteira busca responder a ela. E Robert Eidelberg lançou recente livro: tematicamente dedicado a esta questão.



<https://www.amazon.com.br/>

E Kelly Hunter inclui essa questão no próprio título da peça, em sua adaptação de *Hamlet*.



<https://www.amazon.com.br/Hamlet-Whos-There-William-Shakespeare/dp/1350006386>

E é que o próprio “*to be or not to be*” remete, afinal, a: Quem sou eu? Quem está aí? Quem sou eu? Quem é você? Quem é Fernando Pessoa; quem, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares? Quem está aí? Quem é o rei Claudius?

“Quem sou eu? Quem está aí?” (mais no sentido de “Who am I?” do que de “Who I am?”). Aí reside o caráter “dramático” da condição humana, do ser pessoa do homem, de sua realização, como *pro-jeto* ou, no dizer de Pieper: *selsbstverwirklichungsvorgang*, em processo de auto-realização. A tentativa de cristalizar o “quem sou eu” em uma resposta alheia a essa dinâmica de *pro-jeção*, resultaria em coisificação, como aponta Julián Marías:

Já há bastante tempo eu disse na *Antropologia Metafísica* que, do meu ponto de vista, não é certo que se possa reduzir tudo a uma pergunta: O que é o homem? E isso, precisamente num livro de antropologia. Eu dizia: – Não, para começar, não está correta a pergunta: “O que é o homem?”. Essa pergunta tem sido feita pela filosofia já há muito tempo, mas é uma pergunta errada, é uma pergunta que propõe um problema de resposta falsa, porque o homem não é um “quê”. Se alguém bate à porta, não se pergunta “que”, mas sim “quem” é. Devemos distinguir radicalmente entre “que” e “quem”. A pergunta não é portanto “O que é o homem?”, nem tampouco “Quem é o homem?” - isto não tem sentido - a pergunta radical é “Quem sou eu?”.

(...) Porque “eu” é um pronome, é um pronome pessoal, que indica precisamente a posição existente e única. Quando alguém bate e se pergunta “Quem é”, frequentemente se responde: “eu”, se a voz for conhecida. “Eu”, não “o eu”, que é uma abstração; “eu”, rigorosamente pronominal. Portanto, a pergunta não seria “O que é o homem?”, a pergunta seria “Quem sou eu?”. Mas esta pergunta vai acompanhada de outra, inseparável: “O que vai ser de mim?”. São duas perguntas inseparáveis e que de certo modo se contrapõem: quero dizer que na medida em que posso responder plenamente a uma, a outra fica na sombra. Se eu sei quem sou, se eu me vejo a mim mesmo como pessoa, como “quem”, não acabo de saber o que vai ser de mim... Se, por outro lado, quero ter a certeza sobre o que vai ser de mim, evidentemente necessito apoiar-me em algo estável e executo a operação de – de certo modo – coisificação. Essas duas perguntas são inevitáveis, inseparáveis e – de algum modo – conflitantes. Por isso, é que eu acho que a vida humana é dramática.⁴⁹

A vida humana é “dramática”, futura (Marías) – que tende ao futuro –, precisamente essa *pro-jeção*, o que posso

⁴⁹. Marías, Julián “Kant”, *International Studies on Law and Education*, No.4, Harvard Law School Association – São Paulo, p.90.

(talvez...) ser exercendo minha liberdade, a múltiplas possibilidades em meu futuro.

Daí a importância que o próprio Mariás dá à sentença chave do Quixote (e do próprio Cervantes): “Eu sei quem sou” (Cap. V da parte I).

Recordemos: Dom Quixote está estendido no chão, moído por uma surra que acabara de tomar de uns mercadores zombeteiros a quem desafiara. Não consegue se erguer e consola-se pensando em situações de ferimentos de grandes cavaleiros nas histórias que lera. Por sorte, um vizinho passa por ali e o acode. Dom Quixote, saúda-o, como se esse pobre camponês fosse um grande personagem da cavalaria, como o próprio Quixote:

— Saiba vossa mercê, senhor dom Rodrigo de Narváez, que esta formosa Xarifa deque falei é agora a linda Dulcineia del Toboso, por quem eu fiz, faço e farei as maiores proezas de cavalaria que se viram, veem ou verão no mundo.

A isso o camponês respondeu:— Veja vossa mercê que, por bem de meus pecados, não sou dom Rodrigo de Narváez nem o marquês de Mântua, mas Pedro Alonso, seu vizinho. E nem vossa mercê é Valdovinos nem Abindarráez, mas o honrado fidalgo senhor Quixana [Quixote].

— Eu sei quem sou – respondeu dom Quixote – e sei que posso ser não apenas esses que mencionei como todos os Doze Pares de França

e até os Nove da Fama, pois todas as façanhas que eles fizeram juntos, ou cada um por si, serão superadas pelas minhas.

(<http://itaudeminas.mg.gov.br/arquivos/ere/livros/Dom-Quixote-Miguel-de-Cervantes.pdf>)

O reconhecimento e a possibilidade de abertura para o real. Jesus lúdico.

Buscar a resposta à pergunta “Who’s there?” é tarefa muito árdua; a tendência a não ver a realidade é prodigiosa, como mostram, por exemplo, diversos estudos de Clément Rosset. No estudo “A inobservância do real” ele nos diz:

Se há uma faculdade humana que merece atenção e assemelha-se ao prodígio é realmente essa aptidão, particular ao homem, de resistir a toda informação exterior quando esta não concorda com a ordem da expectativa e do desejo, de ignorá-la se for preciso e a seu bel-prazer; admitindo a possibilidade de opor a ela, se a realidade insiste, uma recusa de percepção que interrompe toda controvérsia e encerra o debate, naturalmente às custas do real. Esta faculdade de resistência à informação tem algo de fascinante e de mágico, nos limites do inacreditável e do sobrenatural: é impossível conceber como se utiliza o aparelho perceptivo para não perceber, o olho para não ver, o ouvido para não ouvir. No entanto, essa faculdade, ou melhor, essa antifaculdade, existe; ela é mesmo

das mais banais e qualquer um pode fazer sua observação cotidiana.⁵⁰

Em um primeiro nível dessa procura da manifestação da verdade (outro problema é se a verdade vai ser aceita ou não...), Shakespeare propõe um sugestivo recurso de metalinguagem: o personagem Hamlet vale-se do teatro e para certificar-se do assassinato do pai faz a companhia de atores encenar ante o rei a sequência do crime do qual ele é o suspeito. E é que o *lúdico* permite *aludir* a um fato: aliás, não por acaso, *aludir* do ponto de vista etimológico significa precisamente *ad-ludere* (no duplo sentido de brincar e representar um papel).

O próprio Cristo, diversas vezes, vale-se do recurso do “teatro” e como que brinca de desempenhar um papel, e, por assim dizer, disfarça-se, camufla-se, para possibilitar a seus interlocutores o reconhecimento de sua pessoa, a captação de uma verdade que, de outro modo, seria inacessível para eles.

É uma constante nas aparições de Cristo ressuscitado. Os discípulos de Emaús (Lc 24) eram incapazes de reconhecer que era Cristo quem estava a seu lado (*oculi illorum tenebantur ne eum agnoscerent*) e ouvem “o forasteiro” expor tudo “desde Moisés passando por todos os profetas” e só horas depois O reconhecem na fração do pão. Uma possibilidade de conversão e de sair do erro que lhes teria sido negada se Cristo se auto-apresentasse desde o

⁵⁰. Rosset, Clément “A inobservância do real” in *O Princípio da Crueldade*, Rio de Janeiro, Rocco, 2002, pp. 52-3.

início: a sutileza e o disfarce operam aqui como recursos pedagógicos, de refinada caridade. A auto-ocultação da identidade de Cristo, que se faz passar por um desconhecido e assume feições irreconhecíveis (ou semi-irreconhecíveis...), é a chance de que eles se abram aos fatos e reflitam sobre as razões da Escritura, apresentadas por Cristo que não se manifesta como tal precisamente para deixar que a realidade fale por si, sem a intromissão avassaladora de Sua autoridade.

No cap. 20 de João (11-18), a mesma camuflagem: Maria Madalena não reconhece os anjos e muito menos Jesus lúdico. Ela pensa que está conversando com o encarregado do horto...:

Entretanto, Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: “Mulher, por que choras?”. Ela respondeu: “Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram”. Ditas essas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?”. Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, dize-me onde o puseste e eu o irei buscar”. Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se ela, exclamou em hebraico: “Rabôni!” (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas

vai a meus irmãos e dize-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”. Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele lhe tinha falado.”

No capítulo seguinte (Jo 21: 1-14), as vítimas do “engodo” são os apóstolos que não sabem Quem está lá na praia e lhes diz : “Ei, vocês têm alguma coisa para comer? Joguem a rede à direita...”.

Depois disso, tornou Jesus a manifestar-se aos seus discípulos junto ao lago de Tiberíades. Manifestou-se deste modo: Estavam juntos Simão Pedro, Tomé (chamado Dídimo), Natanael (que era de Caná da Galileia), os filhos de Zebedeu e outros dois dos seus discípulos. Disse-lhes Simão Pedro: “Vou pescar”. Responderam-lhe eles: “Também nós vamos contigo”. Partiram e entraram na barca. Naquela noite, porém, nada apanharam. Chegada a manhã, Jesus estava na praia. Todavia, os discípulos não o reconheceram. Perguntou-lhes Jesus: “Amigos, não tendes acaso alguma coisa para comer?”. – “Não”, responderam-lhe. Disse-lhes ele: “Lançai a rede ao lado direito da barca e achareis”. Lançaram-na, e já não podiam arrastá-la por causa da grande quantidade de peixes. Então, aquele discípulo a quem Jesus amava, disse a Pedro: “É o Senhor!”. Quando Simão Pedro ouviu

dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu) e lançou-se às águas. Os outros discípulos vieram na barca, arrastando a rede dos peixes (pois não estavam longe da terra, senão cerca de duzentos côvados). Ao saltarem em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus: “Trazei aqui alguns dos peixes que agora apanhastes”. Subiu Simão Pedro e puxou a rede para a terra, cheia de cento e cinquenta e três peixes grandes. Apesar de serem tantos, a rede não se rompeu. Disse-lhes Jesus: “Vinde, comei”. Nenhum dos discípulos ousou perguntar-lhe: “Quem és tu?” –, pois bem sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-se, tomou o pão e lhos deu, e do mesmo modo o peixe.

E assim diversas vezes na Bíblia surge o problema da dificuldade do reconhecimento (mesmo em nível superficial do “Who’s there?”): problemas de reconhecimento de anjos; do cego de nascença curado por Jesus (Jo 9); de Esaú por Isaque: “És realmente meu filho Esaú?” (Gn 27, 24); de José do Egito etc.

O caso de José do Egito, do reconhecimento de José por seus irmãos, apresenta requintes de dissimulação lúdico-teatrais a serviço da verdade e da conversão do erro. Até o nome é mudado, ele não aparece como José, mas como Saphanet Phanec (Gn 41, 45). Quando Jacó, aflito pela fome em Israel, envia seus outros filhos ao Egito, “José reconheceu

seus irmãos, mas eles não o reconheceram” (Gn 42, 8). E aí começa o jogo teatral orquestrado por José (que além de estar sob o “pseudônimo” Saphanet Phanec ainda por cima, “cnicamente”, vale-se de um intérprete (Gn 42-43), como se não entendesse a língua de seus irmãos!). Seus irmãos, iludidos, relatam a seu pai:

Chegando em casa, contaram ao pai tudo o que tinha acontecido. “O governador do Egito foi duro conosco,” disseram eles a Jacó. “Ele ficou dizendo que estávamos lá como espiões! “Nós dissemos: ‘Somos gente honesta. Não somos espiões. Somos doze irmãos por parte de pai. Um não existe mais, e o menor está em casa, na terra de Canaã.’ “Mas aquele homem, que é a maior autoridade do Egito, respondeu: ‘Só vejo um modo de vocês provarem que são honestos. Um de vocês fica detido aqui. Os outros podem ir para casa, levando mantimento para socorrer as famílias de cada um. Depois vocês vão ter de voltar para cá, trazendo o irmão mais novo. Se fizerem isso, ficará provado que estão sendo sinceros. Aí soltarei o seu irmão, e vocês poderão negociar à vontade no Egito.’” (Gn 42, 29-34).

A “farsa” de José prossegue com detalhes como o de “plantar prova de crime”, mandando seu mordomo esconder uma taça de prata na bagagem de Benjamim para acusá-los (Gn 44, 2) etc. Se José tivesse dito, desde o primeiro

momento, “Sou vosso irmão a quem quereis eliminar”, seus irmãos não teriam percorrido o caminho da conversão.

O capítulo 9 de João, o caso do cego de nascença curado por Jesus, é ainda o melhor tratado sobre a dificuldade – ou, para alguns, até mesmo a impossibilidade – do reconhecimento: das pessoas (“*Who’s there?*”) e da verdade.

A cena começa com Jesus curando o cego. Seguem-se as dificuldades de reconhecimento (“será que este homem que hoje vê é mesmo o ceguinho que conhecíamos?”; o interrogatório dos pais e do ex-cego etc.) e, sobretudo, as dificuldades provenientes da “cegueira” de espírito, que chega até o extremo da negação do fato (“esse homem é um pecador, logo não pode ter operado cura”) e a expulsão do ex-cego. No final, ele reencontra Jesus e o *reconhece* como Deus, enquanto os fariseus aferram-se à sua “cegueira”. E o capítulo termina com a terrível sentença de Jesus sobre cegos que vêm e videntes que são cegos. E ainda pior: “Se fôsseis cegos não teríeis pecado, mas como dizeis ‘Nós vemos’, então vosso pecado permanece”.

Josef Pieper escreveu um genial estudo sobre o caso do cego do Evangelho - “A experiência com a cegueira” (<http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>) -, focando precisamente essa incapacidade de reconhecimento. Recolho aqui apenas os inquietantes parágrafos inicial e final:

Meditando sobre os descaminhos do mundo, surge o desejo de que a verdade pudesse, alguma vez, mostrar-se de forma totalmente irrefutável, como algo simplesmente irresistível, pela sua própria força arrebatadora. Mas, quão

incertos são tais desejos e quão sinistras podem ser as formas em que, na realidade, dá-se a liberdade e também a fraqueza dos homens e como a verdade de modo algum “se impõe”, tudo isto torna-se manifesto na história que narraremos a seguir. [o cap. 9 de João] (...) Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego. Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história. (...) E quando um dos que por lá estavam, um do partido dos poderosos, disse, irônico e ameaçador, que então, segundo isso [“cegos que vêem e videntes que são cegos”], eles, os poderosos, seriam também cegos, obtive de Jesus a resposta de que precisamente isto é que era o mal: que eles não eram cegos. Aí já não houve mais ninguém que perguntasse o que isso [“cegos que vêem e videntes que são cegos”] significava; perguntavam-se, sim, se tinha afinal algum significado, se havia, afinal, algo a ser compreendido. E assim termina a experiência com a cegueira. Disse eu que termina a experiência com a cegueira? Não, esta seria uma formulação um tanto imprecisa, e até mesmo injusta. O que terminou foi o relato; a experiência..., a experiência continua...

Shakespeare – A coruja era filha do padeiro

Voltemos à pergunta de Shakespeare e à tese de Julián Marías: a única coisa que importa é saber “*who’s there?*” e, mais precisamente, “quem sou eu?”. E este ser que eu sou

não é coisificado, não é estático: o “*to be or not to be*” refere-se a um ser dinâmico, ao *ultimum potentiae* do homem, ao máximo do que se pode ser, como tantas vezes diz Tomás de Aquino. Daí que a pergunta “Quem sou eu?” vá acompanhada de outra, inseparável: “O que vai ser de mim?”. Ou como se diz na *Tabacaria* de Fernando Pessoa: “Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?” (Pessoa ou Álvaro de Campos? *Who’s there?*). Um *to be* dinâmico e que envolve a abertura para o outro, segundo a célebre sentença de Ortega: “*Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo*”; e a sugestiva paráfrase de Juan Ramón Jiménez: “‘*Dime con quién andas, y te diré quién eres*’. *Ando solo. Dime quién soy*’...⁵¹

Assim se compreende que o problema da falta de liberdade, da tirania, resida precisamente neste aborto do *proyecto* do ser pessoa. Shakespeare completa genialmente o questionamento do “*to be or not...*”, quando Ofélia, em sua loucura, dialoga com o ignóbil rei Claudius:

King Claudius: How do you, pretty lady?

Ophelia: Well, God dild you! They say the owl was a baker’s daughter. Lord, we know what we are, but know not what we may be. God be at your table (*Hamlet* IV. 5).

Trata-se de uma passagem riquíssima e cheia de alusões enigmáticas. Sem liberdade, sabemos o que somos (nas limitações da coisificação, da nossa redução ao “Manual

⁵¹. Cit. por Pedro Laín Entralgo *El Problema de ser cristiano*, Barcelona, Galaxia Gutenberg, 1997, p. 81.

de Instruções” do tirano etc.) mas não sabemos o que podemos ser, não podemos empreender a realização daquele máximo: a coruja era filha do padeiro!(?)

O que significa essa misteriosa coruja, filha do padeiro? Os comentadores remetem a uma antiga lenda segundo a qual Cristo, em suas andanças, detém-se numa casa, a do padeiro, e lhe pede de comer. Generosamente, preparam-lhe uma massa com fermento, para pôr no forno, mas a mesquinha filha do padeiro, achando que aquilo era um desperdício, subtrai a maior parte e deixa apenas um pedacinho para assar. Ao ver o milagre de que aquele pedacinho começa a crescer enormemente, ela exclama assustada, como coruja: “Hu, hu, hu!” e, como castigo, é transformada em coruja!

O símbolo da coruja recebe interpretações tradicionais. Segundo S. Tomás de Aquino, a coruja alegoricamente representa: a astuta “prudência da carne” (e o correspondente embotamento do espírito) e a incapacidade de ver o sol (e o Sol é Cristo)⁵². Já a massa de pão com fermento representaria a tendência à realização do ser em direção àquele máximo (*ultimum*) do “*to be*” dinâmico a que Deus chama cada pessoa. Esse processo é impedido pela mesquinharia e pela opressão do tirano, sob a qual só sabemos o que somos, mas não o que podemos ser... Daí que o castigo divino reduz a filha do padeiro a coruja. Há um escárnio na fala de Ofélia para o rei: “*God dild you!*” (em vez

⁵² “Nyxycorax, quae in nocte acuti est visus, in die autem non videt, significat eos qui in temporalibus sunt astuti, in spiritualibus hebetes (I-II, 102, 6 ad 1). E “Solem etsi non videat oculus nycticoracis etc.” (*In Metaph.* 2, 1, 286).

de *God yield you*). Talvez no sentido de que, tal como à filha do padeiro, Deus te retribua (o mal que fizeste). Uma aproximação da tradução desse *God dild you!* de Ofélia poderia ser “Deus lhe prague!”.

Em sentido contrário ao da opressão dos tiranos, as “manifestações” de Cristo são no sentido da realização: o vinho de Caná é vinho excelente; a pesca é de 153 peixes grandes; o cego recobra a visão... É nessa grandeza, que aponta para que a realidade realize o plano do Verbo, que se reconhece Cristo: Jesus lúdico que, como Mestre, se esconde para poder de verdade se manifestar. Àqueles que tenham olhos de ver a Cristo que passa...

Nota sobre a dificuldade de reconhecer Cristo na Teoria de David Keirse⁵³

Não é fácil, ou mesmo possível, assinalar algum tipo específico, dentre os 16 estabelecidos por DK (ISFP, ENFJ, etc.), ou mesmo um temperamento, dentre os 4 propostos por DK (SJ, SP, NF e NT) para a identidade humana de Jesus Cristo. Felizmente, a teoria de DK admite tipos híbridos.

Isso não impede que analisemos Jesus Cristo à luz dos quatro pares de fatores (opostos) que são a base do pensamento de DK: I/E, S/N, J/P, F/T e dos 4 tipos de temperamentos que deles resultam. [... suprimimos repetições de artigos anteriores]

⁵³ Nesta Nota, recolhemos algumas ideias do capítulo “The personality of Jesus” de GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*. Nashville: Abingdon Press, 1997.

Jesus Cristo é I e é E. Alguém puramente extrovertido não aguentaria – para além da fome e da sede – 40 dias de solidão no deserto. E vemos que muitas vezes se retira para um lugar onde possa ficar só etc. Por outro lado, Ele sente-se à vontade com as multidões, com refeições de muitos convivas, com seus muitos amigos etc.

O mesmo acontece com o par S / N: Cristo é ambos, como expõe Goldsmith (pp. 99-101):

When we look at the Sensing-iNtuiting axis, we can again see that Jesus was able to operate effectively and appropriately at either end. He noticed small details, a common practice of Sensors. He was aware of the woman touching the hem of his garment; he noticed Zacchaeus in the branches of the tree; and Nathanael sitting in the shade of a fig tree. In his teaching, Jesus often encouraged people to be specific and to think of small details—“consider the lilies of the field”—and he reminded them that the very hairs on their head were numbered. He was aware of the practical problems when a large number of people followed him and did not have enough to eat, and he was quite specific about the details he gave to his disciples when asking them to prepare things for his entry into Jerusalem for the Passover. A considerable amount of detail is given in the New Testament about eating and drinking, and

the institution of the Last Supper is a quite specific piece of detailed action.

Glancing through the Gospels quickly, for instance when I am looking for a particular passage, I am time and again struck by how much of the material is specifically related to individual people and to particular happenings. There is a sense of immediacy and practicality about them, and within such a context Jesus quite easily and naturally assumes the personality of a Sensing person. But the content of much of Jesus' teaching was the kingdom of God, and the kingdom is a theme which has enormous appeal to iNtuitives.

The kingdom is concerned with the "big picture" of peace, justice, and righteousness; and Jesus shows himself to be a true iNtuitive when he speaks of the future, or when he poses questions. Time and time again he seems to get right to the heart of a matter, cutting through all the extraneous material, not getting bogged down with details so that he misses the point. He saw the potential in the most unsuspecting people, and was able to summon up in them amazing acts of heroism, dedication, and courage.

Jesus was prepared to take risks. He challenged people to work things out for themselves: "but what do you think," he seems to be saying repeatedly. He was able to see beyond what other people could see, and so on several

occasions could say words such as “if only you had eyes to see and ears to hear.” Jesus strides across the pages of the New Testament as a man with a vision, a purpose, and an embracing understanding of the future which influenced virtually everything he did and said. Such a description would place him well within the ranks of the intuitives—and yet we know that he was also a Senser.

Quanto ao par F/T, chama muito a atenção em Cristo sua dimensão F: ele frequentemente se compadece e “quebra as regras” pela sensibilidade para com o outro. Assim é em seu primeiro milagre – o de transformar água em vinho nas bodas de Caná – para evitar um constrangimento aos noivos. E ao ver Maria, irmã de Lázaro em prantos pelo irmão morto, Jesus se entrega às lágrimas (Jo 11, 35) e ressuscita o amigo. Enfim, todo um manifesto F, encontramos em Mt 9, 9: “Aprendei, pois, o que significa: ‘Quero misericórdia e não sacrifício’. De fato, eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores”.

Por outro lado, seu senso de dever e missão exige, por vezes a “dureza” implacável do seu lado T. Como quando, aos 12 anos, deixa Maria e José aflitos, procurando-O por 3 dias, pois tinha ficado no templo.

E quando sua mãe O interpela: “Filho, por que fizeste isso conosco?” (Lc 2, 48); sua dura resposta é: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?”. E quando Pedro tenta dissuadi-LO de enfrentar sua

Paixão (Mc 8, 32) Jesus responde: “Afasta-te de mim, Satanás”.

Sobre a facilidade com que Jesus transita pelos fatores (opostos) J e P, fala-nos Goldsmith (pp. 102 e ss.):

When considering the Judging function [fator J] we are reminded of the need for closure, of the value of tradition and authority, of order and reliability, of trust and faithfulness—all aspects which can be found in the ministry and life of Jesus. In Mark’s Gospel he bursts onto the scene with a sense of urgency and purpose: “The time has come, the kingdom of God is near. Repent and believe the good news!” Jesus is conscious of a tradition, and sees himself continuing the ministry of John the Baptist. He goes back much further, to Elijah and, as the new lawgiver, he continues the work of Moses the old lawgiver. Matthew’s Gospel is particularly concerned to show how Jesus saw himself within a particular tradition. He was a loyal and dependable friend, someone to turn to when in distress or afraid. Asleep in a boat when the weather turned stormy, the disciples woke Jesus up and looked to him to help them cope with a frightening situation. He was a man who had authority, an inner authority of his own, not like the authority of the scribes and Pharisees, and people listened to him and acted on his word. “Just say the word, and my

daughter will be healed.” He was a man who inspired confidence and trust, and people marveled at his words. He took responsibility for his actions, and he took upon himself the burdens and sins of others. There was clearly a great deal of J in his character. But once again, that is not the whole story. Jesus was able to keep his options open. He seemed free to wander around the countryside, going where he wanted and seeming not to follow any clearly defined and specific pattern or route. He mixed with “undesirables,” he was not prepared to take people as others found them, he would make his own decision. When he was criticized for picking corn on the sabbath he replied that the sabbath was made for man and not the other way round. Although he had a mission and was committed to it with a sense of urgency, he could also relax; he could spend time with his friends and be deflected by people or circumstances. The little incident with the Canaanite woman is a good example of how he was open to new insight and was prepared to alter his perspective. The woman comes to him for help and the disciples want to turn her away. Jesus seems to agree with them, saying that he was sent only to the lost sheep of Israel, but the woman persists and kneels before him. Jesus tells her that it is not right to take children’s bread and throw it to the dogs (hardly the conversation of an F!), but she counters that

even the dogs eat the crumbs that fall from their master's table. Jesus is prepared to change his mind, and he replies, "Woman, you have great faith! Your request is granted." The woman's daughter was healed "from that very hour." That is the response of a person who is a P in terms of personality characteristics.

Jesus mostra uma personalidade que harmoniza os contrários: pode apresentar a impulsividade de um SP, a observância da lei de um SJ, a mais densa interioridade de um NF, o *logos* de um NT. Se os fatores de Keirsey são, frequentemente, fonte de viés preconceituoso no modo de ver e julgar o mundo e o outro; nEle, mostram-se integrados na vida e na missão, na harmonia de uma fascinante personalidade: a da realização, ao máximo – *Ecce Homo!* – de humanidade.

Convenit Internacional 11 janeiro-abril 2013
CEMOrc-Feusp / IJI - Univ. do Porto

[Uma das contribuições deste artigo é oferecer ao leitor o *Sorter*, o questionário original de DK (e sua tradução), bem como a detalhada caracterização dos 8 tipos S (os 4 SP e 4 SJ), que na época constavam do site oficial de DK, <https://www.keirsey.com/>, e que hoje foram suprimidas]

Reflexões sobre o teste de Keirsey: traduzir ou comentar?

Affonso Correa Taciro Junior⁵⁴
Jean Lauand

Resumo: Este artigo pretende descrever algumas observações, experiências e reflexões empíricas obtidas a partir da aplicação do teste de Keirsey, com uma adaptação do teste original em inglês para uma tradução para a língua portuguesa do Brasil. Discute também o teste comentário como alternativa para o teste em questionário.

I. Traduzindo o teste para o português do Brasil

O objetivo deste artigo é descrever algumas observações, experiências e reflexões empíricas a partir da aplicação do teste de Keirsey, com uma adaptação do teste original em inglês para uma tradução para a língua portuguesa do Brasil⁵⁵. Discute também, em uma segunda parte a alternativa de um comentário para os fatores/tipos em vez do questionário tradicional⁵⁶.

⁵⁴. Bacharel em Estatística pelo Imesp. Mestrado Profissional em Matemática Aplicada a Finanças – Imesp/Feusp. Professor convidado do Curso de Pós Graduação em Gestão e Negócios FMU. O conteúdo e opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente as instituições que o autores representam.

⁵⁵. Iniciativa de ACTJr.

⁵⁶. Iniciativa de JL.

O teste de Keirsey foi apresentado pelo psicólogo David Keirsey em seus livros Keirsey (1984) “Please Understand Me” e Kersey (1988) “Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence”. O teste baseia-se em um evolução dos estudos sobre temperamento, que se consubstanciaram antes no Myers-Brigs Type Indicator, a partir do livro de Carl Jung – “Psychological Types” da década de 1920. Ao analisar o teste proposto, a partir de algumas poucas experiências obtidas da tradução do teste do inglês para o português brasileiro, fez-nos notar algumas reflexões que serão apresentadas a seguir.

Uma primeira apresentação dos fatores e tipos de Keirsey, nos é oferecida por J. S. Lauand (2012, pp. 15 e ss):

Penso que o melhor modo de apresentar a visão keirseiana de temperamento é por meio de uma comparação: o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição – em nível original e superior – da união de dois “átomos” de preferências básicas. Para DK os temperamentos se configuram, assim, como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas.

Começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (Sensible ou iNtuition): S é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. (...)

Uma vez estabelecida essa primeira distinção (S/N), se a preferência for S, o tipo de temperamento se complementa com a união

com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis temperamentos: SP e SJ.

P é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos-padrão, rotinas, esquemas e prazos; já a preferência J é pelos procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas, prazos etc. (...) Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos, assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal e sensível (F de *Feeling*) em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*). [o quarto par é I / E – Introversão / Extroversão].

O teste é apresentado em inglês com o nome “The Keirsey Temperament Sorter II”, disponível em (inglês e espanhol latino americano) no site oficial de Keirsey <http://www.keirsey.com/sorter/register.aspx> (ao longo deste artigo citaremos pela ordem das questões apresentada em Keirsey, 1988, pp. 4 e ss.). O teste consiste em um questionário de 70 perguntas que descrevem situações ou preferências com duas respostas possíveis. O teste proposto deve ser respondido escolhendo-se entre respostas (a) e (b). A soma das respostas (a) e (b) de cada grupo de perguntas determina cada uma das letras, que indicam as quatro preferências “atômicas”; que, em especiais uniões, constituirão os 4 temperamentos “moleculares” e os 16 tipos mais completos.

O teste está estruturado do seguinte modo:

10 questões para E – Extroversão/ I – Introversão;

20 questões para S – *Sensible* / N – *iNtuition*;

20 questões para T – Razão / F – Emoção

20 questões para J – *Judgement* / P – *Perception*

(preferimos *Judgement*, *Perception* e *Sensible* no original, pois as traduções poderiam desorientar o leitor)

A tradução do questionário deve levar em consideração o propósito do mesmo, a língua em questão e o contexto cultural do país e região, onde o mesmo está sendo aplicado. Isto é necessário, pois a simples tradução do questionário proposto pode levar a questões fora do contexto cultural do país.

Como no seguinte exemplo.

Em inglês:

25 – In a heated discussion, do you:

a - look for common ground b- Stick to your guns

Em espanhol – latino americano

En una discusión,

a- Se mantiene firme en sua postura b- busca un
punto de acuerdo

Em português do Brasil:

Em uma discussão acalorada,

a- Se mantém firme em sua posição b- procura um
comum acordo

É possível observar nas três línguas que as expressões se alteram em virtude do entendimento que existe para o

falante e as expressões utilizadas para cada uma das situações. Observa-se que a expressão “*Stick to your guns*”, se traduzida literalmente seria “Colar em seus canhões”, o que não “traduz” de fato o objetivo que se quer com a pergunta feita: saber como a pessoa reage durante uma discussão acalorada. A tradução adequada para esta frase seria, “se manter firme em sua posição” ou algo equivalente.

A principal motivação para traduzir não já para o português, mas para o “brasileiro”, é que o teste – e Keirsey em geral – vale-se frequentemente de expressões da linguagem comum, coloquiais e até de gíria.

Esta tradução requer uma análise de qual é o objetivo da questão, assim como, qual é a melhor expressão que vai capturar o que se deseja.

Vejamos (sempre em tradução de ACTJr) questões e respostas para capturar (E) - Extroversão e (I) – Introversão, onde as respostas (a) são para a extroversão e as respostas (b) para introversão:

1 – When the phone rings do you / Quando o telefone toca você:

(a) Hurry to get it first / corre e atende primeiro

(b) Hope someone else will answer / espera alguém atender

8 – Waiting in line, do you often / Aguardando na fila, você muitas vezes:

(a) Chat with others / conversa com outros

(b) Stick to business / fica na sua

15 – At a party, do you / Em uma festa, você:

- (a) Interact with many, even strangers / interage com muitos, até estranhos
- (b) Interact with a few friends / interage somente com amigos

22 – Does interacting with strangers / Interagir com estranhos faz você

- (a) Energize you / estimular-se
- (b) Tax your reserves / esgotar suas energias

29 – Do you tend to / Você normalmente

- (a) Say right out what's on your mind / diz o que vem a sua cabeça
- (b) Keep your ears open / ouve mais

36 – Do you think of yourself as / Você se acha uma pessoa:

- (a) An outgoing person / extrovertida
- (b) A private person / reservada

43 - Are you the kind of person who/ Você é do tipo de pessoa que:

- (a) Is rather talkative / é muito comunicativa
- (b) Doesn't miss much / não se perde muito

50 – At work do you tend to / No trabalho, você tende

- (a) Be sociable with your colleagues / ser sociável com seus colegas
- (b) Keep more to yourself / ficar mais em si mesmo

57 – Do you consider yourself / Você se considera

- (a) A good conversationalist / bom conversador
- (b) A good listener / um bom ouvinte

64 – Are you inclined to be / Você é inclinado a

- (a) Easy to approach / uma abordagem amigável
- (b) somewhat reserved / uma atitude reservada

Questões e respostas para capturar (S) – “Sensible” e (N) – “Intuition”, onde as respostas (a) são para S e as respostas (b) são para N:

2 – Are you more / Você é mais

(a) Observant than introspective / Observador que introspectivo

(b) Introspective than observant / Introspectivo que observador

3 – Is it worse to / É pior

(a) Have your head in the clouds / Ter a cabeça nas nuvens ou na lua

(b) Be in a rut / ter os pés no chão

9 – Are you more / Você é mais

(a) Sensible than ideational / realista do que idealista

(b) Ideational than sensible / Idealista do que realista

10 – Are you more interested / Você é mais interessado em

(a) What is actual / o que é real

(b) what is possible / o que é possível

16 – Do you tend to be more / Você tende ser mais

(a) Factual than speculative / factual do que especulativo

(b) Speculative than factual / especulativo do que factual

17 – Do you like writers who / Você gosta de escritores que

(a) Say what they mean / dizem o que eles pensam

(b) Use metaphors and symbolism / usam metáforas e simbolismos

23 – Facts / Fatos

- (a) Speak for themselves / falam por si só
- (b) Illustrate principles / ilustram princípios

24 – Do you find visionaries and theorists / Você acha visionários e teóricos

- (a) Somewhat annoying / uns chatos
- (b) Rather fascinating / fascinantes

30 – Common sense is / Senso comum é

- (a) Usually reliable / usualmente confiável
- (b) Frequently questionable / frequentemente questionável

31 – Children often do not / Crianças muitas vezes não

- (a) Make themselves useful enough / não são suficientemente úteis (segundo a tradução espanhola do site de Keirse)
- (b) Exercise their fantasy enough / exercitam suas fantasias

37 – Are you more frequently / Frequentemente, você é

- (a) A practical sort of person / uma pessoa prática
- (b) A fanciful sort of person / uma pessoa detalhista

38 – Do you speak more in / Você fala mais em

- (a) Particulars than generalities / particularidades que generalidades
- (b) Generalities than particulars / generalidades que particularidades

44 – Are you inclined to take what is said / Você é inclinado a tomar o que é ditto:

- (a) More literally / mais literalmente
- (b) More figuratively / mais figurativamente

45 – Do you more often see / Frequentemente, você vê

- (a) What's right in front of you / logo o que está a sua frente
- (b) What can only be imagined / o que pode ser imaginado

51 – Are you more likely to trust / você é mais propenso a confiar

(a) Your experiences / em suas experiências

(b) Your conceptions / suas concepções

52 – Are you more inclined to feel / Você é mais inclinado a sentir

(a) Down to earth / pés no chão

(b) somewhat removed / com a cabeça “viajando”

58 – Do you prize in yourself / Você aprecia em si mesmo

(a) a strong hold on reality / um grande sentido de realidade

(b) a vivid imagination / uma imaginação vívida

59 – Are you drawn more to / Você é mais atraído por

(a) fundamentals / fundamentos

(b) overtones / nuances

65 – In stories do you prefer / Em histórias

(a) action and adventure / ação e aventura

(b) fantasy and heroism / fantasia e heroísmo

66 – Is it easier for you to / É mais fácil para você

(a) put others to good use / fazer com que os outros sejam úteis

(b) identify with others / identificar-se com os demais

Questões e respostas para capturar (T) – Thinking – Razão ou (F) – Feeling – Emoção, onde as respostas (a)’s são para “Razão” e as respostas (b)’s são para Emoção:

4 – With people are you usually more / Com as pessoas você geralmente é mais

(a) firm than gentile / firme que gentil

(b) gentile than firm / gentil que firme

5 – Are you more comfortable in making / Você fica mais confortável em:

- (a) critical judgments / julgamentos críticos
- (b) value judgements / julgamento de valores

11 – In making up your mind are you more likely to go by / Em pensamentos, você pensa mais

- (a) data / dados
- (b) desires / desejos

12 – In sizing up others do you tend to be / Na avaliação dos outros você tende a ser

- (a) objective and impersonal / objetivo e impessoal
- (b) friendly and personal / amigável e pessoal

18 - Which appeals to you more / O que mais agrada você:

- (a) consistency of thought / coerência dos pensamentos
- (b) harmonious relationships / relacionamento harmonioso

19 – If you must disappoint someone are you usually / Se você deve decepcionar alguém usualmente é por você ser:

- (a) frank and straightforward / franco e direto
- (b) warm and considerate / caloroso e atencioso

25 – In a heated discussion, do you / Em uma discussão acalorada você

- (a) stick your guns / se mantém firme em sua posição
- (b) look for common ground / procura um comum acordo

26 – Is it better to be / É melhor ser

- (a) just / justo
- (b) merciful / misericordioso

32 – When in charge of others do you tend to be / Quando você está no comando de outros, você é

- (a) firm and unbending / firme e inflexível

(b) forgiving and lenient / perdoador e compreensível

33 – Are you more often / Você é mais frequentemente

(a) a cool-headed person / uma pessoa fria e racional

(b) a warm-hearted person / uma pessoa calorosa

39 – Which is more of a compliment: / O que é mais que um elogio para você:

(a) “There’s a logical person” / Essa pessoa é lógica

(b) “There’s a sentimental person” / Esta é uma pessoa sentimental

40 – Which rules you more / Você segue:

(a) Your thoughts / Seus pensamentos

(b) Your feelings / Seus sentimentos

46 – Is it worse to be / É pior ser

(a) a softy / coração mole

(b) hard-nosed / durão

47 – In trying circumstances are you sometimes / Em circunstâncias difíceis você é,

(a) too unsympathetic / demasiado inflexível

(b) too sympathetic / demasiado compreensível

53 – Do you think of yourself as a / Você pensa em você mesmo como,

(a) tough-minded person / cabeça dura

(b) tender-hearted person / coração mole

54 – Do you value in yourself more that you are / Você dá mais valor em você em ser

(a) reasonable / racional

(b) devoted / dedicado

60 – Which seems the greater fault: / O que parece ser maior falha

- (a) to be too compassionate / muito compassivo
- (b) to be too dispassionate / ser muito frio

61 – Are you swayed more by / Você é seduzido mais por

- (a) convincing evidence / evidência convincente
- (b) a touching appeal / um apelo comovente

67 – Which do you wish more for yourself / O que você deseja mais para si mesmo

- (a) strength of will / força de vontade
- (b) strength of emotion / força emotiva

68 – Do you see yourself as basically / Você se vê como uma pessoa

- (a) thick-skinned / não suscetível
- (b) thin-skinned / suscetível

Questões e respostas para capturar (J) – Judging/Scheduling – e (P) – Perceiving/Probing, onde as respostas (a) são para J e as (b) são para P:

6 – Is clutter in the workplace something you / A desordem no local de trabalho é algo que você

- (a) take time to straighten up / dedica o tempo que for preciso para organizar
- (b) tolerate pretty well / tolera muito bem

7 – Is it your way to / É próprio da sua personalidade

- (a) make up your mind quickly / decidir-se rapidamente
- (b) pick and choose at some length / leva um certo tempo para escolher e decidir.

13 – Do you prefer contracts to be / Você prefere que os contratos sejam

- (a) signed, sealed, and delivered / assinados, selados e entregues

(b) settled on a handshake / estabelecidos com um aperto de mão

14 – Are you more satisfied having / Você está mais satisfeito tendo

(a) a finished product / produto acabado

(b) work in progress / um trabalho em andamento

20 – On the job do you want your activities / No trabalho você quer suas atividades

(a) scheduled / agendado

(b) unscheduled / não agendado

21 – Do you more often prefer / Você prefere com mais frequência

(a) final, unalterable statements / exposições finais inalteráveis

(b) tentative, preliminary statements / exposições preliminares flexíveis

27 – At work, is it more natural for you to / No trabalho é mais natural para você

(a) point out mistakes / apontar erros

(b) try to please others / tentar agradar os outros

28 – Are you more comfortable / Você está mais confortável

(a) after a decision / depois de uma decisão

(b) before a decision / antes de uma decisão

34 – Are you prone to / Você está propenso a

(a) nailing things down / concretizar as coisas

(b) exploring the possibilities / explorar as possibilidades

35 – In most situations are you more / Na maioria das situações você é mais

(a) deliberate than spontaneous / deliberativo do que espontâneo

(b) spontaneous than deliberate / espontâneo do que deliberativo

41 – When finishing a job, do you like to / Quando termina um trabalho você gosta de

(a) tie up all the loose ends / amarrar todas as pontas soltas

(b) move on to something else / passar para outra tarefa

42- Do you prefer to work / Você prefere trabalhar

(a) to deadlines / com prazos

(b) just whenever / somente quando quiser

48 – Do you tend to choose / Você tende a escolher

(a) rather carefully / com bastante cuidado

(b) somewhat impulsively / impulsivamente

49 – Are you inclined to be more / Você está inclinado a ser mais

(a) hurried than leisurely / apressado do que vagaroso

(b) leisurely than hurried / vagaroso do que apressado

55 - Do you usually want things / Você geralmente quer as coisas

(a) settled and decided / resolvidas e decididas

(b) just penciled in / apenas indicadas

56 – Would you say you are more / Você diria que você é mais

(a) serious and determined / sério e determinado

(b) easy going / de fácil trato e vai levando a vida

62 – Do you feel better about / Você se sente melhor

(a) coming to closure / chegando a conclusão

(b) keeping your options open / mantendo suas opções abertas

63 – Is it preferable mostly to / É preferível

(a) make sure things are arranged / certificar-se que as coisas estão organizadas

(b) just let things happen naturally / deixar as coisas acontecerem naturalmente

69 – Do you tend to notice / Você tende a perceber

(a) disorderliness / desordem

(b) opportunities for change / oportunidades para mudar

70 – Are you more / Você é uma pessoa mais

(a) routinized than whimsical / rotineira do que caprichosa

(b) whimsical than routinized / caprichosa do que rotineira

Aplicação

O questionário traduzido foi aplicado em um grupo de 50 pessoas com o objetivo de observar qual a frequência das respostas e classificação dos indivíduos em agrupamentos para efeitos de observação em sala de aula e em uma equipe de profissionais.

Ao aplicar o questionário, ocorreram alguns “empates” na determinação das letras. Isto é, houve um número de respostas iguais na determinação das letras. Ao aplicar 50 questionários, o objetivo inicial pressupunha ter 50 das 16 possíveis combinações dos temperamentos. Cada um deles é composto por quatro letras, logo tem-se que $4 \times 50 = 200$ possibilidades das “letras”. Observou-se uma frequência de aproximadamente 5%-10% de empates na hora de determinar a escolha das letras.

Quando da ocorrência dos empates os indivíduos questionaram como deveriam desempatar. A técnica usada

foi explicar para os indivíduos os comportamentos esperados para cada um dos tipos. Após esta apresentação, os indivíduos conseguiam localizar-se no conceito e finalizar o exercício.

Este episódio trouxe-nos a reflexão por qual motivo isto ocorreu. Nesta reflexão levantou-se algumas hipóteses:

1°. A estrutura do questionário pode estar com problemas e requerer perguntas adicionais para rebalancear os quesitos;

2°. É pouco provável que características como Intuição possam ser traduzidas em poucas questões.

3°. Há falta de relevância estatística na contagem das respostas para cada uma das características.

A aplicação do Teste de Keirsey requer alguns ajustes e cuidados, pois, a tradução requer o entendimento da linguagem e da cultura de onde o teste é aplicado.

Adicionalmente, são necessários aperfeiçoamentos, pois a aplicação do questionário trouxe inconsistências, eventualmente não somente por fragilidade da linguagem/cultura, mas também de sua estrutura de construção, no qual as questões não estão totalmente balanceadas.

Por isso, sugere-se que seja adicionado um texto ou uma explicação oral para exemplificar melhor os diferentes temperamentos e sua identificação no teste, mas isto já é tema da segunda parte desse artigo.

II. Uma alternativa para o teste questionário

Independentemente das dificuldades apontadas na parte I, o teste em forma de questionário apresenta um ponto fraco especial: a formulação de questões que identifiquem o fator N, no par S / N. As coisas se complicam quando nos damos conta de que a oposição S / N é a central para a definição dos 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. Na verdade, não se trata só de uma dificuldade do questionário, mas da dificuldade de compreensão da preferência N. Enquanto os fatores I/E; J/P e F/T são de relativa fácil compreensão, o par S/N pode levar a equívocos e sendo o primeiro passo para a caracterização dos tipos, pode comprometer toda a análise: qual o brasileiro, por mais realista S que seja, não se considera “intuitivo”? Não se trata só de tradução, mas o próprio teste de Keirsey nem sempre é de fácil compreensão: o que significa, por exemplo, a questão 31: Children often do not (a) Make themselves useful enough (b) Exercise their fantasy enough?

E ao ser perguntado:

- 65 – In stories do you prefer / Em estórias
(a) action and adventure /ação e aventura
(b) fantasy and heroism / fantasia e heroísmo

o entrevistado pode muito bem considerar “ação e aventura” como não incompatíveis com “heroísmo”...

No final do ano passado, eu (JL) apliquei o teste de Keirsey, com extraordinário êxito, para meus 30 alunos de graduação em filosofia na Umesp. Em vez do questionário, uma breve exposição sobre os fatores (em divertido diálogo com a turma: “Quem aqui é a mais extrovertida da classe?” etc.) seguida de um confronto de cada um com os perfis

resumidos dos 8 tipos S (ver anexo), que constituem mais de 80% da população: ESFP, ISFP, ESTP, ISTP, ESFJ, ISFJ, ISTJ, ESTJ. A grande maioria se reconheceu no tipo que havia identificado para si durante a exposição.

Ao contrário do Sorter tradicional, o método da exposição por temas permite reforços quando a classe reclama maiores explicações, improvisações, caricaturas nítidas (com as devidas advertências) etc.

E a descontração do lúdico. Avisamos aos alunos (evidentemente, de brincadeira) que o professor havia tomado uns estimulantes etílicos para descontrair e que iria lhe permitir fazer piadas e empregar termos pouco convencionais nas explicações dos fatores e tipos. Estamos convencidos de que esse clima jocoso muito contribuiu para o sucesso da experiência.

Assim, ao explicar que o Introverso (I) sofre na interação com estranhos, enquanto o Extroverso (E) aprecia essa mesma interação, valemo-nos (entre outras) de divertidas situações de elevador, nas quais a diferença I x E torna-se clara.

Para o par F/ T, valemo-nos do contraste entre o presidente Lula e a presidente Dilma. [já recolhido neste livro, tal como o exemplo de Margareth Thatcher, já apresentado anteriormente – daí que suprimimos esses trechos] para ilustrar que o caso F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e

objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

A exposição é muito fácil para E / I; F / T; J /P. Quanto ao par S / N, optamos por introduzir outra importante inovação metodológica. Pareceu-nos melhor do que a insistência em identificar o fator atômico N, vê-lo realizado em suas duas possibilidades “moleculares” de temperamento: NT e NF (enfatizaremos este último, que é o grande problema de captação para os demais tipos).

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa “sensível”, mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que “se liga” mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para a essência. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos.

Vamos aos exemplos, um tanto caricatos. Quando éramos crianças, a avó dividiu uma barra de chocolate entre dois netinhos. Um deles reclamou: “- Ô vó, a metade dele é maior”. E o priminho N (NT), que não era parte interessada naquela partilha, reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: “- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a *parte* dele é maior, mas metades são sempre iguais”.

Outro priminho, acentuadamente N (NF) ao ouvir a canção infantil da época: “Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar seu sonho infantil / Ó meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil”, indagou: “- Por

que só do Brasil? Jesus não olha as crianças de outros países? Todas as crianças não têm os mesmos direitos?”

Outro exemplo caricato. Começa a chover. O NT talvez considere que não dominamos totalmente a meteorologia e fique se indagando quais são os fatores, as variáveis que intervêm nos fenômenos climáticos e fique concentrado em imaginar as equações que poderiam dar conta desse fenômeno e, também talvez, as possibilidades de aplicação de resultados para a agricultura etc.. O NF pode mergulhar em considerações nostálgicas sobre a infância distante ou em amores perdidos ou ficar pensando no caráter ambivalente da chuva – um bem para a humanidade, mas ao mesmo tempo um estorvo – e tomar a chuva como uma metáfora para os relacionamentos humanos... O SP, com um forte lado lúdico, pode se sentir convidado a brincar na chuva. E o SJ, com seu sentido de dever, é quem vai tirar a roupa do varal.

Enquanto os S preferem uma linguagem direta, concreta e denotativa, os N sentem-se mais à vontade expressando-se por metáforas; especialmente os NF (não esqueçamos que F é de feeling: sentimento) apreciam metáforas para expressar os sentimentos humanos; habitam o simbólico não os fatos. O próprio DK (1988, p. 120) exemplifica com a poeta Emily Dickinson:

Exultação é ir-se a alma
Do interior para o mar,
Passando casas – promontórios
– Até a vasta Eternidade –

Como nós, dentre montanhas,
Pode o marujo entender
A divina embriaguez
Que é o desligar-se da terra
Pela primeira vez?
(http://www.emilycecilia.com.br/fontes_new/poemas_ed_traduzidos_lucia.htm)

Tudo isto é *nonsense* do ponto de vista S, fator de realismo dos fatos. Vejamos o olhar NF da poeta NF Adélia Prado (1991 p.199), para algo extremamente material, a pedra: “De vez em quando Deus me tira a poesia / Olho pedra e vejo pedra mesmo”.

A mesma “complicação” N, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso poema de Drummond. Ou com a pedra de Sartre. De repente, como no início do romance *A náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em

mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar. (SARTRE, 2005 s/p).

Referências

Keirsey, David *Please Understand me II - Temperament, Character, Intelligence* Del Mar, Prometheus Nemesis, 1988.

Keirsey, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984.

Lauand, João Sérgio A teoria dos temperamentos de Keirsey. **Notandum Libro** 16, São Paulo, Cemoroc-Feusp, 2012, pp. 15-19.

PRADO, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991.

SARTRE, J.-P., **A Náusea**: Lisboa, Europa-América, 2005
Acesso em 05-08-11 <http://pt.scribd.com/doc/7165292/Jean-Paul-Sartre-Nausea>

Apêndice

Nota metodológica: tipos não são conceitos

Para esta série de artigos que nosso Grupo de Pesquisas está publicando, uma distinção importante a se ter sempre em conta quando aplicamos a metodologia dos tipos é que os tipos não são conceitos.

O tipo é, assumidamente, aproximativo, incerto e não pretende ser a realidade. Para utilizá-lo, sempre devem ser reiteradas as devidas ressalvas metodológicas, que afirmam:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir **tipos** e **conceitos**. E ter em conta que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores:

gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 300 ou 400 dólares”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

O próprio Max Weber adverte:

Um tipo ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas”

(WEBER, Max. “As rejeições religiosas do mundo e suas direções” cit. in Quintaneiro 2003, p. 103):

E um parágrafo weberiano clássico na caracterização do Tipo Ideal:

acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e como uma síntese de um grande número de fenômenos concretos individuais, que são difusos, descontínuos, mais ou menos presentes ou então ocasionalmente ausentes, que são ordenados de acordo com esses pontos de vista acentuados unilateralmente, de modo a formar-se uma construção analítica unificada” (cit. por Barreto 1999)

Essas afirmações são importantes e têm consequências: há situações que requerem a condição aberta dos tipos; em outras pode-se fechar com conceitos bem estabelecidos. Claramente, em Matemática, há, digamos, o conceito de triângulo retângulo e é rígido e imutável; em outras ciências, podemos também falar do conceito de mamífero, ou de isótopo etc. O problema surge em situações (como é o caso tantas vezes em Ciências Humanas) nas quais não fica claro se se trata de um conceito ou de um tipo, o que é frequentemente discutido em Direito e deve sê-lo também em Religião.

No Direito, discute-se a aplicabilidade de tipos (x conceitos). Derzi assim considera as diferenças entre tipo e conceito:

Opondo-se ao nominalismo, que vê na desigualdade a característica básica do mundo real, o conceito, no sentido aristotélico de “essência” da coisa, une os objetos em classe pela identidade e distingue-os segundo a diferença de espécie, mas sempre tem como pressuposto a ideia de que o conceito mais específico e menos geral estará contido naquele superior e mais amplo da mesma classe.

Igualmente, o tipo ordena o conhecimento segundo as semelhanças e dissemelhanças encontráveis nos indivíduos, mas abole o rigor da identidade e admite as transições fluidas, a comparação e a gradação entre as diferentes ordens. (Derzi, pp. 214-215)

E também:

O tipo, como uma nova metodologia para o Direito, vem a ser uma ordem que se opõe ao conceito classificatório rígido e exato. Consiste em uma nova metodologia que vem proposta tanto para ordenar o conhecimento jurídico científico, como para aplicar o Direito em cada caso concreto. Em face dessa concepção, o pensamento conceitual abstrato e fechado,

como observa Leenen, é considerado arcaico, vale dizer, tanto antiquado, a merecer uma superação, como originário. (Derzi, pp. 221-222)

Mesmo para o Direito Tributário, Castro alerta para casos nos quais há a necessidade do emprego de tipos e em que os conceitos não são apropriados:

Limitar o fenômeno tributário aos conceitos significa condenar a atividade tributária a uma miopia inaceitável, considerando a necessidade de financiamento das despesas públicas por intermédio de novas manifestações econômicas que demonstram, de forma inequívoca, capacidade contributiva. Por outro lado, o tipo mostra-se como “um sistema elástico de características”, marcado pela abertura, pela gradação, pela flexibilidade e facilitador ou viabilizador da apreensão dos fenômenos econômicos mais importantes para a tributação, justamente aqueles descritos pelo constituinte. Nesse rumo, o tipo funciona como uma *categoria* alternativa ao conceito e visceralmente mais adequada para lidar com as flutuações intensas da realidade econômica. Portanto, os vocábulos constitucionais delimitadores da realidade econômica tributável são, em verdade, tipos.

Erroneamente, o tipo foi introduzido no direito tributário brasileiro com o sentido de algo “fechado” ou “hermético”. Daí surgiram as expressões “tipo tributário” e “princípio da tipicidade fechada ou cerrada”. Em verdade, o “tipo fechado” mostra-se como uma contradição em termos. Se é tipo é aberto. Se é fechado é conceito. Não existe o “tipo fechado”, assim como não existem o “frio quente” ou o “branco preto”. (Castro 2011)

E foca no caso de “serviços” (e as correspondentes consequências tributárias...):

Entre os vários tipos constitucionais-tributários, o *serviço* aparece como um dos mais ricos e complexos. Justamente porque as mudanças no campo econômico produziram um considerável alargamento do que se entende por *serviço*, adotada como ponto de partida a ideia de *serviço* como “obrigação de fazer” ou “atividade humana em benefício alheio”.

O sentido do vocábulo absorveu de tal forma a complexidade da realidade econômica e a representação de uma gama tão ampla de atividades que a famosa revista *The Economist* chegou a consignar *serviço* como “*qualquer coisa vendida que não cai em seus pés*”. [...] A noção em questão, vista como tipo, pode ser atualmente enunciada, somente para efeitos

práticos, como “a realização de atividade econômica voltada para produzir alguma utilidade para terceiro”. Assim, não escapa da caracterização como *serviço* a locação de bens móveis.

Evidentemente no campo das interpretações religiosas e da moral cristã, também se dá o embate entre a “clareza” dos conceitos e a adaptabilidade dos tipos. Quando o pastor Silas Malafaia esbraveja suas certezas, defende-se das acusações de homofobia e *preconceito* contra gays: “eu não acho, eu tenho **conceitos** bíblicos (...) eu não tenho preconceitos; eu tenho conceitos firmados” e “Deixa eu te falar uma coisa que você não sabe (...) O mesmo Deus que fala sobre amor lança o homem no inferno [etc.]” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU> – 2 min e ss.)

Do mesmo modo, o então candidato a assumir o lugar do falecido Teori Zavascki no STF, o ministro do TST Ives Gandra Filho, provocou polêmica ao evocar o conceito de família e afirmar: “casais homoafetivos não devem ter os mesmos direitos dos heterossexuais; isso deturpa o conceito de família”. (<https://www.revistaforum.com.br/cotado-para-stf-ives-gandra-filho-defende-submissao-da-mulher-ao-marido/>)

Sem pretender relativizar a doutrina e a moral cristãs, lembramos o fato de que Cristo não elaborou conceitos. Se o pensamento grego tem seu lugar no *logos*, nos conceitos e na argumentação lógica; o *mashal*, a parábola é “a cara” do

Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Referências

Barreto, Maria Cristina Rocha **A Sociologia em Max Weber**
Mossoró: DCS/URRN, 1999.
<https://dokumen.tips/documents/leituras-de-sociologia-3-weber.html>

Castro, Aldemario Araujo “Uma análise crítica acerca da ideia de serviço consagrada na súmula vinculante 21 do STF”
Revista da PGFN, ano 1 número 1, jan/jun. 2011.
<http://www.sinprofaz.org.br/2014/artigos/uma-analise-critica-acerca-da-ideia-de-servico-consagrada-na-sumula-vinculante-21-do-stf>

Derzi, Misabel de Abreu Machado “Tipo ou conceito no Direito Tributário?”
Revista da Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte: UFMG, No. 30-31, 1988.
<https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/1046/979>

Quintaneiro, Tania; et al. **Um toque de clássicos : Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

Trad. de JL originalmente em:
Revista Internacional d'Humanitats 46/47 mai-dez 2019
CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona
e para os NT:
Convenit Internacional 29 jan-abr 2019
Cemoroc-Feusp / LJI - Univ. do Porto

Anexo I

Brincando com os tipos de DK

Brincando, brincando vão-se dizendo as verdades. Muitas das clássicas piadas (anônimas) de “trocar a lâmpada” ou de “por que a galinha atravessou a rua?” circulam na Internet sobre os tipos de DK. Seleccionamos, traduzimos e adaptamos livremente algumas dessas (exceto as dos NT, de que não tratamos ainda em nossos artigos) e as oferecemos ao leitor.

Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?

ISTP – Um só e aproveitará para instalar um gato, que puxa energia por conta do vizinho.

ESTP – Nenhum. O ESTP olhará furtivamente para os lados para certificar-se de que ninguém tenha notado que foi ele, chutando bola, que quebrou a lâmpada. E então usará sua lábia para persuadir outro tipo a trocar a lâmpada.

ISFP – Em vez de trocar a lâmpada, acende uma vela: é mais romântico e o bruxulear da chama produz sombras expressivas em vez das sem graça da lâmpada...

ESFP – Dez. Um para trocar a lâmpada por um Globo Giratório Disco Ball e pelo menos outros nove para a festa depois.

ISTJ – Um, mas só se ele mesmo for um electricista profissional e com um histórico confiável de troca de lâmpadas. Se não, não haverá troca de lâmpada, pois estaria fora do padrão.

ESTJ – Manda um subordinado trocar. Se não houver um, ele mesmo pega uma lâmpada das duas caixas de reserva que ele tem.

ESFJ – Um, que trocará a lâmpada, arrumará a mesa de jantar, planejará a reunião da paróquia, limpará o banheiro, elaborará a lista de compras do supermercado para o mês que vem, colorirá com as cores de seu código o calendário do mês, reorganizará seu arquivo de pastas, tudo isso em menos de uma hora.

ISFJ – Um só e fará isso quando perceber que alguém necessita da luz dessa lâmpada.

ENFP – Vários. Como não têm lâmpadas de reserva, juntos irão entusiasmadamente para a loja que vende lâmpadas para escolher uma nova e bela lâmpada, (provavelmente vermelha ou ultravioleta...), mas no caminho decidem fazer uma lista de outras coisas de que precisam (leite, papel toalha etc.). Enquanto fazem a lista, notam que precisam regar as plantas e enquanto regam percebem que precisam de um ancinho e juntam esse item à lista. Na loja, compram tudo da lista (e muitas coisas mais) menos a lâmpada. Lembram-se no

caminho de volta de pelo menos dois amigos e vão parando para bater papo. Lembram-se também de que estão sem vinho e compram uma garrafa. Como já é quase hora do jantar, passam num drive through compram comida e, chegando em casa, abrem a comida e o vinho e percebem que esqueceram completamente da lâmpada...

ENFJ – Tantos quanto possível: todos devem crescer juntos na comunhão da troca da lâmpada.

INFP – Nenhum. Ele só notará depois de uma semana e depois de vários tropeções no escuro, mas se esquecerá uma e outra vez, perdido em seus pensamentos, devaneios e sonhos. Um amigo STJ (pensando: “fazer o que?”) trará uma de sua casa e trocará para ele. Em todo caso, o INFP fica triste pois conclui que a lâmpada o deixou porque ele não a amava. E guardará a lâmpada velha numa caixinha para o resto da vida, por conta da saudade.

INFJ – Ficaré refletindo se se trata de um sinal da escuridão dos tempos.

INTP – Dois. Mas só decidirão depois de longo debate para provar que a lâmpada não existe realmente nesta dimensão etc. Na prática, não ocorrerá a troca da lâmpada.

ENTJ – Fará a busca na Internet sobre o melhor custo benefício para a lâmpada e mandará o ESTJ comprar.

INTJ – Vai investigar exaustivamente a melhor opção de lâmpada e pesquisar a fundo todos os diversos tipos, criando uma planilha da eficiência de cada uma e considerando o upgrade para um diferente tipo.. e finalmente escolhe a ótima para seu caso. Mas como na loja não tem, ele compra uma que atenda às necessidades básicas e resolve não perder tanto tempo da próxima vez.

ENTP – Três. Mas eles antes vão construir uma lâmpada melhor. Com laser.

Por que a galinha atravessou a rua?

ESFP – Porque tinha uma festa do outro lado.

ISFP – Que bela imagem: galinha atravessando a rua ao pôr do sol!

ESTP – Eu tinha apostado no bolão que ela ia atravessar e, então, eu a convenci de que devia atravessar.

ISTP – Se não me afeta, não tô nem aí.

ISTJ – A galinha atravessou às 14:37 e a travessia durou 23 segundos. A razão pela qual ela fez isso não é importante.

ESFJ – Foram muitas semanas conversando com a família e amigas dela, para que a convencessem de que já era hora de ela atravessar.

ISFJ – Porque eu a ajudei, sem minha proteção a coitada poderia ser atropelada.

ESTJ – Porque era ilegal para galinhas permanecerem naquele lado da rua.

INFJ – Como você pode ser tão insensível a ponto de questionar os motivos de uma pobre inocente galinha?

INFP – Provavelmente ela estava infeliz consigo mesma e já que do outro lado da rua tinha uma energia positiva ela atravessou em busca da harmonia interior.

ENFP – Uma galinha atravessou a rua? É um sinal de que o mundo finalmente está se tornando um lugar melhor. Alegremo-nos!

ENFJ – Eu sempre acreditei que a galinha ia criar coragem para atravessar a rua; ela só precisava de um encorajamento caloroso.

ENTJ – Porque eu mandei!

ENTP – Imaginemos galinhas continuamente atravessando a rua. Dá para usar isso como uma fonte de energia renovável.

INTJ – Galinhas são burras.

INTP – Ah é? Eu nem vi, acho que estava distraído com alguma outra coisa...

Orações dos diversos tipos

ISTP – Senhor, ajuda-me a ter em conta os sentimentos das pessoas, mesmo que tudo isso seja mimimi e frescura deles.

ESTP – Senhor, dai-me paciência, JÁ, que eu não aguento esperar.

ISFP – Senhor, ajuda-me a não me compadecer tanto dos outros, tadinhos...

ESFP – Senhor, ajuda-me a levar as coisas a sério, especialmente festas e baladas.

ISTJ – Senhor, ajuda-me a não me estressar tanto com detalhes insignificantes, começando amanhã às 11:41h em ponto.

ESTJ – Senhor, ajuda-me a não controlar tudo. E se o Senhor precisar de alguma ajuda é só falar.

ISFJ - Senhor, ajuda-me a não deixar de ajudar ninguém que precise.

ESFJ – Senhor, ajuda-me a não deixar de saber nenhum detalhe da vida dos outros.

INFP - Senhor, ajuda-me a acabar tudo que eu estou começ...

ENFP – Senhor, ajuda-me a focar em uma coisa e não ficar que nem aquela borboleta linda que eu encontrei de manhã, quando estava indo para a escola, para aquela aula chata de física...

ENFJ – Senhor, ajuda-me a controlar essa enorme empatia, que decifra e se solidariza com cada um que cruza meu caminho.

INFJ – Senhor ajuda-me a não usar mais tantas metáforas, senão minha vida será um jogo de xadrez, no qual minhas ações são peças fora do tabuleiro e minha motivação, um rei sem proteção.

INTJ – Senhor, torne-me aberto para as ideias dos outros, por mais IDIOTAS que elas sejam.

ENTJ – Senhor, ajuda-me a diminuir o ritmo de trabalho e não atropelar tudo na minha vida além

INTP – Senhor, ajuda-me a ser mais independente, mas a meu modo.

ENTP – Senhor, ajuda-me a seguir no dia de hoje os padrões estabelecidos. Ou melhor, por uns poucos minutos.

Extraído do livro de Lauand, Jean (org.) “Uma introdução à tipologia de David Keirsey” São Paulo: Factash, 2018 e em diversos dos artigos recolhidos neste livro

Anexo II

Os 4 temperamentos e os 16 tipos segundo a forma do antigo original do site oficial de DK

Os 4 temperamentos na forma original do site de DK
(em <http://www.keirsey.com/> - trad. Michel Nahas Filho)

1. Retrato do tipo SJ (*Guardian*)

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ tem um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares, e trabalhadores.

- são companheiros fiéis, pais responsáveis, e líderes que trazem estabilização.
- tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
- valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.

Os SJ podem se divertir muito com seus amigos, mas são muito sérios em seus deveres e responsabilidades.

Orgulham-se de serem confiáveis e pessoas em quem se pode acreditar: se há um trabalho a ser feito, querem que se conte com eles para arregaçar as mangas e meter a mão na massa.

SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido. Provavelmente é por isso que respeitam costumes e tradições tão intensamente, pois acreditam que estes são padrões familiares a todos que ajudam a trazer estabilidade a esse mundo moderno e acelerado em suas mudanças.

Práticos e com o pé no chão, os SJ acreditam em seguir as regras e cooperar com os outros. Eles não se sentem confortáveis em “viajar” em seus pensamentos ou empreender novas rotas: trabalhar continuamente dentro do sistema é o seu método, porque a longo prazo fidelidade, disciplina, e trabalho em equipe traz resultados e assegura um trabalho feito corretamente. São meticulosos quanto a suas programações e têm um olhar aguçado quanto aos procedimentos corretos. São cautelosos em relação a mudanças, embora sejam conscientes que mudanças podem

ser saudáveis para uma instituição. É melhor ir devagar, eles dizem, e olhar bem antes de dar um salto. Os SJ perfazem de 40 a 45 por cento da população, o que é uma boa coisa, porque no final eles acabam fazendo todos os trabalhos indispensáveis, e normalmente não reconhecidos, com que o resto da população conta, mesmo que nem notem.

2. Retrato do tipo SP (*Artisan*)

Os SP são do tipo de temperamento com capacidade natural para sobressair em qualquer arte [Keirse os denomina *Artisans*], entretanto não só em belas artes (*fine arts*) como pintura e escultura, mas também nas artes de performance, como música, teatro ou dança, mas ainda nas “artes”: atlética, militar, política, mecânica e industrial, bem como na “arte” dos negócios.

Todos os [4 tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

Os SP estão à vontade com o mundo real de objetos sólidos que podem ser criados e manipulados, bem como em eventos “da vida real” que podem ser vividos aqui e agora. Os SP têm os sentidos muito aguçados e adoram trabalhos manuais. Eles estão confortáveis usando instrumentos e ferramentas, veículos de todos os tipos, e suas ações são normalmente dirigidas a levá-los aonde eles desejam ir, tão rapidamente quanto possível. Assim, são capazes de corajosamente tomarem caminhos que os outros podem achar exageradamente arriscados ou mesmo impossíveis, fazendo o que for necessário, seguindo regras, ou não, para atingirem seus objetivos. Esta atitude de “meter as caras” também dá aos SP um ar de vencedores e são considerados irresistivelmente charmosos com a família, amigos e colegas de trabalho.

Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã. Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará!

Existem muitos SP, talvez 30 ou 35 por cento da população, o que é bom, porque eles criam muito do belo, da graça da excitação que o resto de nós aproveitamos.

3. Retrato do tipo NF (*Idealist*)

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que eles podem ser - esta constante busca pelo auto conhecimento e auto desenvolvimento impulsiona sua imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
- orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
- tendem a ser dadivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
- são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.

Os NF “têm certeza” de que uma cooperação amigável é o melhor método para as pessoas atingirem seus

objetivos. Conflito e confrontação os transtornam porque colocam barreiras de ira entre as pessoas.

Sonham em criar relações pessoais carinhosas e harmoniosas e têm um talento especial em ajudar as pessoas a se relacionarem bem uns com os outros e a trabalhar juntos para o bem de todos. Esta harmonia interpessoal pode ser vista como um ideal romântico, mas, afinal, os NF são românticos incuráveis que preferem focar no que poderia ser, em lugar da realidade de fato.

O mundo real, o mundo prático, para os NF, é tão somente um ponto de partida; eles acreditam que a vida é cheia de possibilidades à espera de serem realizadas, enriquecida de sentidos clamando para serem compreendidos. Esta noção de uma dimensão mística ou espiritual da vida, não visível, ou não ainda realizada que só pode ser conhecida através da intuição, ou de um “salto de fé”, é muito mais importante para os NF do que o mundo de coisas materiais.

Altamente éticos em suas ações os NF se mantêm em um padrão rígido de integridade pessoal. Eles precisam ser verdadeiros, para si mesmos e para os outros, e por isso podem ser bem duros consigo mesmos quando são desonestos, ou falsos, ou insinceros. Mais frequentemente, no entanto, são a própria essência da gentileza. Particularmente em suas relações pessoais, os NF são indubitavelmente cheios de amor e boa vontade. Acreditam em se doar para ajudar aos outros. Eles cultivam poucas amizades, mas calorosas e significativas. Eles buscam uma comunicação/re-lação especial com seus filhos; no casamento eles procuram pela “alma gêmea”, alguém com quem eles podem conectar-se emocional e espiritualmente, compartilhando seus mais profundos sentimentos e seus complexos mundos interiores.

Os NF são relativamente raros, compondo não mais de 15 a 20 por cento da população. No entanto sua habilidade de inspirar pessoas com seu entusiasmo e seu idealismo, tem provocado uma influência muito além de seus números.

4. Retrato do tipo NT (*Rational*)

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- Tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos, e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- Orgulham-se de ser engenhosos, independentes, e determinados.
- São cônjuges razoáveis⁵⁷, pais individualizadores e líderes estratégicos.
- são ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

⁵⁷ *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirse dá aos NT o nome *rational*s).

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos. Eles estão interessados nas soluções mais eficientes possíveis, e ouvirão a qualquer um que tenha algo de útil para ensiná-los, enquanto ignoram qualquer autoridade ou procedimento habitual que desperdice tempo e recursos.

Os NT têm uma fome insaciável de alcançar seus objetivos e trabalharão sem descanso em qualquer projeto a que dedicarem suas mentes. Eles são rigorosamente lógicos e implacavelmente independentes quanto a seu pensamento – são de fato céticos em relação a quaisquer ideias pré-concebidas, inclusive as suas próprias – e acreditam que podem superar qualquer obstáculo com sua força de vontade. Frequentemente são vistos como frios e distantes, mas isso na realidade reflete a concentração em que estão absorvidos ao atacar o problema em que estão trabalhando. Seja projetando um arranha céu ou um experimento, desenvolvendo uma teoria ou a tecnologia de um protótipo, construindo uma aeronave, uma corporação, ou uma aliança estratégica, os NT valorizam a inteligência, em si mesmos e nos outros; eles se orgulham da engenhosidade com que contribuem para a resolução de problemas.

Os NT são bastante raros, constituindo os poucos 5 a 10 por cento da população. No entanto por sua atração e entusiasmo em destravar os segredos da natureza, e em desenvolver novas tecnologias, eles fizeram e fazem muito em termos de moldar o mundo em que vivemos.

Os 16 tipos na forma original do site de DK 297

1. Os quatro tipos SP

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Jean Lauand)

1.1 ESFP (*Performer*)

- ≥ 10 % da pop. Performers têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ESFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vívidos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a

tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

1.2 ISTP (*Crafters*)

- ≤ 10 % da pop. A natureza dos ISTPs se mostra mais em seu exímio domínio de ferramentas, equipamentos, máquinas e instrumentos de todo tipo. Desde pequenos são atraídos magneticamente por ferramentas: elas vêm às suas mãos pedindo para serem usadas. Como todos os SP, ISTPs amam a ação, e intuem instintivamente que ela será mais agradável e eficaz se feita por impulso, espontaneamente, sem estar sujeita a esquemas ou padrões pré-estabelecidos. Em certo sentido, os ISTP não trabalham com suas ferramentas, mas brincam com elas, quando bate o impulso. Também buscam diversão e jogos no impulso, procurando ocasião de usar seus “brinquedos”, que podem ser carros, motos, rifles de caça, apetrechos de pesca, e mergulho etc. Buscam excitação, especialmente em corridas de carro, esqui aquático, surfe etc. Destemidos nesse seu “brincar”, expõem-se ao perigo uma e outra vez, apesar dos frequentes ferimentos. Não é fácil conhecer os ISTPs: talvez porque tendam a se comunicar com ação e não se interessem por desenvolver habilidades verbais. Essa falta de comunicação

pode deixá-los isolados na escola ou no trabalho e mesmo que se enturmem com os de seu tipo, sua conversa é escassa. Podem ser muito generosos e leais aos amigos e colegas, abdicando de seus fins de semana e tempo livre para consertos e projetos, trabalhando em carros e botes. Por outro lado, podem ser ousadamente insubordinados para com a autoridade, desprezando regras e regulamentos, que, para ele, são uma complicação desnecessária. Não que se insurjam abertamente contra os regulamentos, simplesmente os ignoram. Mais do que tudo, prezam a liberdade para sua ação e sentem-se orgulhosos dessa sua capacidade “artística”.

1.3 ISFP (*Composer*)

- ≤ 10 % da pop. Mais do que os outros SP, os ISFP estão em sintonia com em seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Os ISFP pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos ou seja lá o que for como um imperativo. Essa capacidade de se perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns ISFP e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável. ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços até com animais, mesmo animais

selvagens. Muitos ISFP sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da inexplorada. Os ISFP são muito difíceis de serem observados e são mal interpretados. A dificuldade geralmente procede de sua tendência a não se expressarem verbalmente, mas por meio de sua arte. Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc. Sim, querem partilhar sua visão de mundo, desde que achem algum meio não verbal, artístico e só aí, então, revelam seu caráter.

1.4 ESTP (*Promoters*)

- ≥ 10 % da pop. Gente de ação, a vida nunca está parada ao redor deles. Quando o ESTP está presente, as coisas começam a acontecer: as luzes se acendem, a música toca, o jogo começa. Cheios de vida e divertidos, mesmo as situações mais banais parecem excitantes. Sempre buscam novas atividades e desafios. Ousados e otimistas assumem grandes riscos para obter o que querem. São os melhores administradores de problemas de emergência, grandes negociadores e podem ser grandes empreendedores de iniciativas. Os ESTP têm também um forte apetite pelas coisas finas da vida: a melhor comida, o melhor vinho, carros caros e roupas de grife. São sofisticados nos círculos sociais e conhecem muitíssimas pessoas pelo nome e sabem dizer a coisa certa para todos que encontram. Charmosos e populares, fazem a delícia dos amigos com seu infinito repertório de piadas e casos. Mas, ao mesmo tempo, são um certo mistério para os outros. Vivendo para o momento e para o imprevisto, raramente deixam alguém ganhar intimidade. Têm baixa tolerância para autoridade e compromisso e tendem a abandonar situações quando chega a hora de se

enquadrar ou tocar o segundo violino. Os ESFP sabem que o mais veloz fica sozinho, embora sua solidão não tenda a durar muito, pois sua ousadia e gosto por aventura tornam-no muito atraente para muitas pessoas.

2. Os quatro tipos SJ

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Jean Lauand)

2.1 ESTJ (*Supervisor*)

≥ 10 % da pop. Altamente ligado em instituições que estruturam a vida social e da comunidade: muitos ESTJ assumem cargos de responsabilidade na escola, igreja, associações de bairro, profissionais, cívicas... São generosos com seu tempo e energias e frequentemente pertencem a (e lideram) clubes de serviço, associações de ex-alunos etc. Valorizam hierarquias e cooperam com os superiores (e esperam cooperação dos subordinados); a hierarquia tem seus deveres (e também seus privilégios). Sentem-se à vontade em organizar esquemas, agendas, inventários de dados (às quais SP são avessos) e preferem fazer as coisas pelo “caminho das pedras”, por modos já avalizados pela experiência em vez de arriscar novos modos ou improvisação: são pés no chão, arroz-feijão, “time que está ganhando, não mexe”... e também esperam isso dos que estão sob sua “supervisão”: empregados, alunos, cônjuge, filhos. Sentem-se à vontade como avaliadores e, ao avaliar, tendem a julgar em termos do envolvimento da pessoa com os padrões e procedimentos estabelecidos. Têm uma enorme capacidade de trabalho, já manifesta desde a infância (na escola, por ex.) e respeitam os pais como figuras de autoridade. Desde crianças, costumam

ser os alunos modelo, responsáveis para com os professores, fazem todo o dever de casa pontualmente. Certinhos, fazem o que se espera deles, raramente questionam os professores, métodos de ensino, padrões e autoridades. E também na vida adulta com o trabalho e a família. Os ESTJ enfocam as relações humanas em bases tradicionais. Casamento e paternidade são sagrados, tendem a ter um amplo e duradouro círculo de amigos. Reuniões e cerimônias sociais têm muito significado para eles e aguardam com expectativa formaturas, casamentos e bodas, reuniões anuais da turma etc. Em situações sociais, sentem-se à vontade e conversam facilmente com todos, embora tenham uma certa tendência a formalismos. São o que são (“normais”) e as pessoas facilmente os identificam como tais.

2.2 ISTJ (*Inspector*)

≤ 10 % da pop. Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiões (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que todos fossem responsáveis como ele. Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu

zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é o discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.

2.3 ESFJ (*Provider*)

≥ 10 % da pop. Tomam sobre si a responsabilidade pela saúde e bem estar daqueles de quem cuidam, mas são também os mais sociáveis dos SJ: são eles que fomentam e mantêm instituições sociais como igrejas, clubes sociais, grupos cívicos etc. Aonde quer que vá, não poupa tempo e energias para que as necessidades dos outros estejam atendidas e aquelas funções sociais exerçam seu papel. São talentosos em fazer que seus ajudantes trabalhem em equipe e são incansáveis em sua atenção para detalhes em proporcionar bens e serviços. São grandes organizadores de bailes, banquetes, reuniões da turma, em grangear fundos para caridade etc. Incomparáveis mestres de cerimônia, falam em público com desembaraço. Notáveis como anfitriões, sabem o nome de cada convidado e o que cada um anda fazendo; e busca que todos estejam envolvidos e bem

atendidos. Sociáveis, podem sentir-se incômodos quando estão sozinhos. A amizade é muito importante para os ESFJ e as conversas com os amigos frequentemente volta-se para recordar os bons tempos do passado. Tradições de família são sagradas e preparam com cuidado aniversários, bodas etc. São fascinados por saber novidades dos amigos e vizinhos: se v. quiser saber o que anda acontecendo na comunidade local (escola, paróquia etc.) eles darão todos os detalhes. São extremamente sensíveis aos sentimentos dos outros (o ESFJ é talvez o tipo mais empático) e também muito susceptíveis ao que os outros pensam deles. Sendo amáveis e afetivos, precisam ser amados e considerados pelos demais. Podem ser esmagados pelas críticas; mas são extremamente felizes quando são apreciados pessoalmente e pelo incansável serviço que prestam aos demais.

2.4 ISFJ (*Protector*)

≤ 10 % da pop. Sorte nossa que os Protetores atingem cerca de 10% da população, pois seu interesse principal é a segurança e a proteção daqueles de quem eles se ocupam – sua família, alunos, amigos, pacientes, chefe, colegas ou empregados. Os Protetores têm um extraordinário sentido de lealdade e responsabilidade e se sentem realizados ao proporcionarem escudos contra os perigos e sujeiras do mundo. Não são dados a teorias ou a testar coisas novas, preferindo valer-se de produtos e procedimentos consagrados pelo tempo em vez de mudar para coisas novas. No trabalho, sentem-se desconfortáveis em situações nas quais as regras estão constantemente mudando e nos quais os procedimentos estabelecidos pelos anos não são respeitados. Valorizam a tradição na cultura e em suas famílias. Acreditam profundamente na hierarquia conferida por nascimento, títulos, cargos e credenciais. Prezam a história da família e

gostam de cuidar das propriedades da família. Gostam de estar ao serviço dos outros e são excelentes em assistir necessitados, deficientes e oprimidos. Não são extrovertidos como os ESFJ e sua timidez pode ser erradamente interpretada como dureza ou frieza, quando na verdade são acolhedores e compreensivos, dedicando-se de bom grado aos necessitados. Na verdade sua reserva deve ser vista como expressão de sua sinceridade e seriedade. O mais dedicado de todos os tipos, os ISFJ gostam de trabalhar dura e longamente e naqueles trabalhos que ninguém reconhece e todos evitam. Frequentemente gostam de trabalhar sozinhos; se são chefes podem fazer o trabalho eles mesmos em vez de encarregar outros. Sóbrios e discretos. Se assumem uma tarefa entregam-se totalmente a ela. Valorizam cada real e detestam o desperdício de dinheiro. Sabem o valor de poupar e de dispor de reservas para emergências. Frequentemente estão sobrecarregados de trabalho, sem reconhecimento por parte dos outros. Suas contribuições são dadas por assente e raramente recebem a gratidão que merecem.

3. Os quatro tipos NF

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Rita C. Scocca Luckner)

3.1 ENFJ (*Teacher*)

Mais que os outros idealistas, os ENFJ tem um talento natural para conduzir alunos ou estagiários à aprendizagem, ou como os Idealistas gostam de pensar, eles são capazes de colocar cada aluno diante das próprias potencialidades. Os ENFJ (cerca de dois por cento da população) podem sem esforço, ao que parece, e quase que indefinidamente, elaborar

atividades de aprendizagens fascinantes para engajarem os alunos nisso. Em alguns ENFJ, essa capacidade de inflamar a imaginação pode ser comparada a uma espécie de genialidade que os outros tipos acham difícil reproduzir. Mas talvez, a maior força deles encontra-se na crença que eles possuem nos alunos. Os ENFJ procuram o melhor em seus alunos e deixam claro que cada um tem um potencial incalculável, e essa confiança pode inspirar os alunos a crescerem e desenvolverem mais do que eles possam imaginar que seja possível.

Qualquer que seja o campo escolhido por eles, os ENFJ consideram as pessoas a maior prioridade, e instintivamente eles transmitem uma preocupação pessoal e disposição para se envolverem. Calorosamente extrovertidos e talvez, os mais expressivos de todos os tipos, os ENFJ são extraordinariamente bons na comunicação de um discurso, face a face. E eles não hesitam ao falar e demonstrar seus sentimentos. Transbordando entusiasmo, os ENFJ irão expressar suas paixões com dramaticidade, e podem, com a prática, se tornarem palestrantes carismáticos. Essa habilidade verbal dá aos ENFJ uma boa dose de influência em atividades coletivas, e eles são frequentemente convidados a assumir um papel de liderança. Os ENFJ gostam de organização e irão agendar seu horário de trabalho e compromissos sociais bem antes do tempo, por causa disso, eles são absolutamente confiáveis para honrarem esses compromissos. Por valorizarem a cooperação interpessoal e as relações harmoniosas, os ENFJ são extremamente tolerantes com os outros, são fáceis de conviver e são, geralmente, populares onde quer que estejam. Os ENFJ são bastante compassivos aos outros, o que significa dizer que a intuição deles tende a ser bem desenvolvida. Certamente a visão deles sobre si e sobre os outros é incomparável. Sem dúvida, eles sabem o que está acontecendo dentro deles mesmos e eles podem ler outras pessoas com uma precisão fantástica. Os ENFJ facilmente se conectam aos outros, e

efetivamente, captam as características, emoções e crenças daqueles que os cercam. Porque eles, quase que inconscientemente, conseguem se colocar no lugar do outro, e dessa forma, os ENFJ sentem-se estreitamente ligados às pessoas ao seu redor, e demonstram um sincero interesse pelas alegrias e problemas de seus funcionários, colegas, estudantes, clientes e entes queridos.

3.2 INFJ (*Counselor*)

Os INFJ tem um desejo excepcionalmente forte para contribuir com o bem estar dos outros, e encontram grande satisfação pessoal em interagir com as pessoas, estimulam o desenvolvimento pessoal, orientando-as a perceber o potencial humano que elas possuem. Embora sejam felizes trabalhando em posições (tais como a de escritor) que requer solidão e muita atenção, os INFJ trabalham muito bem com pessoas ou com grupos de pessoas, desde que as interações pessoais não sejam superficiais e que, de vez em quando eles encontrem um tempo pessoal para recarregar as baterias. Os INFJ são tanto gentis como positivos ao lidarem com os outros; eles são ótimos ouvintes e parecem naturalmente interessados em ajudar as pessoas com problemas pessoais. Geralmente, os INFJ não demonstram a liderança, e preferem trabalhar com pessoas próximas a eles, especialmente em bases individualizadas, exercendo a sua influência nos bastidores.

Os INFJ são minoria, pouco mais de três por cento da população, e pode ser difícil reconhecê-los, uma vez que eles tendem a não compartilhar seus pensamentos mais íntimos ou reações emocionais fortes, exceto com seus entes queridos. Eles são pessoas muito reservadas, com uma vida interior

extraordinariamente rica e complexa. Amigos ou colegas, que os conhecem por anos, podem se surpreender ao se depararem com um lado desconhecido dele.

Não que os INFJ sejam volúveis ou dispersos, eles realmente valorizam sua integridade, mas têm personalidade misteriosa, primorosamente tecida, que às vezes confundem até mesmo eles.

Os INFJ tendem a trabalhar de forma eficaz em organizações. Eles valorizam a harmonia da equipe, e não medem esforços para ajudar uma organização a funcionar perfeitamente. Eles compreendem e utilizam recursos humanos criativamente, são bons em consultar e cooperar com os outros. Como empregado ou empregador, os INFJ são preocupados com os sentimentos das pessoas, e são capazes de agir como um barômetro dos sentimentos dentro da organização.

Abençoados com uma imaginação vívida, os INFJ são vistos muitas vezes como os mais poéticos de todos os tipos, e de fato eles usam muitas imagens poéticas em sua linguagem cotidiana. Seu grande talento para a linguagem – tanto escrita como falada – normalmente é direcionada para se comunicar com pessoas de uma forma personalizada. Os INFJ são altamente intuitivos e podem reconhecer as emoções e intenções do outro – boas ou más – mesmo antes que a pessoa esteja ciente delas. Os próprios INFJ dificilmente podem dizer como chegaram a ler os sentimentos dos outros tão profundamente. Essa extrema sensibilidade para outros pode muito bem ser a base da notável capacidade do Conselheiro de experimentar toda uma gama de fenômenos psíquicos.

3.3 ENFP (*Champion*)

Como outros Idealistas, os ENFP são muito raros, pode-se dizer de três a quatro por cento da população, mas, ainda mais do que os outros, eles consideram as experiências emocionais intensas como sendo essenciais para uma vida plena. Os ENFP possuem um amplo e variado conjunto de emoções e uma grande paixão pela novidade. Eles veem a vida como um emocionante teatro, que cria possibilidades tanto para o bem como para o mal, e querem experimentar todos os acontecimentos significativos e pessoas fascinantes do mundo. Os mais extrovertidos dos Idealistas, os ENFP muitas vezes não conseguem esperar para contar aos outros sobre suas experiências marcantes. Os ENFP podem ser incansáveis ao falar com outras pessoas, sendo como fontes borbulhantes que derramam suas próprias palavras ao se expressarem. E geralmente, isso não é um simples contar de histórias, os ENFP muitas vezes falam (ou escrevem), na esperança de revelarem alguma verdade sobre a experiência humana, ou de motivar os outros com suas firmes convicções. Seu forte impulso para falar sobre questões e fatos, além de seu entusiasmo sem limites e talento natural com a linguagem, os tornam os mais vivazes e inspiradores de todos os tipos.

Ousadamente individualistas, os ENFP lutam por uma autenticidade pessoal, e essa vontade de serem eles mesmos é, geralmente, algo cativante aos outros. Ademais, os ENFP têm uma notável força intuitiva e podem dizer o que está acontecendo com as outras pessoas, lendo as emoções implícitas e dando especial importância às palavras e ações. Na verdade, os ENFP estão sempre analisando o ambiente social, e nenhum aspecto intrigante, ou impulso silencioso está propenso a escapar de sua atenção. Muito mais que os demais Idealistas, os ENFP são interessados, sondam e observam as pessoas ao seu redor e são capazes de se

concentrarem intensamente em outro indivíduo. Sua atenção raramente é passiva ou casual. Ao contrário, os ENFP tendem a serem mais sensíveis e alertas; sempre prontos para situações de emergência, além de atentos a possíveis acontecimentos.

Os ENFP são bons com pessoas e normalmente, têm uma série de relacionamentos pessoais. Eles são acolhedores e esbanjam energia com seus amigos. Eles são simpáticos e ficam à vontade com seus colegas, além de terem grande habilidade para lidarem com funcionários ou alunos. Eles são bons para falarem em público e ao telefone, e por serem tão espontâneos e extrovertidos, as pessoas apreciam estar na companhia deles. Os ENFP são pessoas positivas e exuberantes; sua confiança no que há de bom na vida e na natureza humana geralmente faz com que coisas boas aconteçam.

3.4 INFP (*Healer*)

Os INFP apresentam um semblante calmo e sereno para o mundo, e podem parecer tímidos e distantes. Mas na verdade, em seu interior não são nada serenos e possuem uma capacidade pessoal de cuidar das pessoas que, raramente é encontrada nos demais tipos. Os INFP se preocupam profundamente com a vida interior de algumas poucas pessoas em especial, ou com uma causa mundial em geral. É a grande paixão deles é cuidar dos conflitos que afligem os indivíduos, ou separam grupos, e assim, trazer integridade, ou uma via saudável para si mesmos, para seus entes queridos e para a comunidade.

Os INFP têm um profundo senso de idealismo que vem de uma forte percepção do que é certo e errado. Eles

interpretam o mundo como um lugar de ética e honra; repleto de ótimas possibilidades e grande potencial. Na verdade, para entendermos os INFP precisamos compreender que seu engajamento com o que é positivo e bom é quase altruísta e ilimitado, e isso os inspira a inimagináveis sacrifícios por alguém ou algo do qual acreditam. Ao se manterem longe do resto da humanidade, os INFP podem se sentir ainda mais isolados pela pureza de seu idealismo.

Além disso, por serem muitas vezes incompreendidos na infância, os INFP tendem a ter uma sensação de separação. Os INFP vivem uma infância de fantasia e imaginação, eles são como príncipes ou princesas dos contos de fadas, fato que é, infelizmente, muitas vezes motivo de desaprovação ou até mesmo punição por parte de muitos pais. Como os pais querem manter as mentes deles fora das nuvens, os INFP passam a acreditar que são ruins por serem tão fantasiosos e sonhadores, e começam a ser sentir como patinhos feios. Na verdade, estão bem do jeito que são; apenas diferentes da maioria – cisnes criados em uma família de patos.

No trabalho, os INFP são pessoas bem adaptáveis, receptivas às novas ideias e informações, são pacientes ao lidarem com situações complicadas, porém, são impacientes com detalhes de rotina. Os INFP têm plena consciência das pessoas e de seus sentimentos, e se relacionam bem com os outros. No entanto, por serem reservados, podem se sentir felizes ao trabalharem sozinhos. Ao tomarem decisões, os INFP seguem o coração ao invés da razão, o que significa que eles podem cometer erros em relação ao fato, porém raramente em relação ao sentimento. Eles têm um interesse natural para atividades acadêmicas, e como os outros idealistas, têm uma notável facilidade com a linguagem. Eles têm dom para interpretar histórias, assim como para criá-las, dessa forma, muitas vezes escrevem em forma poética. Frequentemente estão à disposição para sair pelo mundo a

ajudar aos outros quando são chamados, mesmo que para isso precisem sacrificar seu próprio conforto.

4. Os quatro tipos NT

(em <http://www.keirseey.com/> trad. Ariadne Guimarães Dias)

4.1 INTP (*Architect*)

Os INTPs não precisam ser identificados como unicamente interessados em plantas para prédios, estradas ou pontes. Eles são mestres do design de todos os tipos de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias corporativas e novas tecnologias. Para eles, o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e re-projetado. A realidade externa em si não é importante, é mais matéria prima a ser organizada em modelos estruturais. O que é importante para os INTPs é a captar princípios fundamentais e leis naturais, e que seus designs sejam elegantes, eficientes e coerentes.

Os INTPs são raros – cerca de 1% da população – e, mais do que qualquer outro tipo, manifestam a maior precisão em pensamento e fala. Tendem a perceber distinções e inconsistências instantaneamente e podem detectar contradições não importa quando ou onde elas ocorram. É difícil para um INTP ouvir coisas sem sentido, mesmo em uma conversa casual, sem apontar o erro do interlocutor. E em uma discussão séria ou debate são devastadores, sua habilidade em enquadrar os argumentos lhes proporciona uma vantagem enorme. INTPs consideram todas as discussões como uma busca de entendimento, e acreditam que sua função seja eliminar inconsistências, o que pode tornar a comunicação com eles uma experiência desconfortável para muitos.

Pragmatismo impiedoso sobre ideias e curiosidade insaciável levam os INTPs a encontrar os meios mais eficientes para atingir seus fins e eles apreenderão de todas as maneiras e níveis que eles puderem. Ouvirão amadores se suas ideias foram úteis, e vão ignorar especialistas se não o forem. Autoridade derivada de ofício, credenciais ou celebridade não os impressionam. INTPs são interessados somente no que faz sentido e, portanto, somente afirmações consistentes e coerentes são dignas de atenção.

INTPs muitas vezes são difíceis de conhecer. Eles tendem a ser tímidos, exceto com os amigos íntimos, e sua reserva é difícil de vencer. Com uma habilidade para a concentração maior que do qualquer outro tipo, eles preferem trabalhar em silêncio em seus computadores ou pranchetas, e geralmente sozinhos. Também tornam-se obcecados com a análise, e isso pode blindá-los do mundo. Uma vez capturado pelo pensamento, fecha-se e persevera até compreender a questão em sua complexidade. Eles valorizam a inteligência e, em seu grande desejo de compreender a estrutura do universo, podem parecer arrogantes e revelar alguma impaciência com os outros, menos habilitados ou interessados nesse propósito.

4.2 ENTP (*Inventor*)

ENTPs começam a construir engenhocas e mecanismos ainda na infância, e nunca param de fato, embora, como adultos, transformem sua inventividade em muitos tipos de organizações, tanto sociais quanto mecânicas. Não existem muitos ENTPs, digamos 2% da população apenas, mas eles têm grande impacto em nosso cotidiano. Com suas inovações, espírito empreendedor, estão sempre à procura de uma solução melhor, sempre de olho em novos projetos, empreendimentos, processos. Sempre desejando

construir “o novo pulo do gato”. São profundamente pragmáticos e geralmente se transformam em especialistas em encontrar modos mais eficazes de atingir seus objetivos. De todos os tipos são os que mais relutam em fazer coisas de um modo particular, somente porque este é o modo como as coisas têm sido feitas. Como resultado, eles muitas vezes trazem novas abordagens para seus trabalhos e afazeres. ENTPs são intensamente curiosos e continuamente sondam possibilidades, especialmente quando tentam resolver problemas complexos. São repletos de ideias, mas valorizam as ideias somente quando eles tornam possíveis ações e objetos possíveis. Assim, eles vêem o design do produto não como um fim em si, mas como um meio, um caminho de elaboração do protótipo que funciona e que pode ser trazido a mercado. ENTPs são confiantes em seu pragmatismo, contam com suas habilidades para encontrar formas e métodos eficazes, quando eles são necessários, ao invés de fazer um plano detalhado com antecedência. Uma ideia geral é tudo que eles precisam para se sentir pronto para entrar em ação.

Costumam ter um animado círculo de amigos e são interessados em suas ideias e atividades. São geralmente fáceis de lidar, raramente críticos ou implicantes. ENTPs podem ser conversadores animados, capazes de expressar suas ideias complexas e de seguir as ideias de outros. Quando questionam, no entanto, podem deliberadamente empregar suas habilidades de debate para superar notoriamente seus oponentes.

Geralmente não são conformistas em seu local de trabalho e podem ser bem sucedidos em muitas áreas contanto que o emprego não envolva uma rotina monótona. Eles são bons líderes em projetos-piloto que testam sua engenhosidade. São hábeis na engenharia das relações e sistemas humanos, captam rapidamente a política das instituições e sempre querem entender as pessoas dentro do sistema, em vez de lhes dizer o que fazer. Não importa que

posição ocupem, porém, revelam um talento extraordinário para se alçar às demandas mesmo nas mais impossíveis situações. “Isto não dá para ser feito” é um desafio para o ENTP e provoca nele a reação “Sim, eu posso”.

4.3 INTJ (*Mastermind*)

Todos NTs são bons em planejar operações, mas os INTJs estão muito acima de todos no planejamento de contingências. Operações complexas envolvem muitos passos e estágios, um depois do outro em uma progressão necessária, e os INTJs são naturalmente habilitados a compreender como cada um leva ao próximo, e a preparar alternativas para as dificuldades que podem aparecer a qualquer passo do caminho. Tentando antecipar todas as contingências, nunca iniciam seu projeto atual sem um Plano A definido em mente, mas eles sempre estão preparados para trocá-lo para o Plano B ou C ou D - se necessário.

INTJs são raros, compreendem não mais que um ou dois por cento da população, e são raramente encontrados fora dos escritórios, fábricas, escolas ou laboratórios. Embora sejam altamente capazes de liderar, não desejam tomar o comando, preferindo permanecer nos bastidores enquanto outros demonstram suas inabilidades em liderar. Uma vez que eles assumam, no entanto, eles são pragmáticos minuciosos. INTJs têm certeza de que a eficiência é indispensável numa organização bem-sucedida, e se eles encontram ineficiência – e qualquer desperdício de recursos humanos ou materiais – são rápidos em realinhar as operações e designar novas pessoas. Não se sentem atados por regras e procedimentos estabelecidos, e autoridades tradicionais não os impressionam, assim como slogans ou frases feitas. Somente ideias que fazem sentido para eles são adotadas; as que não fazem sentido, não o são,

independentemente de quem as tenha tido. Lembre-se, seu objetivo é sempre o máximo de eficiência.

Em suas carreiras, usualmente os INTJs despontam em posições de responsabilidade, porque trabalham duro, por longo tempo, e se dedicam a perseguir seus objetivos, não poupando nem seu tempo, nem esforço, nem o de seus colegas e empregados. Resolver problemas é altamente estimulante para eles, que amam trabalhar com sistemas complexos que demandam cuidadosa análise. Geralmente, verbalizam o positivo e evitam comentários de natureza negativa. São mais interessados em levar uma organização adiante do que deter-se diante dos erros do passado.

INTJs tendem a ser mais definitivos e autoconfiantes que os outros NTs, tendo uma forte determinação. As decisões são fáceis para eles; de fato, eles mal podem descansar até que tenham tudo definido e resolvido. Mas antes que decidam qualquer coisa, eles precisam fazer pesquisa. São altamente teóricos, mas insistem em examinar todos os dados disponíveis antes de abraçar uma ideia, e desconfiam de qualquer declaração baseada em uma pesquisa de má qualidade, ou que não foi checada em confronto com a realidade.

4.4 ENTJ (*Fieldmarshal*)

Dentre os quatro aspectos da definição e análise estratégicas é o papel de comando, organização situacional que alcança o seu ápice e maior desenvolvimento no ENTJ. E como o desempenho desse papel demanda gerenciamento sob contingência, a segunda característica do intelecto deste tipo é divisar planos de contingência. A engenharia estrutural e funcional, embora praticada em algum grau ao longo das operações organizacionais, tendem a não ser bem

desenvolvidas e logo são ultrapassadas com o rápido crescimento de habilidades em organização. Mas é preciso dizer que qualquer tipo de exercício estratégico tende a trazer maior força à engenharia, bem como habilidades de organização.

Cerca de 2% da população, os ENTJs são voltados a liderar outras pessoas, e desde crianças podem ser observados assumindo o comando de grupos. Em alguns casos, eles simplesmente encontram-se no comando de grupos, e ficam intrigados sobre como isso aconteceu. Mas a razão é que eles têm um forte desejo natural para dar estrutura e direção onde quer que estejam - para aproveitar as pessoas disponíveis e encaminhá-las para alcançar objetivos distantes. Assemelham-se aos ESTJ em sua tendência para estabelecer planos para uma tarefa, empresa, ou organização, mas ENTJs procuram mais por políticas e objetivos do que regulamentos e procedimentos.

É impossível para eles não construir organizações, e não podem deixar de impelir para implementar seus objetivos. Quando no comando de uma organização, seja no serviço militar, negócios, educação, ou no governo, mais do que qualquer outro tipo desejam (e geralmente têm a capacidade) de visualizar para onde a organização está indo, e eles parecem ser capazes de comunicar essa visão para outros. Suas habilidades organizacionais e de coordenação tende a ser altamente desenvolvidas, o que significa que é de esperar que sejam bons em sistematizar, ordenar prioridades, generalizar, resumir, articular argumentos e demonstrar suas ideias. Sua capacidade de organizar, no entanto, pode ser mais desenvolvida do que a sua capacidade de analisar, e o líder ENTJ pode precisar de recorrer a um ENTP ou INTP para fornecer esse tipo de contribuição.

ENTJ s geralmente vão subir para posições de responsabilidade e gostam de ser executivos. Eles são incansáveis no devotamento a seu trabalho e podem

facilmente bloquear outras áreas da vida por causa da profissão. Administradores excelentes em qualquer campo - medicina, direito, negócios, educação, governo, militares - organizam suas unidades como sistemas que funcionam bem, planejando com antecedência e mantendo os objetivos de curto prazo e de longo alcance bem em mente. Para o ENTJ deve haver sempre uma razão direcionada para fazer qualquer coisa, e os sentimentos das pessoas geralmente não são razão suficiente. Eles preferem que as decisões sejam baseadas em dados impessoais, querem trabalhar em planos bem pensados, gostam de usar operações de engenharia - e esperam o mesmo dos outros. Eles estão sempre com a intenção de reduzir a papelada da burocracia, redundância de tarefas e confusões no local de trabalho, e estão dispostos a demitir funcionários que não sintonizem com o programa e não contribuam para sua eficiência. Embora sejam tolerantes com os procedimentos estabelecidos, eles podem e irão abandonar qualquer procedimento que se revelar ineficaz no cumprimento dos objetivos. ENTJs rejeitam e eliminam a ineficácia e ineficiência, e são impacientes com a repetição de erros.